



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO PÚBLICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

CARLOS HENRIQUE MACIEL CABRAL

**VEGETARIANISMO NA UFPE: ANÁLISE DA COMUNIDADE
ACADÊMICA E DA ESTRUTURA OFERECIDA**

Recife

2022

CARLOS HENRIQUE MACIEL CABRAL

**VEGETARIANISMO NA UFPE: ANÁLISE DA COMUNIDADE
ACADÊMICA E DA ESTRUTURA OFERECIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Gestão Pública. Área de concentração: Gestão Pública para o Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof.º Dr. Marcos Roberto Gois de Oliveira.

Recife

2022

Catálogo na Fonte
Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

C117v Cabral, Carlos Henrique Maciel
Vegetarianismo na UFPE: análise da comunidade acadêmica e da estrutura oferecida / Carlos Henrique Maciel Cabral. – 2022.
104 folhas: il. 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Gois de Oliveira.
Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, 2022.
Inclui referências e apêndices.

1. Vegetarianismo. 2. Estilo de vida. 3. Universidade Federal de Pernambuco. I. Oliveira, Marcos Roberto Gois de (Orientador). II. Título.

351 CDD (22. ed.) UFPE (CSA 2021 – 016)

CARLOS HENRIQUE MACIEL CABRAL

**VEGETARIANISMO NA UFPE: ANÁLISE DA COMUNIDADE ACADÊMICA E DA
ESTRUTURA OFERECIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre Profissional em Gestão Pública. Área de concentração: Gestão Pública para o Desenvolvimento Regional.

Aprovada em: 18/02/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Roberto Gois de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Bárbara Eduarda Nóbrega Bastos (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Karina Correia da Silveira (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela inspiração e persistência na realização do curso e desta dissertação, bem como à minha família pelo suporte dado.

Em especial, agradeço ao meu orientador, Professor Marcos Roberto Gois de Oliveira, cujos conhecimento, competência e ensinamentos foram indispensáveis para a consecução deste trabalho.

Por fim, agradeço aos meus colegas de mestrado, todo o corpo docente e a equipe da secretaria do curso.

RESUMO

O estilo de vida vegetariano, englobando suas vertentes e simpatizantes, é uma tendência em ascensão a nível global, representando um nicho mercadológico com um crescimento de 40% ao ano. Naturalmente, a temática vegetariana possui um rebatimento no meio acadêmico, uma vez que a comunidade que o compõe também possui adeptos desse estilo de vida. Deste modo, o presente estudo tem o objetivo de verificar qual o perfil do público vegetariano da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) sob os aspectos socioeconômico, cultural e mercadológico, bem como analisar a estrutura oferecida a esse público. A pesquisa está estruturada em dois artigos. O primeiro versa sobre a análise do público vegetariano na UFPE, tendo como unidade amostral os alunos frequentadores do Restaurante Universitário (RU) do campus Joaquim Amazonas. O segundo artigo avalia a percepção dos usuários (docentes, técnicos e alunos) em termos de espaço físico e opções de pratos que atualmente são oferecidas ao público vegetariano no Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). A coleta dos dados foi realizada por meio da aplicação de questionário online. Dentre os resultados obtidos, destaca-se que o nível de restrição do público vegetariano a alimentos de origem animal no RU da UFPE é relativamente baixo, haja vista que a maioria dos respondentes se considera flexitariano, seguidos pelos ovolactovegetarianos. Além disso, os usuários do RU apontaram a falta de sabor nos preparos e o incremento na qualidade geral percebida das refeições como pontos de melhoria. O Centro de Artes e Comunicação concentrou a maior parte dos respondentes vegetarianos e simpatizantes. Os frequentadores do RU afirmaram o bem-estar animal como principal motivo para a mudança no estilo de alimentação, enquanto no CCSA, a saúde foi o principal motivo. No CCSA, foi realizada a análise financeira de uma proposta de cardápio semanal com opções vegetarianas, que se mostrou viável. Conclui-se que há uma demanda latente por maior oferta de refeições sem produtos de origem animal na universidade e a necessidade de haver locais para refeição (restaurantes, quiosques) com propostas variadas de cardápio e preço para atender a demanda diária e diversificada da universidade.

Palavras-chave: Vegetarianismo; Estilo de vida; Universidade; Inclusão social.

ABSTRACT

The vegetarian lifestyle, encompassing its aspects and supporters, is a rising trend at a global level, representing a market niche with a growth of 40% per year. Naturally, the vegetarian theme has a repercussion in the academic environment, since the community that composes it also has supporters of this lifestyle. Thus, the present study aims to verify the profile of the vegetarian public at the Federal University of Pernambuco (UFPE) under the socioeconomic, cultural and marketing aspects, as well as to analyze the structure offered to this public. The research is structured in two essays. The first deals with the analysis of the vegetarian public at UFPE, having as a sample unit the students who frequent the University Restaurant (RU) on the campus Joaquim Amazonas. The second essay evaluates the perception of users (teachers, technicians and students) in terms of physical space and food options that are currently offered to the vegetarian public at the Center for Applied Social Sciences (CCSA). Data collection was performed through the application of an online questionnaire. Among the results obtained, it is highlighted that the level of restriction of the vegetarian public regarding animal based food in the RU of UFPE is relatively low, given that most respondents consider themselves flexitarian, followed by lacto-ovo vegetarians. In addition, RU users pointed out the lack of flavor in the preparations and the increase in the general perceived quality of the meals as points for improvement. The Center for Arts and Communication concentrated most of the vegetarian and sympathetic respondents. RU regulars stated that animal welfare was the main reason for changing their eating style, while in CCSA, health was the main reason. At the CCSA, a financial analysis of a proposal for a weekly menu with vegetarian options was carried out, which proved to be viable. It is concluded that there is a latent demand for a greater supply of meals without animal products at the university and there is a need to have places for meals (restaurants, kiosks) with varied menu and price proposals to meet the daily and diversified demand of the university.

Keywords: Vegetarianism; Lifestyle; University; Social inclusion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Composição recomendada para uma refeição vegana.....	19
Figura 2 - Motivos para mudança no estilo de alimentação por usuários do RU.....	41
Figura 3 - Elementos influenciadores da decisão de mudança do estilo de alimentação em usuários do RU (Campus Recife).....	45
Figura 4 - Meios de alimentação de indivíduos vegetarianos ou simpatizantes na UFPE.....	47
Figura 5 - Aprovação acerca da estrutura e adequação ao público vegetariano na UFPE por usuários do RU (Campus Recife).....	48
Figura 6 - Avaliação da oferta de opções vegetarianas em locais diversos por usuários do RU (Campus Recife).....	49
Figura 7 - Intenção de adotar dieta vegetariana de frequentadores do RU (Campus Recife).....	52
Figura 8 - Disposição a consumo de pratos vegetarianos por onívoros frequentadores do RU (Campus Recife).....	53
Figura 9 - Frequência de consumo de pratos vegetarianos por onívoros ao frequentar o RU (Campus Recife).....	54
Figura 10 - Aprovação da oferta de opções vegetarianas oferecidas no RU (Campus Recife) por seus usuários.....	55
Figura 11 - Avaliação de aspectos voltados aos vegetarianos no RU (Campus Recife) por seus usuários.....	56
Figura 12 - Motivos para a adoção do estilo de alimentação vegetariano por frequentadores do CCSA.....	75
Figura 13 - Meios de alimentação de frequentadores vegetarianos do CCSA quando estão no centro.....	76
Figura 14 - Avaliação da oferta de opções vegetarianas em diversos locais por frequentadores vegetarianos do CCSA.....	76
Figura 15 - Disposição ao consumo de pratos vegetarianos por onívoros frequentadores do CCSA.....	78
Quadro 1 - Compilação dos resultados de pesquisas sobre o vegetarianismo.....	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tamanho da amostra em função da margem de erro.....	32
Tabela 2 - Comparativo da amostra de vegetarianos e onívoros do RU (Campus Recife).....	36
Tabela 3 - Classificação dos indivíduos adeptos do vegetarianismo no RU (Campus Recife).....	39
Tabela 4 - Apresentação do p-valor das variáveis do artigo 1.....	40
Tabela 5 - Parâmetros descritivos da avaliação de ofertas vegetarianas em locais diversos por usuários vegetarianos do RU (Campus Recife).....	50
Tabela 6 - Preparações vegetarianas oferecidas no RU (Campus Recife) em outubro/2019.....	51
Tabela 7 - Parâmetros descritivos da avaliação de aspectos do Restaurante Universitário (Campus Recife).....	56
Tabela 8 - Comparativo do perfil de vegetarianos e onívoros no CCSA.....	72
Tabela 9 - Classificação dos indivíduos adeptos do vegetarianismo no CCSA.....	74
Tabela 10 - Parâmetros descritivos da avaliação de ofertas vegetarianas em locais diversos por usuários vegetarianos do CCSA.....	77
Tabela 11 - Comparativo de cardápio semanal hipotético de preparações com carne e sem carne.....	80

LISTA DE SIGLAS

Andifes	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
Ascom	Assessoria de Comunicação
CAA	Centro Acadêmico do Agreste
CAV	Centro Acadêmico de Vitória
CCJ	Centro de Ciências Jurídicas
CCSA	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Convibra	Congresso Virtual Brasileiro
DAE	Diretoria de Assuntos Estudantis
Embrapa	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Ebserh	Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares
EAD	Ensino à Distância
Ibope	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
IPC	Índice de Preços ao Consumidor
Ipec	Inteligência em Pesquisa e Consultoria
UC	Pontificia Universidad Católica de Chile
Proaes	Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis
RU	Restaurante Universitário
STI	Superintendência de Tecnologia da Informação
SVMA	Secretaria do Verde e Meio Ambiente
SVB	Sociedade Vegetariana Brasileira
UC	Universidade de Coimbra
Uerj	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Unesp	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO GERAL	11
1.1. Justificativa e problematização	13
1.2 Objetivo geral	17
1.3 Objetivos específicos	17
2. ARTIGO 1 - ANÁLISE DO PERFIL DOS FREQUENTADORES VEGETARIANOS DO RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORDESTE	18
3. ARTIGO 2 - ANÁLISE DO PÚBLICO VEGETARIANO EM UM CENTRO ACADÊMICO DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL NORDESTINA: IMPLICAÇÕES MERCADOLÓGICAS NA OFERTA DE REFEIÇÕES	59
4. CONCLUSÃO GERAL	84
5. REFERÊNCIAS	87
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DO ARTIGO 1	93
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DO ARTIGO 2	99

1. INTRODUÇÃO GERAL

A ascensão e a popularização da dieta vegetariana e vegana é um fenômeno que acontece de forma global. Os motivos para tanto são diversos, indo desde a preocupação com a saúde, o bem-estar animal, a proteção ao meio ambiente, até mesmo por influência de celebridades. O fato é que nos países desenvolvidos, o mercado consumidor apresenta uma modificação nos hábitos alimentares da população, principalmente a partir do final da década de 2000, no sentido de que o consumo de carne não foi totalmente cortado, mas sim reduzido. Baroke (2014, p. 4) apresenta alguns exemplos pelo mundo em que a redução no consumo de carne foi observada:

Nossos dados de alimentos frescos mostram que, durante o período de análise de 2008-2013, os volumes de carne fresca caíram 2% na América do Norte e permaneceram estagnados na Europa Ocidental. Na última região, as vendas de valor substituto da carne congelada aumentaram 7% em 2013 e na Alemanha, até 23%. No início deste ano, o Conselho Superior de Saúde da Bélgica, um órgão científico consultivo do governo belga, recomendou que não fossem consumidos mais de 500g de carne vermelha fresca em uma semana por pessoa, a fim de evitar doenças como o câncer colorretal. Diretrizes oficiais que advogam a moderação do consumo de carne podem proliferar em breve em todo o mundo. (BAROKE, 2014, p. 4)

Observa-se que o consumo de carne, apesar de ainda muito latente, apresenta uma redução, sendo a proteína animal substituída por opções vegetais, principalmente na Europa. A decisão do governo Belga de recomendar um limite de consumo semanal de carne evidencia um dos pontos negativos da produção e consumo de carne, que são os efeitos adversos à saúde do indivíduo que consome proteína animal em grandes quantidades. Por este motivo e outros (proteção ao meio ambiente, respeito aos animais, opção religiosa etc.), o movimento vegetariano continua em expansão.

Este crescimento é corroborado por House (2019), segundo a qual as principais tendências de dieta de 2019 foram o vegetarianismo e o veganismo. E as perspectivas para os anos seguintes são bastante positivas para esse público com o aumento da oferta de alimentos, produtos diversos e empreendimentos voltados para esse nicho de mercado.

O indivíduo vegetariano não consome nenhum tipo de carne, seja bovina, suína, peixes, aves, etc. Contudo, essa dieta possui um leque de variações, que são classificadas de acordo com o nível de restrição a alimentos de origem animal (alimentos de origem vegetal são consumidos irrestritamente). De forma sintética, o ovolactovegetariano consome ovos, leite e laticínios. O lactovegetariano consome leite e seus derivados. O ovovegetariano consome somente ovos. O vegetariano estrito não consome nenhum produto de origem animal. Já no

veganismo, além de não ser utilizado nenhum produto de origem animal, a questão vai além do fator alimentar, englobando vestuário, cosméticos, produtos de limpeza, dentre outros.

Além dessas vertentes, há classificações não exatamente vegetarianas, mas que buscam menor consumo de proteína animal. É o caso dos flexitarianos, que priorizam a alimentação vegetariana, mas que esporadicamente ainda consomem proteína animal. Já os pescovegetarianos consomem apenas frutos do mar em se tratando de carne animal, enquanto consomem todos os tipos de vegetais.

Segundo Ribeiro (2019, p. 3), “estima-se que 4% da população brasileira, cerca de 7,6 milhões de pessoas, seja de vegetarianos, muitos deles, veganos”. A oferta de produtos vegetarianos e veganos prontos para consumo era bastante escassa há alguns anos, mas com o passar do tempo surgiram no mercado várias opções para esse público. Não à toa, esse nicho mercadológico representa um mercado que apresenta um crescimento de 40% ao ano, ainda segundo Ribeiro (2019). Assim, constata-se a clara expansão desse nicho de mercado.

Todos esses aspectos voltados ao vegetarianismo e seu crescimento possuem um rebatimento no meio acadêmico, uma vez que a comunidade que o compõe (docentes, técnicos e alunos) naturalmente possui adeptos desse estilo de vida. Assim, o presente estudo buscará compreender o perfil desse público na UFPE. A relação com a gestão pública se dá pelo fato de que a universidade é composta por uma diversidade cultural, de crenças, etnias e minorias.

Assim, cabe aos gestores públicos das instituições de ensino superior (IES) identificar as necessidades, demandas e ânsias desses grupos para então traçar medidas e elaborar políticas públicas adequadas. Neste sentido, pode-se considerar o público vegetariano universitário na condição de minoria, que até o momento foi pouco explorada na UFPE, carecendo de estudos mais aprofundados sobre esta temática. Assim, este estudo propõe-se a contribuir com dados e informações que possam ajudar os gestores públicos desta instituição nas tomadas de decisão e elaboração de políticas voltadas aos indivíduos vegetarianos.

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Pernambuco, no Campus Recife. A comunidade acadêmica da universidade abrange os docentes, alunos e servidores técnico-administrativos do Campus Joaquim Amazonas (Campus Recife), além do Campus Centro, Campus Caruaru e o Campus Vitória.

De modo a concretizar o presente estudo, o mesmo está estruturado em dois artigos (ensaios) relacionados entre si. O primeiro versa sobre a análise do público vegetariano na UFPE, tomando como unidade amostral os alunos frequentadores do Restaurante Universitário (RU) do campus Joaquim Amazonas, no Recife. O segundo artigo avalia a percepção dos

usuários em termos de espaço físico e opções de pratos que atualmente são oferecidas ao público vegetariano no Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), localizado no campus Recife, englobando alunos, técnicos e docentes de tal centro acadêmico. Portanto, intenta-se verificar qual o perfil do público vegetariano da UFPE sob os aspectos socioeconômico, cultural e mercadológico, bem como analisar a estrutura oferecida a esse público.

1.1. Justificativa e problematização

A escolha da temática vegetariana para desenvolvimento neste estudo decorre do fato de que o movimento vegetariano e vegano, tendo adeptos por todo o mundo, por vezes pode fazer parte do cotidiano da população mesmo que indiretamente. Seja na mídia, internet, mercados consumidores ou no convívio social, algum tipo de contato com produtos ou conceitos vegetarianos ocorre. Segundo Oberst (2018), celebridades, atletas, grandes companhias como o Google e países importantes como a China apoiam o movimento para maior consumo de alimentos à base de plantas.

Neste sentido, é natural que tal movimento passe a ganhar força entre o público mais jovem e conseqüentemente, nas instituições de ensino públicas e privadas. O ambiente universitário é muito propício ao desenvolvimento desse tipo de estilo de vida dada a enorme diversidade presente nesses locais, seja de raça, gênero, condição econômica, ideológica etc.

Este fato é reforçado em pesquisa realizada por Nunes (2010) na Região Metropolitana de São Paulo em 2009, com 230 adeptos do vegetarianismo, constatando que 70% dos ativistas são do gênero feminino, com idade média de 29 anos. Do total da amostra, 38% declararam-se religiosos e 63% têm ensino superior (42%) ou maior titulação (21%). A maioria são ovolactovegetarianos, com 56%; os lactovegetarianos são da ordem de 13%; e os que se declararam veganos atingiram 29%. O principal motivo para se tornarem vegetarianos foi o respeito aos animais, com 62% das opções de escolha.

Observa-se nos resultados da pesquisa acima que boa parte dos respondentes possui graduação ou maior titulação, além da parcela feminina ser significativa. Ademais, a motivação para a adoção do vegetarianismo vai além da própria saúde, mas por respeito aos animais, como mostra outra pesquisa realizada por Queiroz *et al.* (2018) em 2017 com 419 indivíduos de diversas cidades do país, apontando que o respeito ao direito dos animais foi o principal motivador para a mudança de estilo de alimentação e de vida. A mesma pesquisa também indagou aos entrevistados qual o principal obstáculo ao consumo de produtos especificamente

veganos. As respostas apontaram o preço elevado dos produtos como o principal impeditivo, seguido da baixa variedade de produtos disponíveis no mercado. A maioria dos respondentes (37%) se considera ovolactovegetariano e veganos somam 28%. A idade predominante é entre 18 e 25 anos (53%) e com ensino superior incompleto sendo o destaque entre os respondentes (37%). O público feminino apresentou percentual expressivo de 87%.

Pesquisa realizada por Braucks *et al.* (2021) também traz informações relevantes para a área. O estudo foi realizado de janeiro a agosto de 2019, com 349 vegetarianos em idade adulta, residentes no estado do Rio de Janeiro. Do total de participantes, 85% são do sexo feminino, com média de idade de 40 anos (entre 18 e 63 anos). Identificou-se que quanto ao tipo de alimentação, 45,3% dos respondentes se consideram ovolactovegetarianos e 47,3% vegetarianos estritos. Em menor percentual, 4,01% são ovovegetarianos e 3,44% são lactovegetarianos. Sobre os motivos para adoção da dieta vegetariana, 68,2% relataram questões relacionadas à defesa animal, 22,4% em função de aspectos éticos e 15,2% em relação à saúde. Por fim, quando indagados sobre o tempo de adoção da dieta vegetariana, 13,5% informaram que são adeptos por menos de 1 ano, 63,9% são de 1 a 5 anos e 10,9% por mais de 10 anos.

Já uma pesquisa realizada por Aravena *et al.* (2020) questionou 152 alunos do primeiro ano da Pontificia Universidad Católica de Chile (UC). Dos respondentes, 49,4% se consideram vegetarianos, sendo a maioria de ovolactovegetarianos (21,1%), seguidos por pescovegetarianos, os quais consomem frutos do mar (14,5%), veganos (4,6%), flexitarianos (3,9%), lactovegetarianos (3,3%) e ovovegetariano (2%). As mulheres predominam entre os respondentes que não consomem carne, sendo 84%, com idades entre 18 e 20 anos. Os principais motivos para adesão à dieta vegetariana foram aspectos relacionados ao meio-ambiente e à proteção animal.

Estudo realizado por Barros *et al.* (2020) com o objetivo de analisar o vegetarianismo entre alunos maiores de 18 anos ingressantes em cursos presenciais da graduação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), aplicou questionário com 1.841 indivíduos entre novembro de 2017 a julho de 2018. 54,8% dos respondentes são do sexo feminino e 41,2% possuem entre 18 e 19 anos, predominância de raça/cor branca (71,9%), com 34,4% matriculados em cursos da área de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas. A dieta onívora foi dominante, com 93,6% das respostas. Os 6,4% restantes dividem-se nas dietas ovolactovegetariana (5,4%), vegetariana estrita (0,7%), ovovegetariana (0,2%) e lactovegetariana (0,1%).

Pesquisa desenvolvida por Doneda et al. (2020) contou com a participação de 202 indivíduos vegetarianos e veganos de Porto Alegre e região metropolitana, sendo 22 homens, 178 mulheres e duas pessoas não-binárias, com média de idade de 29 anos. Dos resultados obtidos, 93% dos respondentes informaram possuir ensino superior em andamento ou finalizado, além de mestrado e doutorado. A área de Ciências Sociais Aplicadas foi a de maior predominância entre os respondentes (34%), seguido por Ciências da Saúde (27%) e Ciências Humanas (19%).

Quanto à vertente alimentar/estilo de vida, 48% afirmaram ser ovolactovegetarianos, seguidos por 33% de veganos, 10% vegetarianos estritos, 5% ovovegetarianos e 4% lactovegetarianos. A ética e o direito dos animais foi o principal motivo para adesão ao vegetarianismo (92%), ficando o meio ambiente em segundo lugar (56%) e a saúde em terceiro (35%).

Ainda sobre o estudo de Doneda et. al (2020), em se tratando de religião, 40% dos participantes afirmaram ter espiritualidade, mas não possuem religião, enquanto 38% declararam apenas que não possui religião. Este percentual é similar ao encontrado por Wrenn (2019), citado por Doneda (2020), onde em uma amostra de 287 veganos dos Estados Unidos, 54,7% se declararam ateus e 17,4% agnósticos, totalizando 72,5%.

Os resultados das pesquisas apresentadas acima inferem que o público jovem, universitário, feminino em sua maioria, está mais engajado em questões que envolvam o bem-estar animal e o meio ambiente, aderindo a um estilo de vida mais sustentável. Neste sentido, vislumbrou-se a oportunidade de realizar o presente estudo na Universidade Federal de Pernambuco, dada a sua importância como instituição de ensino, mas principalmente por nela estarem presentes indivíduos de diferentes classes sociais, gênero, raças, crenças e costumes, que condizem com o perfil do público vegetariano e vegano apresentado nas pesquisas acima.

Esta pluralidade presente nas universidades é apresentada em números pela V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das Instituições Federais de Ensino Superior, realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) em 2018.

Os principais resultados obtidos a nível nacional foram: corpo discente com predominância do sexo feminino em todas as regiões geográficas, alcançando 54,6% da população-alvo, um aumento 3,2% em 2018, relativamente a 1996; a idade média dos discentes é de 24,43 anos; percentual de negros [pretos(as) quilombolas, pretos(as) não quilombolas e pardos(as)] alcança pela primeira vez no espectro temporal das pesquisas de perfil da Andifes

a maioria absoluta do universo pesquisado: 51,2%, seguidos por 43,3% de brancos, 2% de amarelos e 0,9% de indígenas.

A pesquisa também constatou que os indivíduos que se declaram cis são maioria (88,2%), tanto entre mulheres como homens. Porém, agrupando-se todos os respondentes que negam tal identidade, obtém-se uma proporção nacional de 11,6%. Em relação à orientação sexual, pouco mais de 1/5 dos(as) discentes não se classifica como heterossexual. Outra descoberta da pesquisa é que 70,2% do total de discentes das IFES têm renda mensal familiar per capita de até um e meio salário mínimo

Especificamente sobre as instituições da Região Nordeste, os dados obtidos pela pesquisa foram: 78,3% possuem renda familiar per capita de até um e meio salário mínimo; 52,5% são do sexo feminino e 47,2% do sexo masculino; 65,9% se declaram negros, 28,4% brancos, 2,4% amarelos e 0,9% indígenas. Vale destacar também que o ingresso de estudantes nas instituições de ensino foi influenciado pela Lei nº 12.711 de 29/08/2012, que instituiu o sistema de cotas. Neste sentido, a pesquisa constatou que 58,2% dos graduandos em 2018 ingressaram por ampla concorrência e 41,8% pelo sistema de cotas.

Estando a UFPE inserida neste cenário regional nordestino, os dados obtidos pelas pesquisas apresentadas acima nortearão a realização do presente estudo. No âmbito da UFPE, alguns pontos merecem destaque sobre a temática a ser estudada. Primeiramente, a questão do vegetarianismo ainda é pouco explorada na instituição, não tendo sido encontradas pesquisas acadêmicas dedicadas a esta temática, aplicada na UFPE.

Outro problema detectado diz respeito ao Restaurante Universitário, que durante a elaboração deste estudo, encontrava-se em processo licitatório, com um novo prestador de serviço já selecionado para fornecer as refeições, haja vista que a prestação de serviço é terceirizada. Porém, as atividades ainda não haviam sido iniciadas devido à pandemia da COVID-19. A licitação que foi realizada para tal fim estabeleceu em seu Termo de Referência relacionado ao Edital de Pregão Eletrônico nº 22/2019, a necessidade de haver uma opção de prato que contemple o público vegetariano em cada refeição diária.

Contudo, não há um controle preciso, dentre os alunos aptos a frequentar o RU, de quantos são adeptos dessa dieta e quais são suas necessidades. Além disso, a universidade como um todo não possui registros detalhados e nem ações específicas para com esse público.

Portanto, do ponto de vista científico e acadêmico, a realização deste estudo contribuirá para enriquecer o cabedal de conhecimento acerca da temática vegetariana no âmbito da UFPE. Consequentemente, as conclusões obtidas a partir desta pesquisa poderão auxiliar os gestores

públicos em ações mais assertivas para com o público vegetariano e vegano, o que nos leva ao aspecto social desta pesquisa, uma vez que os benefícios para este grupo estão ligados às questões de inclusão, bem-estar social e saúde dos indivíduos.

Levando-se em consideração estas nuances, observa-se que há um campo em aberto para o desenvolvimento de pesquisas na temática vegetariana. Assim, o presente estudo foi dividido em dois artigos complementares entre si, onde o primeiro aborda o Restaurante Universitário (RU) do Campus Recife, ao passo que o segundo é focado no Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). Assim, a pergunta geral da pesquisa diz respeito a **qual é o perfil do público vegetariano e a estrutura alimentar oferecida aos mesmos na UFPE?**

1.2 Objetivo geral

Avaliar o perfil socioeconômico do público vegetariano, a infraestrutura disponível e a importância desse segmento na UFPE.

1.3 Objetivos específicos

- Identificar o perfil socioeconômico e cultural do público vegetariano frequentador do Restaurante Universitário (Campus Recife) da UFPE;
- Identificar a percepção do público frequentador do Restaurante Universitário (Campus Recife) acerca da oferta alimentar oferecida aos vegetarianos;
- Identificar o perfil socioeconômico e cultural do público vegetariano de um centro acadêmico da UFPE, o Centro de Ciências Sociais Aplicadas;
- Analisar o aspecto mercadológico relativo à oferta de preparações vegetarianas oferecidas no Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

2. ARTIGO 1 - ANÁLISE DO PERFIL DOS FREQUENTADORES VEGETARIANOS DO RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORDESTE

2.1 Introdução

A preocupação com o meio ambiente e com uma sociedade mais sustentável são agendas governamentais de destaque em vários países, ensejando um enfoque não apenas político, mas também econômico, associado à dinâmica do campo social, como bem ressalta Ribeiro (2019, p. 4):

De acordo com Borges et. al. (2011) a sociedade atual busca se pautar no desenvolvimento sustentável procurando integrar o tripé social-econômico-ambiental (triple bottom line), harmonizando rentabilidade financeira e crescimento econômico com a justiça e o bem-estar social, a conservação ambiental e a utilização racional dos recursos naturais. (RIBEIRO, 2019, p. 4)

Deste modo, as temáticas da gestão ambiental e da responsabilidade social possuem um destaque maior no cenário organizacional, onde as empresas precisam observar e acompanhar os movimentos mundiais a fim de se adequarem às necessidades da sociedade e assumirem uma postura de organizações sustentáveis.

Segundo Rodrigues e Gomes (2019, p. 2), “os grupos vegetarianos ganham cada vez mais força e impacto social, deixando de ser apenas uma escolha individual para se tornar um movimento coletivo, com a busca e a propagação de informação, o impacto do consumo e do não consumo de carne para nosso planeta e para a nossa saúde”. Estes elementos contribuem para explicar o crescente número de vegetarianos não apenas no Brasil, mas por todo o mundo.

O público vegano acompanha esse crescimento, mas diferentemente da dieta vegetariana, o estilo vegano vai além da alimentação. Segundo a Vegan Society (2017), o veganismo “prega o fim da utilização de animais, seja para alimentação, como commodities, meio de trabalho, caça, bem como por quaisquer outros modos que envolvam a exploração da vida animal pelo homem”. É uma ideologia voltada à emancipação dos animais da exploração pelo ser humano.

Não está restrito apenas o consumo de alimentos de origem animal (incluindo-se ovos, leite e derivados, mel, dentre outros) e de produtos ou serviços que utilizem insumos de origem

animal, mas também produtos que sejam testados em animais e ainda a utilização de animais como forma de entretenimento é combatida.

O indivíduo vegano não utiliza ou veste nada de origem animal, como seda, couro, peles de animais, produtos cosméticos, maquiagens ou ainda produtos de higiene que possuam em sua composição alguma origem animal (INFORME BRASIL, 2020) ou que tenham sido testados em animais.

Então, é necessário que o vegano substitua a proteína animal e o cálcio proveniente do leite por alternativas vegetais, para que tenha uma boa saúde em termos nutricionais. De acordo com Dalmaso (2020), do Portal Vegano, recomenda-se que uma refeição vegana equilibrada deve ter a seguinte composição:

Figura 1 - Composição recomendada para uma refeição vegana



Fonte: Dalmaso (2020)

De acordo com a proposta da figura acima, uma refeição equilibrada e saudável é composta por 50% de legumes e verduras, 25% de cereais e batatas e 25% de feijões e outras leguminosas. Além disso, Aravena et al. (2020), alerta que além das proteínas e do cálcio, a dieta vegana exige uma atenção maior na reposição do mineral ferro, vitamina B12, vitamina D e ômega-3.

Outro aspecto relacionado à inadequação alimentar é a adesão ao vegetarianismo ou veganismo por modismo. Esse fenômeno ocorre em partes por influência de celebridades

adeptas a essas dietas, segundo associações e sociedades vegetarianas e veganas no mundo. Porém, as consequências de tal fato podem ser graves do ponto de vista da saúde do indivíduo, uma vez que uma mudança significativa na dieta alimentar exige planejamento e acompanhamento de especialistas. “Em muitos casos, devido a falta de conhecimento, as pessoas tendem a adquirir alguma deficiência nutricional e conseqüentemente alguma patologia relacionada à falta de algum nutriente e devido a essa ocorrência acabam deturpando a imagem do movimento”. (CAVALHEIRO *ET AL.*, 2018, p. 58)

A inadequação da dieta alimentar não é exclusividade do vegetarianismo ou veganismo (bem como não é regra), mas abrange qualquer regime alimentar que também inclua a carne. Neste sentido, no âmbito universitário, a questão nutricional é um elemento de grande importância, inclusive pelo fato de que a dieta alimentar dos estudantes universitários tende a ser deficitária, havendo vários motivos para tal fato.

Por exemplo, um estudo citado por Feitosa *et al.* (2010, p. 228), realizado em uma universidade pública do Nordeste, constatou que existe uma inadequação dos hábitos alimentares dos universitários com relação ao consumo de frutas (67,7%), verduras e legumes (84,4%), independente do gênero pesquisado: “Tais resultados condizem com uma pesquisa realizada por Vieira *et al.*, com estudantes ingressos em uma universidade pública, no qual o grupo de alimentos mais rejeitado entre os alunos (79,5%) foram os vegetais”.

Além disso, pesquisa apresentada abaixo por Orellana *et al.* (2013, p. 17) demonstra que o mau hábito alimentar não é restrito à realidade brasileira:

Em pesquisa com universitários de Valparaíso (MacMillan, 2004) e Concepción (Troncoso & Amaya, 2009) constatou-se que a maioria apresenta alto risco de obesidade e doenças crônicas na vida adulta, devido ao baixo consumo de frutas, vegetais, laticínios e peixes, junto com o consumo excessivo de açúcar e alimentos gordurosos. O ambiente universitário parece ter uma influência desfavorável, pois a socialização com os colegas geralmente está associada à ingestão de alimentos que os próprios alunos consideram “não saudáveis” e pela limitação de tempo devido às atividades acadêmicas e ao estresse a elas relacionado. (ORELLANA *et al.*, 2013, p. 17)

Observa-se, portanto, dois cenários distintos: de um lado, o crescimento do movimento vegetariano e vegano, que possui forte participação do público jovem. De outro lado, verificou-se que a alimentação dos jovens universitários está longe do ideal, com baixo consumo de legumes e verduras. Ou seja, o espaço universitário é, ao mesmo tempo, o local onde a alimentação de seus usuários é deficitária e também o local com grande potencial para presença e expansão de grupos vegetarianos e veganos.

Dentro desta conjuntura, apesar da questão do déficit alimentar ser relevante e contribuir para o entendimento do âmbito universitário a ser pesquisado, o foco do presente estudo é no vegetarianismo. Deste modo, a pesquisa tem como objetivo de identificar o perfil do público vegetariano frequentador do Restaurante Universitário (Campus Recife) da UFPE, bem como analisar o aspecto social e econômico concernente aos seus frequentadores vegetarianos.

2.2 Referencial teórico

2.2.1 Breve histórico do vegetarianismo

A origem do estilo de alimentação vegetariano não pode ser precisamente definida. Contudo, evidências científicas sugerem que a predominância de consumo de vegetais teve início com os primeiros hominídeos. Segundo Cavalheiro *et al.* (2018, p. 54), “os historiadores estimam que o *Homo Erectus*¹, e posteriormente o *Homo Sapiens*² se alimentavam diariamente de vegetais, e que essa composição compreendia cerca de 50% de sua dieta”. Posteriormente, com o advento do chamado homem Cro-Magnon³ e do homem moderno, sua subsistência passou cada vez mais a depender da atividade da caça, o que inevitavelmente causou um aumento no consumo de carne na dieta humana até então.

Já Cavalheiro *et al.* (2018, p. 55) afirma que “há evidências históricas de pessoas que escolheram evitar o consumo de produtos de origem animal há mais de dois mil anos”. Dentre estes, estão nomes famosos, como o filósofo e matemático grego Pitágoras. Muitos pensadores e filósofos históricos aderiram ao vegetarianismo em conjunturas em que essa escolha ia de encontro com os ideais da classe governante.

Segundo Whorton (1994), antigos escritores como Ovídio e Plutarco condenavam a matança de seres inocentes para alimentação. Outros escritores, como Pitágoras e Porfírio, alegavam que a carne dos animais contaminou e brutalizou a alma humana. Assim, o objetivo do vegetarianismo naquela conjuntura foi a obtenção de um estado espiritual exaltado.

¹ Espécie descoberta na ilha de Java por Eugène Dubois em 1891. É uma espécie sobretudo asiática, embora também tenham sido encontrados fósseis similares na África. Seus membros sobreviveram durante quase dois milhões de anos. (MEDIIVILLA, 2019)

² Única espécie humana sobrevivente. Algumas classificações situam a aparição da espécie há 300.000 anos, mas a grande evolução desses hominídeos ocorreu há cerca de 50.000 anos. (MEDIIVILLA, 2019)

³ Humanos que já eram anatomicamente modernos (ou seja, da espécie *Homo sapiens*), porém, com uma compleição física mais robusta em relação ao humano atual. (LOPES, 2008)

No caso de Pitágoras, este é considerado um grande defensor e promotor do vegetarianismo, recebendo a alcunha de “pai do vegetarianismo”, conforme explica Couceiro *et al.* (2008, p. 366): “sua influência foi tão grande que até o final do século 19, quando a palavra ‘vegetarianismo’ foi cunhada, aqueles que adotavam uma dieta sem carne eram chamados de ‘pitagóricos’”. Além de Pitágoras, destacam-se outras personalidades de renome que também aderiram ao vegetarianismo ao longo dos séculos, tais como Leonardo da Vinci (1452-1519); Benjamim Franklin (1706-1790); Dr. J.H. Kellogg (1869-1948); Mahatma Gandhi (1869-1948) e Albert Einstein (1879-1955).

O desenvolvimento do vegetarianismo não foi uniforme, haja vista que a pluralidade de culturas e crenças religiosas dos povos e etnias levou a uma evolução idiossincrática da dieta vegetariana, ou seja, os motivos que levam à adoção do vegetarianismo e suas características são diferentes de acordo com cada povo. Segundo Frauca (2016), apenas no primeiro quarto do século XIX foi que o estilo de alimentação vegetariano começou a ser aceito pela sociedade e a ganhar razoável notabilidade. “Os primeiros rebentos encontramos no mundo anglo-germânico, e eles acabaram influenciando em alguns norte-americanos que já nessa época demonstraram uma estranha forma de estabelecer relações causais”. (FRAUCA, 2016, p. 3). Por exemplo, o criador da farinha, pão e cracker da marca Graham, Sylvester Graham, foi um dos primeiros defensores dessa alimentação vegetariana, que na prática era ovolactovegetariana.

Segundo Alvim (2019), até meados do século XIX ainda não existia a palavra “vegetariano”. Aqueles que não comiam carne eram considerados por alguns como “anti-carnívoro”. Até que o termo surgiu pela primeira vez em publicações do século XIX e foi incorporado de forma inédita no vocabulário inglês. Alvim (2019) detalha que o primeiro uso do termo “*vegetarian*” foi na revista inglesa *The Healthian*, em abril de 1842. Esta palavra é a justaposição da palavra “*vegetable*”, que remete ao reino vegetal, com o sufixo “*arian*”, que conota uma prática ou doutrina.

Já o primeiro registro relacionado ao surgimento do veganismo remonta ao ano de 1944, com o britânico Donald Watson, que reuniu mais cinco vegetarianos com o intuito de discutir sobre a retirada dos alimentos laticínios da dieta vegetariana. Segundo Fernandes (2019), o propósito de Watson era modificar a relação do homem com os animais, de modo que não houvesse exploração, maus-tratos e que fosse uma relação digna de forma geral.

Como bem ressalta Cavalheiro *et al.* (2018, p. 55), “embora existisse um consenso entre os vegetarianos sobre o não consumo de leite e derivados, ainda não existia uma formalização

desta proposta em defesa da causa animal. Assim, o grupo de Watson foi pioneiro ao instituir um novo movimento ativista”. Daí surgiu a necessidade de se designar um novo nome que representasse a dieta vegetariana sem consumo de lácteos. Inicialmente, pensou-se no termo ‘vegetarianos não lácteos’, mas era muito extenso (FERNANDES, 2019).

Assim, o termo ‘*vegan*’ foi criado a partir das “três primeiras e as duas últimas letras do termo ‘*vegetarian*’ emergindo assim ‘o começo e o fim do vegetariano’ segundo as palavras de Donald Watson”. (CAVALHEIRO *ET AL.*, 2018, p. 55). Desde então, o termo se popularizou e atualmente é utilizado de forma global.

2.2.2 Vegetarianismo e suas vertentes

O termo vegetariano comumente designa o sujeito que não come nenhum tipo de carne. “O vegetarianismo não tem uma regra clara, mas baseia-se na remoção da proteína de origem animal da dieta. Dito isso, por muitas vezes resume-se apenas a eliminar a carne propriamente dita” (ROCHADEL, 2020, p. 2). Como observa o autor, esta definição é limitada e deveras genérica, pois não engloba as diversas variações e nuances que existem na dieta vegetariana em decorrência de tradições, religiões, moda etc. Estas variações ou vertentes são determinadas pelo tipo de restrição alimentar exercida em relação a alimentos e produtos de origem animal. Segundo a Sociedade Vegetariana Brasileira (2017), o vegetarianismo divide-se em:

- (a) Ovolactovegetarianismo: permitido consumir ovos, leite e laticínios na alimentação.
- (b) Lactovegetarianismo: consome leite e seus derivados na alimentação.
- (c) Ovovegetarianismo: consome ovos na sua dieta.
- (d) Vegetarianismo estrito: não utiliza nenhum produto de origem animal.

Já o veganismo é uma vertente que vai além da alimentação. Trata-se de uma filosofia, um estilo de vida. Para Queiroz *et al.* (2018, p. 537), o indivíduo adepto do veganismo pode ser definido “como tendo motivações éticas, não consome nenhum produto de origem animal em qualquer área de suas vidas, seja a alimentação, roupas ou qualquer outro tipo de atividade que envolva sofrimento animal”. Ribeiro (2019, p. 4), citando Freiria (2017), detalha o veganismo em vários aspectos:

Assim, um vegano: não come alimentos de origem animal, carnes de todas as cores e tipos, ou que contenham qualquer resíduo como leites, queijos, salsichas, ovos, mel, banha, manteiga etc.; Não veste roupas ou sapatos feitos de animais como o couro, seda, lã etc.; Evita o consumo de cosméticos e medicamentos testados em animais ou que contenham componentes animais na formulação como sabonetes feitos de glicerina animal, maquiagem, contendo cera de abelha, xampu com tutano de boi etc.;

Não apoia diversões contendo exploração animal, como rodeio, circo com animais, rinhas etc.; Profissionalmente, não trabalha com exploração animal (vivo ou morto), como venda de animais em pet shop, lojas de aquário ou gaiolas para passarinhos, venda de qualquer produto que contenha derivado animal (ex. bolsas e sapatos de couro), restaurante que utilize animais ou seus resíduos corporais como comida, dentre outras atividades (FREIRIA et. al. 2017).

A partir da explanação acima, constata-se que o movimento vegano possui uma complexidade que vai muito além do estilo alimentar, sendo na verdade uma ideologia de vida onde a preocupação com o bem-estar e o respeito aos animais permeia várias facetas da vida em sociedade e são elementos determinantes para as escolhas feitas pelos indivíduos veganos.

Contudo, no movimento vegano, alguns indivíduos consideram que o fato de não se ingerir ou usar qualquer produto que seja de origem animal ou que envolva animais não é ser vegano, mas vegetariano estrito. Para ser vegano de fato, a restrição deve ser feita a qualquer marca que ofereça produtos com envolvimento animal. Por exemplo, se determinada empresa de carne bovina passa a oferecer uma linha de hambúrgueres veganos, esse produto não pode ser consumido, pois está associado a uma marca que possui em seu portfólio outros produtos de origem animal.

É importante citar que essa relação veganismo vs. empresas é controversa, conforme Rocha *et al.* (2019) analisa, onde dentro do movimento vegano, há posicionamentos diferentes. Enquanto uma parcela de veganos é de acordo e incentiva o consumo de produtos veganos produzidos por empresas não-veganos (este incentivo à compra é chamado de *boycott*), outra parcela defende o consumo de produtos veganos produzidos apenas por empresas 100% veganas e o boicote aos produtos veganos das outras companhias.

Além das classificações do vegetarianismo apresentadas acima, que são as mais comuns, existem outras vertentes de dietas. Segundo Rochadel (2020), a dieta plant-based é uma vertente que ainda não possui um consenso quanto às suas diretrizes. Contudo, a premissa básica dessa dieta é o consumo de alimentos vegetais e minerais, excluindo alimentos ultraprocessados e refinados, dando prioridade aos orgânicos, buscando assim uma alimentação mais natural possível.

Frauca (2016), traz outras duas variações de dietas. Os crudívoros são aqueles que simpatizam com o veganismo, mas normalmente não consomem legumes (com exceção dos germinados). Essa dieta é constituída de alimentos sem cozimento ou com baixa aplicação de temperatura. Já os frugívoros, como o nome sugere, alimentam-se de frutas, frutos secos, sementes etc. Ou seja, são consumidas apenas as partes que os vegetais produzem e não os vegetais em si, permitindo que continuem a produzir seus frutos.

Algumas dietas, apesar de restritivas em relação a determinados tipos de alimentos, não podem ser consideradas vegetarianas ou veganas, uma vez que o consumo de produtos de origem animal ainda acontece. Segundo Frauca (2016), o grupo dos flexitarianos são os indivíduos que predominantemente mantêm uma dieta vegetariana, mas esporadicamente também consomem algum tipo de carne e outros produtos de origem animal. Segundo a SVB (2020), este grupo é mais consciente e busca reduzir o consumo de produtos de origem animal prioritariamente por causa da saúde.

Os peixitarianos (também chamados pescetarianos), por sua vez, possuem uma dieta essencialmente vegetal, mas consomem peixes e mariscos. Já os *pollotarians* assemelham-se à classificação anterior, mas consomem, no tocante à carne, somente frango e outras aves ao invés de peixes e mariscos. Essas três últimas classificações podem ser consideradas como semi-vegetarianas, pois segundo Couceiro *et al.* (2008), são as dietas que consomem peixe e outros tipos de carne menos do que uma vez por semana.

2.2.3 Perfil do público vegetariano

Segundo pesquisa da Sociedade Vegetariana Brasileira - SVB (2018), o crescimento dos adeptos às dietas vegetariana e vegana reflete tendências mundiais relativas a uma alimentação mais saudável, à sustentabilidade e à ética. A SVB (2018, p. 1), traz que “o crescimento no número de pessoas que opta por excluir as carnes e derivados do cardápio, ou reduzir seu consumo, é impulsionado pela preocupação crescente da população com os impactos de seus hábitos de consumo”. Dentre estes impactos, estão o ambiental, no que diz respeito à pecuária e o impacto causado aos animais, cujas condições de vida em ambiente de produção são consideradas inadequadas.

Para identificar o perfil desse público em ascensão no Brasil, várias pesquisas foram conduzidas ao longo dos anos. Uma delas, realizada pelo Datafolha em 2017, chegou ao resultado de que 63% dos brasileiros querem reduzir o consumo de carne e 73% se sentem mal informados acerca de como os animais são tratados na pecuária.

Já Ribeiro (2019), apresenta os resultados de uma pesquisa realizada pelo Congresso Virtual Brasileiro (Convibra), realizada em 2017, que analisou dados acerca do regime alimentar de brasileiros. Obteve-se como resultado que a maioria dos respondentes é uma população jovem com faixa etária de 16 a 25 anos, com predominância feminina. Mais de 70%

dos entrevistados não ingerem carne em suas refeições e, dentre esses, uma amostra de 24,15% adotam o veganismo.

Ribeiro (2019, p. 6) destaca ainda que, “da população entrevistada 54% declararam que o principal motivo pelo qual adotaram esse tipo de regime alimentar é a preocupação com o meio ambiente. Isto reflete o respeito que os vegetarianos têm com outros animais e o meio-ambiente e salientado o lado ético dos seus adeptos”.

Uma outra pesquisa realizada pela Sociedade Vegetariana Brasileira, em 2019, fez um levantamento por meio do Google Trends e verificou que “nos últimos anos o volume de buscas pelo termo vegano cresceu 1.000% no Brasil, o que gerou um aumento nas buscas e no interesse pelo tema que varia de 150% a 250% ao ano.” (RIBEIRO, 2019, p. 6). Percebe-se que a demanda por esse estilo de vida cresce exponencialmente e ainda é maior que a oferta.

Mas, de todas as pesquisas citadas, possivelmente a de maior relevância e base de referência no que se refere a dados atualizados sobre o vegetarianismo no Brasil foi o levantamento realizado em abril de 2018 pelo Ibope Inteligência, por encomenda da Sociedade Vegetariana Brasileira. Esta pesquisa é citada, por exemplo, por Fernandes (2019) e Carreiro (2018). Constatou-se que 14% da população brasileira se declara como vegetariana. Isso significa em termos absolutos aproximadamente 30 milhões de brasileiros, um quantitativo maior do que as populações da Nova Zelândia e Austrália juntas. Nas capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Recife, verificou-se que o percentual de entrevistados que se declaram vegetarianos é da ordem de 16%.

Ribeiro (2019, p.5) destaca que, de acordo com esta pesquisa, a concentração de vegetarianos muda em cada estado:

Em Fortaleza, no Ceará, 14% da população afirma ser vegetariana, maior percentual entre as capitais e regiões metropolitanas pesquisadas. Em seguida, aparece Curitiba, no Paraná, com 11% de seus moradores adeptos ao vegetarianismo. Já Brasília, no Distrito Federal, Recife, em Pernambuco, e a capital do Rio de Janeiro têm 10% da população vegetariana. Em Belo Horizonte, em Minas Gerais, o percentual é de 9%. Já em Campinas, em São Paulo, está dentro da média nacional, com 8%, já a capital paulista aparece abaixo, com 7% da população sendo vegetariana, mesmo percentual encontrado em Salvador, na Bahia. Por fim, Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, registra 6% de vegetarianos entre a sua população, menor índice entre as áreas do estudo. (RIBEIRO, 2019, p.5)

Estes percentuais locais, bem como a média geral de 14%, a princípio podem indicar um quantitativo ainda pouco expressivo proporcionalmente, mas na prática se traduzem em um crescimento de cerca de 75% quando comparados a uma pesquisa prévia realizada em 2012, onde o percentual de declarantes vegetarianos foi de 8%, segundo Ribeiro (2019).

Além do aumento no percentual nacional, a pesquisa mais atual do Ibope Inteligência também constatou que mais da metade dos entrevistados (55%) declarou que consumiria mais produtos veganos se estivessem melhor indicados na embalagem ou se tivessem o mesmo preço que os produtos que estão acostumados a consumir (60%). Nas capitais, esta porcentagem sobe para 65%. Esse resultado reflete o aumento no interesse por produtos veganos na população como um todo.

Segundo a Sociedade Vegetariana Brasileira (2017), ainda não existem no Brasil pesquisas relativas ao número de veganos a nível nacional. Contudo, é possível obter uma estimativa a partir da porcentagem de veganos (dentre vegetarianos) em países em que pesquisas recentes foram realizadas, permitindo assim inferir o número aproximado de brasileiros veganos. Ainda de acordo com a SVB (2017), nos EUA, cerca de 50% dos vegetarianos (16 milhões de pessoas) se declararam veganos em pesquisa do Instituto Harris Interactive. Já no Reino Unido, aproximadamente 33% dos vegetarianos (1,68 milhões de pessoas) se declararam veganos (Ipsos MORI Institute). Assim, considerando a porcentagem mais conservadora (33%), infere-se que dos 30 milhões de brasileiros vegetarianos, cerca de 7 milhões seriam veganos.

Contudo, Souza (2020) contesta o resultado da pesquisa do Ibope de 2018 que aponta 14% dos brasileiros já sendo vegetarianos e a estimativa da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) de que haveria 30 milhões de vegetarianos e 7 milhões de veganos no Brasil. Segundo o referido autor, a pesquisa do Ibope atestou, na verdade, que 8% dos 2.002 entrevistados “concordam totalmente” com a afirmação “sou vegetariano” e 6% responderam que “concordam parcialmente”. E essas respostas foram baseadas na definição ultrapassada de vegetarianismo, que considera pessoas que não comem carne e que podem consumir ou não outros alimentos de origem animal.

Assim, esses percentuais mostram que pouco menos da metade dessa parcela se considera apenas “parcialmente vegetariana”, o que se traduz no estilo de alimentação flexitariano, uma vez que os indivíduos ainda comem carne de forma esporádica, não configurando o vegetarianismo de fato.

O autor ainda reforça seu argumento alertando para os equívocos de interpretação acerca do tema:

Perceba também que, mesmo dos 8% que diziam concordar totalmente que “são vegetarianos”, muitos ali provavelmente comem carnes brancas, ou se acham “vegetarianos” porque raramente comem carne ou porque comem carnes provenientes de fazendas ou granjas bem-estabilizadas. Afinal, muitas pessoas ainda acreditam

leigamente que o vegetarianismo consistiria em não comer apenas carnes vermelhas, ou a cham que uma pessoa que só come carne uma vez por semana é “tecnicamente vegetariana”, ou que ser vegano ou vegetariano passa simplesmente por ser contra apenas o “sofrimento desnecessário” na exploração animal. (SOUZA, 2020, p. 2)

A crítica apresentada pelo autor é pertinente e serve de alerta para que a análise dessa temática seja feita considerando que os dados apresentados pelo Ibope, apesar de serem a principal referência quantitativa sobre o crescimento do vegetarianismo no Brasil, precisam ser vistos com cautela, o que não invalida o fato de que o público vegetariano e o mercado que cresce em função deste estão em expansão.

Outro aspecto que convém menção é o fato de que algumas religiões ou crenças influenciam a dieta alimentar de seus seguidores, uma vez que suas doutrinas pregam, em variados graus de restrição, desde a redução do consumo de carne vermelha até mesmo uma dieta puramente vegetariana. Segundo Oliveira (2019), algumas religiões/crenças possuem relação com o vegetarianismo, sendo exemplos: Adventistas, Jainismo, Hinduísmo, Rastafári, Hare Krishna e Judaísmo.

Portanto, este fator religioso está presente na ferramenta de coleta de dados desta pesquisa, contudo, nem todas estas religiões citadas acima são diretamente mencionadas como alternativa de resposta na ferramenta de coleta de dados, podendo serem incluídas como alternativa digitada pelo respondente. Isto se deve pela baixa representatividade destas religiões na conjuntura nacional. De acordo com o Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, as religiões mais praticadas no Brasil são: Católica Apostólica Romana (64,6%); Evangélica (22,2%); Espírita (2%); Umbanda e Candomblé (0,3%). Outras religiosidades somam 2,7% e 8% não possuem religião.

Levando-se em consideração todos estes elementos e dados apresentados, a esfera pública precisa atentar-se a esse público em expansão e buscar identificar as demandas e necessidades deste grupo, a fim de elaborar planos de ação e políticas públicas inclusivas e adequadas. Do mesmo modo, esta realidade também se aplica no âmbito das instituições de ensino públicas, onde em ambos os casos, a necessidade de estudos frequentes sobre a temática é essencial.

2.2.4 O vegetarianismo nas instituições de ensino

As instituições de ensino brasileiras, sejam públicas ou privadas, desde o nível básico ao nível superior, possuem como público indivíduos adeptos do estilo de vida vegetariano ou

vegano, incluindo-se alunos, professores e funcionários. Dado o crescimento e o desenvolvimento do vegetarianismo a nível mundial, é imperativo que a esse público seja dispensada maior atenção por parte dos dirigentes das instituições de ensino, pois é papel elementar destas zelar pela sua comunidade acadêmica, provendo condições ao exercício do estilo de vida vegetariano e vegano. E de fato isto vem acontecendo, como pode ser observado nos exemplos a seguir.

Destaca-se o exemplo do Movimento Segunda Sem Carne, mundialmente conhecido por incentivar a substituição da proteína animal pela proteína vegetal ao menos uma vez na semana. Existe no Brasil desde o ano de 2009, tendo como parceira do movimento a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB).

No estado de São Paulo, com o intermédio da Secretaria do Meio Ambiente, a campanha foi implementada na rede pública de ensino do estado em 2011, oferecendo refeições livres de produtos animais nas escolas do município. Segundo o jornal Gazeta do Povo (2018), a ação também ocorre em outros estados brasileiros e é considerada a maior do mundo. Como resultado, apenas em 2017 foram distribuídas na rede pública dos estados 47 milhões de refeições sem proteína animal.

O movimento Segunda sem Carne também está presente em diversos países, como o Reino Unido, que tem como um dos endossadores da campanha o ex-Beatle Paul McCartney. Na Argentina, o movimento teve início em 2017, sendo chamado de Lunes Vegano. Ademais, existem ações similares à Segunda sem Carne, como é o caso de Gante, na Bélgica, onde desde 2009 o cardápio das escolas e órgãos públicos é vegetariano sempre às quintas-feiras. (GAZETA DO POVO, 2018).

Em se tratando das instituições de ensino superior, as universidades brasileiras buscam cada vez mais se adaptarem aos hábitos alimentares dos estudantes e demais membros da comunidade acadêmica que não consomem carne. Porém, de forma geral, os cardápios vegetarianos/veganos oferecidos ainda são limitados, ocasionando, por exemplo, queixas relativas a repetição de pratos e o uso excessivo de ovos e laticínios, que não fazem parte da dieta vegana.

Fernandes (2019) fez essa constatação em duas Universidades do Rio de Janeiro, coletando o depoimento de alunos vegetarianos e veganos. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a repetição dos pratos é evidenciada:

"O bandeirão da UFRJ tem opção vegetariana, só que eu vejo que a qualidade não é tão boa. Parece que estamos comendo a mesma coisa todo dia. Então, seria melhor

pesquisar, ver outras opções de receita e cardápio para trazer mais variedade e com isso mais saúde para os estudantes veganos e vegetarianos da universidade", afirma Juliana Marins, estudante de Publicidade e Propaganda na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e vegetariana há dois anos. (FERNANDES, 2019, p. 1)

Observa-se que o cardápio ofertado na UFRJ, apesar de contemplar opções vegetarianas, a variedade fica aquém do desejado, com pratos repetidos ou similares entre si, o que evidencia a necessidade de revisão do cardápio de modo a oferecer mais opções vegetarianas aos usuários do restaurante.

Já na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o depoimento de uma aluna vegana diz respeito ao uso de alimentos que não são consumidos pelos veganos: "Tudo leva ovo ou laticínios. E, muitas vezes, até os legumes são feitos com margarina, nos impedindo de comer. Então tem que melhorar e muito" (FERNANDES, 2019, p. 1). Neste caso, a dieta vegana, por ser de modo geral mais restritiva do que as demais vertentes vegetarianas em relação à não utilização de ingredientes de origem animal, exige das universidades um esforço maior para adequar o cardápio de seus restaurantes, para que assim possam atender ao público vegano.

Por fim, vale ressaltar a iniciativa do Centro de Estudos e Práticas em Nutrição da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Botucatu, que, segundo Chaves (2017), passou a oferecer a partir de setembro de 2017, acompanhamento nutricional gratuito a qualquer membro da comunidade acadêmica que deseje diminuir ou eliminar do cardápio o consumo de proteína animal. É uma decisão que demonstra a atenção e preocupação da instituição com a sua comunidade, bem como o alinhamento com as tendências globais em termos de estilo alimentar.

2.3 Metodologia

O presente estudo caracteriza-se, quanto à abordagem, como uma pesquisa de caráter quantitativo. Segundo O'Leary (2019, p. 177), trata-se de um "enfoque de pesquisa altamente dependente de dados quantificados [...]. Ligado, muitas vezes, a um conjunto de pressupostos relacionados a realismo, empirismo e positivismo".

Quanto ao objetivo, esta pesquisa pode ser considerada de cunho exploratório, uma vez que "visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele" (Prodanov, 2013, p. 127). No caso específico deste estudo, não foram localizados trabalhos anteriores sobre a temática na UFPE. Assim, a pesquisa

exploratória se faz necessária a fim de levantar os dados primários, necessários ao atendimento dos objetivos da pesquisa.

2.3.1 Definição do lócus de pesquisa

O lócus de estudo foi a Universidade Federal de Pernambuco. Segundo informa o sítio eletrônico da UFPE (2019), no semestre de referência 2019.1, havia 31.235 alunos matriculados nos cursos de graduação, sendo 24.503 do Campus Recife, 4.367 do Campus do Agreste e 1.746 do Campus Vitória. Os demais (619) são vinculados a cursos EAD (Ensino à Distância). Quanto aos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, são 9.148 (4.384 do mestrado acadêmico, 662 do mestrado profissional e 4.102 do doutorado). Os cursos de pós-graduação *lato sensu* somam cerca de 1.991 alunos. No total, há 42.374 alunos vinculados à instituição em 2019. Estes valores mudam ano a ano.

Ainda de acordo com o sítio eletrônico da UFPE, até maio de 2019, existiam 2.504 professores na instituição. Em se tratando de servidores técnico-administrativos, estes totalizam 3.843 servidores nos quatro campi, dos quais 1.254 são do Hospital das Clínicas, além de 989 empregados públicos vinculados à Ebserh - Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares.

Deste universo, a população pesquisada foi delimitada aos alunos aptos a frequentar o Restaurante Universitário do Campus Joaquim Amazonas, em Recife. Na UFPE, apenas alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica que ingressam mediante um edital de seleção da Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis (Proaes) podem frequentar o restaurante universitário. Estes estudantes passam a receber uma bolsa estudantil vinculada à Proaes.

A relação de bolsistas da Proaes foi disponibilizada pela Diretoria de Assuntos Estudantis (DAE). Dos 5.715 bolsistas, 3.445 são do Campus Recife (sendo este o quantitativo utilizado para a pesquisa), distribuídos entre 86 cursos de graduação, que compõem a população pesquisada. A partir deste quantitativo, foi calculada a amostra representativa.

2.3.2 Definição da amostra

A definição da amostra objetiva estabelecer um quantitativo mínimo e proporcional de indivíduos cujas informações serão coletadas, de modo que a amostra selecionada seja representativa da população pesquisada. A definição da amostra pode levar em consideração características como gênero, categoria (discente, docente, técnico-administrativo), dentre outras

características que possam nortear a segmentação da amostra. A fórmula estatística para definição de uma amostra para grandes populações, segundo Saraiva (2018), é a seguinte:

$$N_0 = \frac{Z^2}{4 \times e^2}$$

Nesta fórmula, z é o grau de confiança em desvios padrões; e é a margem de erro escolhida; N_0 é o tamanho da amostra. O grau de confiança, que normalmente varia de 90% a 99%, determina em desvios padrões o intervalo de resultados possíveis dentro de uma amostra, onde quanto maior o grau de confiança, maior o intervalo de resultados possíveis.

Já a margem de erro é a diferença entre a média encontrada na amostra para a média da população, sendo a margem de erro inversamente proporcional ao tamanho da amostra. Para o presente estudo, o valor obtido de N_0 foi aplicado em outra fórmula, que calcula o valor da amostra para populações menores, de acordo com Ochoa (2015):

$$n = \frac{N \times N_0}{N + N_0 - 1}$$

Neste caso, n é o valor da amostra e N é o valor total da população. Considerando que N seja 3.445 (bolsistas da Proaes do campus Recife) e $Z = 1,96$ (grau de confiança de 95%), obtém-se os seguintes valores de amostra para as margens de erro de 3%, 4% e 5%, respectivamente:

Tabela 1 - Tamanho da amostra em função da margem de erro

Margem de erro	Tamanho da amostra n
3%	815
4%	511
5%	346

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Observa-se que quanto menor a margem de erro, maior será o tamanho da amostra a ser pesquisada. Levando-se em consideração o tempo para execução da pesquisa e as limitações operacionais para a coleta de dados em grande escala, objetivou-se utilizar a margem de erro de 5%. Na prática, a amostra de respondentes foi de 316 indivíduos, correspondendo a uma margem de erro de 5,25%, percentual muito próximo à margem almejada.

2.3.3 Instrumento de coleta

No caso desta pesquisa, foi realizado um levantamento, que segundo O’Leary (2019, p. 292), é o “processo de coleta de dados por meio de um questionário que faz a uma série de indivíduos as mesmas perguntas sobre suas características, suas qualidades, como eles vivem ou suas opiniões”.

Portanto, o questionário foi a ferramenta utilizada para o artigo 1. Sua aplicação foi 100% online para que possa atingir o maior número de indivíduos em menor tempo e tornar a experiência mais prática para os respondentes. O critério de exclusão foi possuir idade inferior a 18 anos. O questionário e todo o projeto da pesquisa foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE, obtendo parecer favorável e registrado sob o código 48099321.8.0000.5208, referente ao Certificado de Apresentação de Apreciação Ética. O questionário que foi aplicado consta neste trabalho como o Apêndice A.

Para elaboração do mesmo, foi utilizado o recurso Google Formulários. O questionário é composto por 5 blocos de perguntas, ou seções, conforme nomenclatura do Google Formulários. A primeira seção aborda perguntas não específicas ao vegetarianismo, tendo o objetivo de colher dados sobre faixa etária, curso, renda, gênero, crença, dentre outros. Estas variáveis são importantes para verificar se existe, dentre elas, alguma relação latente entre as mesmas e o fato de um indivíduo ser vegetariano ou não.

A segunda seção é composta por apenas uma pergunta, cujo objetivo é saber qual o estilo de alimentação do respondente. Esta seção é responsável por direcionar o respondente ao próximo bloco de perguntas, dependendo da alternativa selecionada. Assim, alternativas que dizem respeito à alimentação vegetariana direcionam o indivíduo para a seção 3. Já a alternativa sobre a dieta onívora (denominação dos indivíduos que consomem tanto proteína animal quanto proteína vegetal) direciona para a seção 4.

Na seção 3 são apresentadas perguntas específicas sobre o vegetarianismo. Assim, pretende-se obter dados sobre hábitos, comportamentos, motivos de adesão a esse estilo, e ainda perguntas acerca da oferta de opções e estrutura vegetariana na UFPE e adjacências, de modo que seja possível traçar um cenário sobre os indivíduos vegetarianos e sua relação com a instituição.

A seção 4 é destinada aos indivíduos onívoros e possui o intuito de saber qual a percepção que este grupo possui sobre o público vegetariano na UFPE, bem como da estrutura

oferecida àqueles que não comem proteína animal. A importância desta seção é verificar se, sendo a parcela de onívoros respondentes significativa, esse grupo simpatiza ou apoia em certo grau a presença de opções vegetarianas na UFPE e mais especificamente o Restaurante Universitário.

Já a seção 5 aborda questões voltadas especificamente ao Restaurante Universitário e oferta de opções vegetarianas. Esta seção pode ser respondida por ambos os grupos (vegetarianos e onívoros), desde que já tenham frequentado o RU.

Uma vez elaborado o questionário, foi procedido o teste, validação e ajuste do instrumento. Nesta etapa, o questionário foi aplicado com um número reduzido de respondentes a fim de que fossem identificadas inconsistências nas perguntas, dubiedade ou imprecisão. Após a realização de pequenos ajustes no questionário, foi iniciada a fase de implementação do instrumento de pesquisa. Quanto à operacionalização do envio dos formulários, assim como o envio da versão em teste, o questionário em sua forma definitiva foi enviado por e-mail ao público-alvo a partir da listagem cedida pela DAE/Proaes durante o mês de julho de 2021, com coleta das respostas até o mês de agosto do mesmo ano.

2.3.4 Análise dos resultados

As variáveis analisadas são de cunho quantitativo, dividindo-se basicamente em três grupos: variáveis sobre o perfil geral do indivíduo (gênero, faixa etária, grau de escolaridade, renda média, tipo de vinculação à universidade, dentre outras), variáveis sobre a dieta vegetariana (identificação da dieta, tempo de adoção da dieta, meios de alimentação, oferta de opções vegetarianas na universidade, dentre outras) e variáveis sobre a dieta onívora, para os indivíduos que não são vegetarianos, mas podem contribuir para o enriquecimento do estudo (propensão a não consumir carne, importância de restaurantes vegetarianos nos centros, conhecimento de adeptos do vegetarianismo na instituição, dentre outras).

Para a análise e tratamento dos dados coletados, o estudo se utilizou da estatística descritiva e inferencial. Assim, foi possível estimar as características da população com base nos dados coletados na amostra, uma vez que o estudo da população em sua completude é inviável devido ao tamanho da mesma. Deste modo, a utilização da estatística inferencial permite chegar a conclusões com um certo grau de confiança a partir da análise dos dados de uma amostra representativa da população.

Para tanto, foram utilizadas as ferramentas de estatística descritiva: média, moda, mediana e proporção. Já a estatística inferencial assume um intervalo de confiança de 95% e considerando que a amostra apresenta uma distribuição normal, haja vista que o número de indivíduos da amostra é superior a 30.

Outra ferramenta da estatística inferencial que foi utilizada é o teste de hipóteses, por meio do teste qui-quadrado. Trata-se de um procedimento estatístico que permite tomar uma decisão utilizando os dados observados de uma amostra. Assim, é feita uma suposição sobre um parâmetro populacional que será verificada por um teste. Uma hipótese nula é formulada (referência), bem como uma hipótese alternativa. Ao fim da análise, toma-se a decisão de rejeitar ou não a hipótese nula, levando-se em consideração um determinado nível de significância.

2.4 Apresentação e análise dos resultados

A partir das respostas coletadas, foi procedida a análise dos dados, cujos resultados serão apresentados nesta seção em três etapas: primeiro, foram analisados os itens relativos ao público vegetariano. Importante destacar que também foram consideradas nesta etapa as respostas dos indivíduos que informaram priorizar a dieta vegetariana, apesar de ainda consumirem proteína animal em um grau menor (flexitarianos, por exemplo), pois seus hábitos englobam um estilo de vida muito mais demandante de opções de natureza vegetal do que animal e que precisam ser atendidas pelas instituições de ensino. Assim, na análise dos resultados, o termo “vegetariano” foi utilizado englobando o grupo flexitariano e similares.

Na segunda etapa, foram analisadas as respostas do público que consome proteína animal sobre questões relacionadas ao vegetarianismo na UFPE, com a finalidade de compreender melhor a percepção de indivíduos que não estão diretamente envolvidos com a temática pesquisada, mas que possuem importante participação na composição da comunidade acadêmica e influência para a formulação de ações na universidade. Por fim, na terceira etapa foram apresentados os resultados voltados a aspectos do Restaurante Universitário e o público vegetariano.

Dos 316 participantes, 66 informaram ser vegetarianos em algum grau ou que priorizam uma dieta sem consumo de proteína animal, o que representa 20,9% do total da amostra. Para fins comparativos, pesquisa realizada por Junior et al. (2015) aplicou um questionário com 1.885 indivíduos, entre alunos, técnicos administrativos e docentes da Universidade Federal de

Santa Maria (UFSM), com o objetivo de verificar o grau de satisfação dos usuários do Restaurante Universitário da referida instituição. Dos participantes, 41,35% são homens e 58,65% são mulheres. 92,14% são alunos. Porém, apenas 4,2% se identificaram como vegetarianos. Este percentual varia conforme as universidades pesquisadas.

Junior et al. (2015) traz o resultado de estudos em outras instituições. Por exemplo, na Universidade Federal do Paraná (UFPR) o percentual foi de 2,4% de vegetarianos dentre os usuários do RU. Na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o percentual é de 8%. Já na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) o percentual foi maior, sendo 15% de vegetarianos. No caso do presente estudo, se forem considerados apenas os indivíduos plenamente vegetarianos (excluindo flexitarianos e pessoas em processo de adaptação), obtém-se 8% de vegetarianos, percentual similar à UFU.

A seguir, a Tabela 2 apresenta os principais dados socioeconômicos dos indivíduos vegetarianos e que priorizam o vegetarianismo em paralelo com os dados dos demais respondentes da pesquisa, que consomem proteína animal (onívoros). Este lado a lado é crucial para o cruzamento dos dados e verificação de padrões em determinados grupos de indivíduos.

Tabela 2 - Comparativo da amostra de vegetarianos e onívoros do RU (Campus Recife)

Variável	Vegetarianos		Onívoros	
	n	%	n	%
Gênero				
Feminino	45	68,2%	148	59,2%
Masculino	18	27,3%	102	40,8%
Não-binário	3	4,5%	-	-
Faixa etária				
18 a 20 anos	5	7,6%	29	11,6%
21 a 25 anos	46	69,7%	182	73,1%
26 a 30 anos	14	21,2%	30	12,0%
31 a 35 anos	1	1,5%	7	2,8%
46 a 50 anos	-	-	1	0,4%
Grau de escolaridade				
Fundamental completo	-	-	1	0,4%
Médio completo	4	6,1%	24	9,6%
Superior incompleto	59	89,4%	210	84,0%
Superior completo	3	4,5%	13	5,2%
Mestrado	-	-	2	0,8%
Ocupação				
Estudante	65	98,5%	247	99,2%
Estudante formado	-	-	2	0,8%

Enfermeira	1	1,5%	-	-
Centro acadêmico				
CAC	21	31,8%	31	12,5%
CB	11	16,7%	29	11,7%
CCS	8	12,1%	47	19,0%
CTG	8	12,1%	42	16,9%
CFCH	7	10,6%	31	12,5%
CCSA	6	9,1%	29	11,7%
CE	2	3,0%	15	6,0%
CIN	1	1,5%	5	2,0%
CCEN	1	1,5%	8	3,2%
CCM	1	1,5%	3	1,2%
CCJ	-	-	5	2,0%
Núcleo de Educação Física e Desportos	-	-	2	0,8%
Restaurante Universitário	-	-	1	0,4%
Renda mensal individual				
Sem renda	3	4,5%	6	2,4%
Até 1 salário mínimo	54	81,8%	205	83,0%
De 1 a 3 salários mínimos	7	10,6%	35	14,2%
De 3 a 7 salários mínimos	2	3,0%	1	0,4%
Raça/cor				
Branco(a)	22	33,3%	64	25,7%
Pardo(a)	27	40,9%	129	51,8%
Preto(a)	16	24,2%	53	21,3%
Não informou	1	1,5%	-	-
Amarelo(a)	-	-	3	1,2%
Religião/crença				
Não possui religião	22	33,3%	59	24,0%
Católica	9	13,6%	63	25,6%
Evangélica	9	13,6%	54	22,0%
Ateu	6	9,1%	15	6,1%
Agnóstico	8	12,1%	14	5,7%
Espírita	2	3,0%	8	3,3%
Candomblé	2	3,0%	3	1,2%
Deísta	1	1,5%	3	1,2%
Outras	1	1,5%	8	3,3%
Umbanda	-	-	2	0,8%
Não quis informar	6	9,1%	17	6,9%

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A partir da Tabela 2, observa-se que a amostra do público vegetariano apresenta um perfil de indivíduos que são caracterizados, em sua maioria, como estudantes da graduação do

sexo feminino, jovens, com renda mensal individual inferior a um salário mínimo e que não possuem crença/religião.

Em relação às variáveis de grau de escolaridade e ocupação, para os dois grupos de respondentes, esperava-se que praticamente a totalidade fosse de estudantes com ensino superior incompleto, o que de fato foi constatado. Contudo, algumas respostas diferem do esperado, muito provavelmente por ser tratar de alunos que já se formaram, mas que ainda não haviam sido retirados da lista de bolsistas do DAE/PROAES na ocasião da coleta de dados e acabaram por responder a pesquisa levando em consideração a época em que eram estudantes e frequentavam o Restaurante Universitário.

A análise das variáveis apresentadas na tabela acima de modo comparativo entre os respondentes vegetarianos e onívoros permite detectar características presentes apenas em um grupo ou no outro. De modo geral, muitas das variáveis apresentam resultados semelhantes para os dois grupos, mas algumas se destacam com especificidades para os vegetarianos.

A primeira variável de destaque é em relação ao gênero, onde no grupo vegetariano o público feminino é predominante e o público masculino é de apenas 27,3%. Além disso, interessante notar que na amostra de 66 indivíduos vegetarianos, 3 se identificaram como não-binários, ao passo em que na amostra dos indivíduos onívoros, nenhum dos 250 respondentes declarou-se como não-binário, o que indica uma possível inclinação do público não-binário ao vegetarianismo (1 indivíduo se declarou ovolactovegetariano e 2 como flexitarianos), bem como uma forte relação do gênero feminino com o vegetarianismo. A predominância do sexo feminino está em consonância com as pesquisas de outros autores apresentadas no início deste estudo, com mulheres compondo mais de 60% do público vegetariano nas pesquisas.

Quanto à autodenominação de raça/cor, apesar do maior percentual ser de pardos, a diferença para brancos e negros não é relativamente alta em ambos os grupos, o que indica uma diversidade étnica razoável e similar entre os vegetarianos e os onívoros.

Outro ponto de relevância é sobre os centros acadêmicos da UFPE. No grupo vegetariano, o CAC concentra praticamente o dobro de respondentes (31,8%) em relação ao centro na segunda posição, o CB (16,7%). Este fato é um indicativo da representatividade de cursos na área de Ciências Humanas quando se trata de vegetarianismo. Já no grupo dos onívoros, a variável sobre o centro acadêmico ao qual os respondentes estão vinculados indica uma distribuição equilibrada no grupo, onde a maioria encontra-se no CCS, mas sem diferença significativa frente a outros centros.

Em relação à religião/crença, destaque para o fato de que a maioria dos respondentes vegetarianos alega não possuir religião (33,3%). Os católicos e evangélicos ficam em segundo lugar, com um percentual bem inferior e empatados com 13,6%. Já no grupo dos onívoros, os católicos, evangélicos e aqueles que não possuem religião estão praticamente empatados percentualmente, ficando muito à frente das demais opções.

A Tabela 3, a seguir, apresenta como os indivíduos do grupo vegetariano se identificam quanto à vertente alimentar ou estilo de vida no qual se inserem.

Tabela 3 - Classificação dos indivíduos adeptos do vegetarianismo no RU (Campus Recife)

Variável	Vegetarianos	
Tipo de dieta/estilo de vida	n	%
Flexitariano(a)	34	51,5%
Ovolactovegetariano(a)	16	24,2%
Lactovegetariano(a)	3	4,5%
Vegano(a)	2	3,0%
Vegetariano(a)	3	4,5%
Ovovegetariano(a)	1	1,5%
Em processo de adaptação ao vegetarianismo	7	10,6%

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Observa-se a partir da tabela acima que, em se tratando de dieta/estilo de vida, os flexitarianos compõem praticamente metade dos respondentes do grupo vegetariano. Considerando-se somente os indivíduos vegetarianos, a categoria dos ovolactovegetarianos está bem à frente das demais vertentes vegetarianas que figuram na pesquisa. Somadas todas as categorias de vegetarianos (excluindo os flexitarianos e os que estão em processo de adaptação), tem-se o percentual de aproximadamente 8%, que fica abaixo do resultado obtido em 2018 pelo Ibope, conforme apresentado anteriormente neste estudo, onde foi constatado que 14% da população brasileira se declara como vegetariana.

Por fim, a análise das variáveis do ponto de vista estatístico é primordial. Para tanto, foi utilizado o teste qui-quadrado. A tabela a seguir segmenta os respondentes em dois grupos distintos: indivíduos que se declararam vegetarianos em alguma vertente somados aos simpatizantes (flexitarianos e similares); e indivíduos que consomem proteína animal. Estes dois grupos foram confrontados com as respostas obtidas nas seguintes variáveis: gênero; faixa etária; área do conhecimento; renda mensal individual; raça/cor; religião/crença. O cálculo do

qui-quadrado tem como resultado um p-valor para cada variável analisada, como mostra a Tabela 4 a seguir:

Tabela 4 - Apresentação do p-valor das variáveis do artigo 1

Variável	p-valor	Agrupamentos analisados
Gênero	0,07420665143	Feminino; masculino
Faixa Etária	0,1493973836	Até 25 anos; Acima de 25 anos
Centro Acadêmico	0,006606202489	CAC; CB; CCS; CCSA; CFCH; CTG; Outros
Renda mensal individual	0,8468885098	Até 1 salário mínimo; Acima de 1 salário mínimo
Raça/cor	0,2757635313	Branco(a); Pardo(a); Preto(a)
Religião/crença	0,04460092464	Católica; Evangélica; Não possui religião; Outros; Ateu

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A partir dos resultados encontrados para cada p-valor, é possível interpretar a relação entre variáveis. Se um p-valor for menor que 0,05 (nível de significância considerado no cálculo), há evidências de associação entre as variáveis. Observando a Tabela 4, verifica-se que apenas o p-valor das variáveis “Centro Acadêmico” e “Religião/crença” ficou abaixo de 0,05. Assim, pode-se inferir que há um forte indicativo de associação entre as variáveis, em que determinados centros acadêmicos, a exemplo do CAC, tendem a possuir mais vegetarianos do que outros centros, bem como os indivíduos vegetarianos que tendem a não possuir religião.

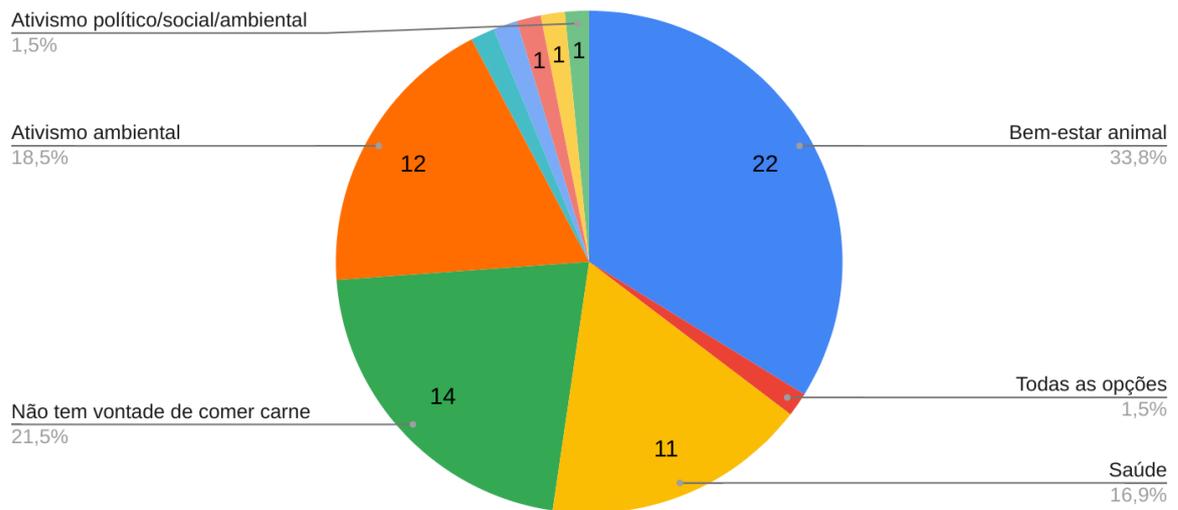
Ademais, cabe destacar ainda a variável “gênero”, que obteve um p-valor acima de 0,05 e abaixo de 0,1. Isto significa que é uma variável marginalmente significativa, merecendo atenção por também possuir um papel relevante relacionado ao estilo alimentar, porém, em um menor grau se comparada às variáveis “Centro Acadêmico” e Religião/crença”.

De modo a aprofundar a compreensão sobre estas variáveis de destaque, ao longo da próxima seção serão analisadas as principais questões da pesquisa, e em algumas delas, será feita a análise em relação a determinados grupos de destaque.

2.4.1 Questões direcionadas aos vegetarianos e simpatizantes

Nesta etapa, foram analisadas as respostas às questões que foram respondidas exclusivamente pelos indivíduos que afirmaram ser vegetarianos em alguma vertente, bem como aqueles que são flexitarianos e similares. Dando continuidade à análise, a Figura 2 apresenta os principais motivos para adesão ao vegetarianismo:

Figura 2 - Motivos para mudança no estilo de alimentação por usuários do RU (Campus Recife)



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A preocupação com o bem-estar animal foi o principal fator para a adoção de um estilo de alimentação vegetariano ou que ao menos priorize uma dieta baseada em proteína vegetal. Em segundo lugar está a falta de vontade de comer carne, acompanhada de perto pelos fatores “ativismo ambiental” e “saúde”.

A fim de detectar relações entre o principal motivo para a adoção do estilo de alimentação vegetariano, as respostas desta questão foram confrontadas com as variáveis sobre religião, renda, lotação na instituição e estilo de alimentação. Assim, dentre os indivíduos que responderam o bem-estar animal como principal motivo, 7 (31,8%) não possuem religião, 4 (18,2%) são agnósticos, 4 (18,2%) não quiseram informar, 2 (9,1%) são católicos e 2 são evangélicos. Quanto à renda, 68,2% ganham até 1 salário mínimo.

Em se tratando do local de lotação, 7 (31,8%) são do CAC, 4 (18,2%) são do CTG e 4 (18,2%) são do CCS. Sobre o estilo de alimentação, 7 (31,8%) são flexitarianos, 7 (31,8%) são ovolactovegetarianos e 4 (18,2%) estão em processo de adaptação a uma dieta vegetariana/vegana.

Dentre os indivíduos que afirmaram não sentir vontade de comer carne, 4 (28,6%) são evangélicos, 3 (21,4%) não possuem religião, 2 (14,3%) são católicos e 2 (14,3%) são ateus. Quanto à renda, todos recebem até 1 salário mínimo. Em relação à lotação, 5 (35,7%) são do CAC, 3 (21,4%) são do CTG e 3 (21,4%) do CB.

No estilo de alimentação, 10 (71,4%) são flexitarianos, 2 (14,3%) são ovolactovegetarianos. Já dentre aqueles que responderam “ativismo ambiental”, o destaque vai para o estilo de alimentação, onde a maioria é ovolactovegetariana (41,7%), seguidos por flexitarianos (33,3%).

Para a análise dos resultados, pode-se considerar dois grandes grupos: o primeiro grupo é a junção das categorias "ativismo ambiental" e "bem-estar animal" por possuírem semelhanças de propósito e são motivos que envolvem um bem maior, a coletividade. Portanto, essas duas categorias podem ser observadas aglutinando os seus resultados, que são de cunho coletivo.

Neste mesmo raciocínio, as categorias "não tem vontade de comer carne" e "saúde" têm como ponto comum o fato de serem motivos muito mais pessoais para a adoção de um estilo de vida do que visando um bem coletivo. Portanto, estas duas categorias podem ser agrupadas como sendo de cunho individual.

Assim, comparando os resultados da questão com o recorte de religião/crença, observa-se que, percentualmente, 63,64% dos indivíduos que não possuem religião, 85,71% dos agnósticos (também não possuem religião) e 83,33% dos que não quiseram informar têm como principais motivos para adoção do estilo de vida vegetariano as categorias coletivas.

Por outro lado, 70% dos indivíduos católicos, 60% dos evangélicos e 83,33% dos ateus têm seus motivos mais fortes nas categorias individuais, seja prezando pela saúde ou por não sentirem vontade de comer carne.

Sob a perspectiva de gênero, o público feminino está praticamente equilibrado entre os motivos coletivos e individuais, com percentuais muito próximos a 50% em cada grande grupo. Já o público masculino se destaca nos motivos coletivos, principalmente em se tratando do bem-estar animal, onde 42,11% dos homens responderam essa opção.

De posse dos dados da pesquisa, foi feita uma compilação dos resultados obtidos nos trabalhos de outros autores apresentados anteriormente neste estudo, de modo a se ter um parâmetro de referência entre os resultados aferidos na presente pesquisa com os demais estudos, que em sua quase totalidade foram realizados no Brasil, além de um estudo estrangeiro, a fim de enriquecer o entendimento do tema. O Quadro 1 apresenta o compilado.

Quadro 1 - Compilação dos resultados de pesquisas sobre o vegetarianismo

	Autor					
	Nunes (2010)	Queiroz et al. (2018)	Doneda et al. (2020)	Aravena et al. (2020)	Braucks et al. (2021)	Cabral (2021)
Tamanho da amostra de vegetarianos	230	419	202	74	349	66
Local	São Paulo/SP	Cidades brasileiras diversas	Porto Alegre/RS	Pontificia Universidad Católica de Chile (UC)	Rio de Janeiro	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Idade	29 anos em média	Entre 18 e 25 anos (53%)	29 anos em média	Entre 18 e 20 anos	40 anos em média	Entre 21 e 25 anos (69,7%)
Gênero predominante	Feminino (70%)	Feminino (87%)	Feminino (88%)	Feminino (84%)	Feminino (85%)	Femino (68,2%)
Religião/crência	38% declararam-se religiosos	-	40% possuem espiritualidade, mas não possuem religião. 38% apenas quem não possuem religião.	-	-	Não possui religião (33,3%)
Dieta/estilo de vida predominante	Ovolactovegetarianos (56%); veganos (29%)	Ovolactovegetarianos (37%); veganos (27%)	Ovolactovegetarianos (48%); veganos (33%)	Ovolactovegetarianos (21,1%); pescovegetariano** (14,5%)	Vegetarianos estritos (47,3%); ovolactovegetarianos (45,3%)	Flexitarianos (51,5%); ovolactovegetarianos (24,2%)
Principal motivo para adoção do vegetarianismo*	Bem-estar animal (62%)	Bem-estar animal (53%)	Bem-estar animal (92%)	Meio ambiente (91,9%)	Bem-estar animal (68,2%)	Bem-estar animal (33,8%)

* Cada pesquisa utilizou termos diferentes para “bem-estar animal”, mas com o mesmo sentido.

** Indivíduos que não consomem nenhum tipo de carne, exceto peixes e frutos do mar.

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A observação dos resultados das pesquisas acima indica a predominância de um perfil de público abaixo dos 25 anos, maioria feminina e estudantes do ensino superior. Quanto ao principal motivo para adoção do vegetarianismo, predomina a preocupação com o bem-estar e os direitos dos animais. O fator ambiental também possui relevância para a mudança do estilo de alimentação.

A predominância do público vegetariano feminino nesta pesquisa e nos demais estudos apresentados acima é um fenômeno que está relacionado com profundas questões

antropológicas ao longo da história, que apesar de não ser o foco de abordagem deste estudo, merece uma breve consideração. Segundo Fernandes (2020), algumas sociedades consideram o hábito de comer carne animal, principalmente a bovina, como significado de virilidade, força e masculinidade.

Uma sociedade patriarcal e machista coloca a mulher em uma condição de submissão, onde o sexismo no consumo de alimentos é verificado. Fernandes (2020), citando Adams (2018), exemplifica essa questão:

Adams(2018) cita no primeiro capítulo de seu livro que, durante a aristocracia, quem gozava de poder consumia carne, ou seja, homens. Mulheres, tanto as participantes da aristocracia quanto as mulheres de “segunda classe”, consumiam alimentos também considerados de “segunda classe”: legumes, verduras, frutas e grãos, nada de carne. Infere-se, então, que a mulher era vista como um ser inferior e por isso não necessitava da “força da carne.” (FERNANDES, 2020, p. 157)

Naturalmente, na sociedade contemporânea, a adesão do público feminino ao vegetarianismo ocorre por fatores diversos. Os aspectos apresentados acima servem como base histórica para o entendimento da predominância feminina. Inclusive, dentro do movimento vegano, a presença de mulheres é maioria, como demonstra Aur (2021):

Em 2016, foi feita uma pesquisa no Reino Unido pela Ong Vegan Society, cujo resultado revelou que as mulheres são em dobro em relação aos homens no movimento vegano. Esse aumento vem ocorrendo em vários países, como por exemplo, nos Estados Unidos, em que as estatísticas indicam que 79% dos veganos são mulheres. Esses dados não surpreendem, já que feminismo, ecologia e direitos dos animais há muito tempo andam juntos e se aliaram com o ecofeminismo para combater as injustiças e os prejuízos provocados pela mentalidade de posse e dominação, e pela defesa da igualdade de direitos de gênero e espécie.

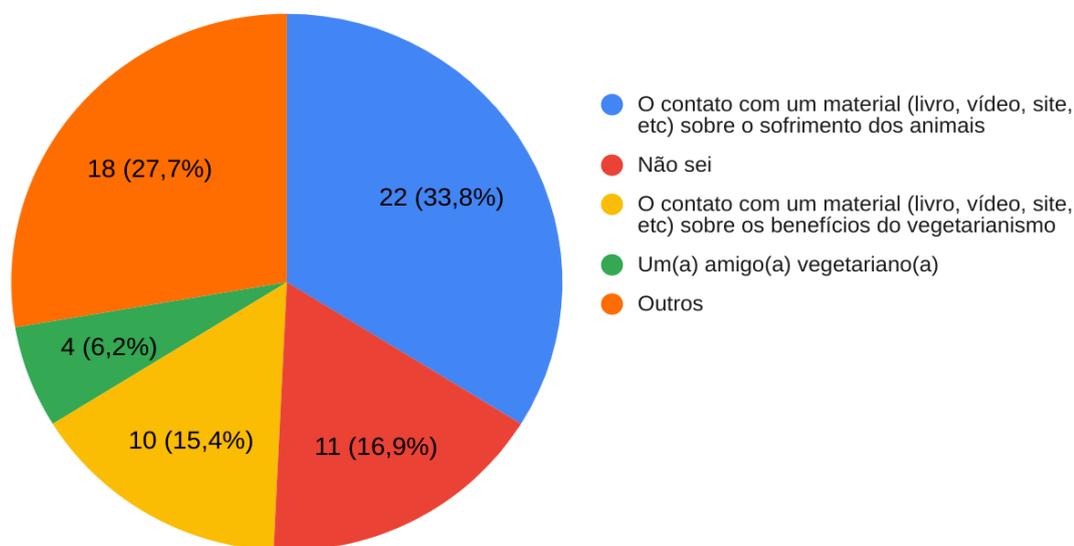
Observa-se, portanto, que movimentos feministas, de defesa ao meio-ambiente e direitos dos animais, dentre outros, possuem relação com o vegetarianismo. Então, indagou-se aos respondentes se os mesmos fazem parte de alguma causa ou movimento. 84,8% responderam “não”. Logo, apenas 15,2% afirmaram ser ativistas de causas diversas, como movimentos em prol dos animais, meio-ambiente, indígenas, estudantes, movimento negro etc. Deste modo, não foi possível identificar neste estudo uma relação consistente entre o vegetarianismo/veganismo e um ativismo específico.

Os indivíduos que se consideram ovo-lacto-vegetarianos possuem forte presença nas pesquisas citadas no quadro acima, ou seja, boa parte dos vegetarianos adota um estilo de alimentação com um nível relativamente baixo de restrição a alimentos de origem animal, uma

vez que consomem ovos, leite e derivados. Uma possível causa para esse fato pode residir na maior facilidade de adaptação a uma dieta vegetariana por conter menos restrições e adequações no cardápio. Outras causas são possíveis e podem ser objetos de estudo para pesquisas posteriores.

Dando continuidade à análise dos resultados do presente estudo, a partir de agora serão apresentadas as respostas acerca do vegetarianismo na conjuntura da vivência na UFPE, de modo que seja possível verificar com mais detalhes as características, hábitos e percepções do público vegetariano na universidade. A Figura 3 retrata os principais elementos que influenciaram os respondentes a mudar o estilo de alimentação/vida.

Figura 3 - Elementos influenciadores da decisão de mudança do estilo de alimentação em usuários do RU (Campus Recife)



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A maioria dos respondentes (33,8%) afirmou ter sido influenciada a mudar o estilo de alimentação/vida após ter contato com algum tipo de material impresso, eletrônico ou audiovisual que trata do sofrimento animal. Este resultado condiz, bem como ajuda a justificar, a priori, o principal motivo informado para a adesão ao vegetarianismo, que foi o bem-estar animal.

Contudo, nesta questão, uma análise pertinente é verificar se os indivíduos que responderam que a principal influência para adoção do vegetarianismo foi o contato com materiais sobre o sofrimento dos animais são os mesmos indivíduos que responderam na

questão anterior que o bem-estar animal foi o principal motivo para adoção desse estilo de alimentação.

Para tanto, foi utilizada a correlação estatística, onde são comparados os resultados das duas perguntas a fim de se obter um coeficiente que indica o grau de correlação. O cálculo da correlação para o caso em questão teve como resultado o coeficiente 0,31. Este valor, distante de 1,0, indica que o grau de correlação entre os dois conjuntos de dados é fraco, ou seja, os dois grupos analisados são compostos por indivíduos distintos, contudo, convergentes quanto ao padrão de respostas e opiniões.

Dentre as diversas respostas de texto livre informadas na opção “outros” da questão apresentada na Figura 3, é interessante destacar a seguinte: “outra vez uma galinha foi abatida e virou meu almoço e isso me chocou muito [...]. Vejo quantos animais são sensíveis ao carinho e não consigo imaginar comer a carne de algo que tem minha empatia e que confiava em mim.” Este relato possui forte relação com o que explica Joy (2014):

A principal defesa do sistema é a invisibilidade; a invisibilidade reflete as defesas evitar e negar e é a base sobre a qual repousam todos os outros mecanismos. A invisibilidade nos permite, por exemplo, consumir o bife comum sem imaginar o animal que estamos comendo; ela esconde nossos pensamentos de nós mesmos. A invisibilidade também nos conserva bem isolados do desagradável processo de criar e matar animais para nos alimentarmos. O primeiro passo, então, na desconstrução da carne é a desconstrução da invisibilidade, expondo os princípios e as práticas de um sistema que tem, desde seus primórdios, permanecido oculto. (JOY, 2014, p. 25)

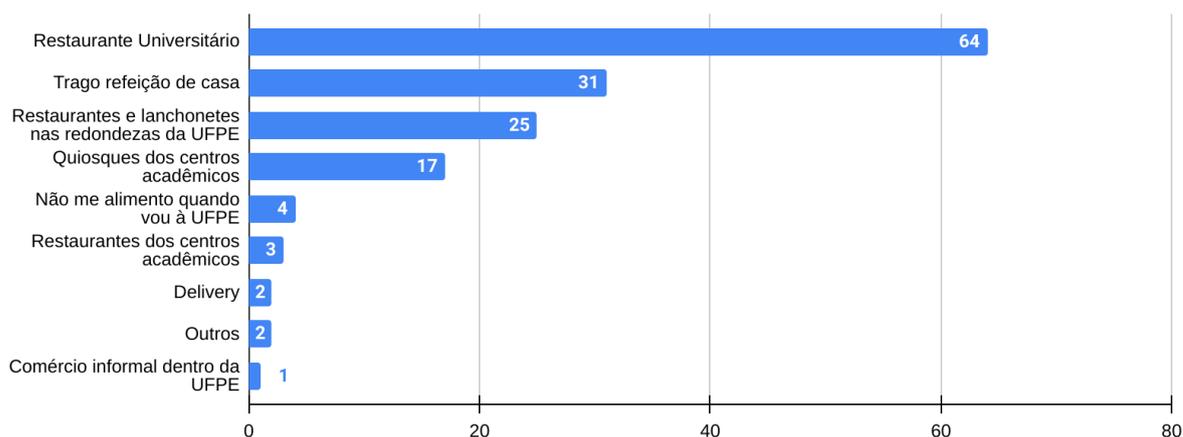
A crítica da autora diz respeito ao sistema carnista (sistema que engloba toda a cadeia produtiva da carne e a sociedade consumidora de proteína animal), que se utiliza da invisibilidade ou ainda da “blindagem” dos consumidores sobre a real condição às quais os animais são submetidos na cadeia de produção, o que leva a uma troca da empatia, que é natural na relação humano-animal, pela apatia. A partir do momento que essa invisibilidade é quebrada, o indivíduo exposto tem a possibilidade de refletir e mudar seus hábitos, que foi o caso do relato apresentado acima.

Quando indagados se a decisão de mudança do estilo de alimentação ocorreu após o ingresso na UFPE, 40,9% dos respondentes afirmaram que sim, porém, a vivência na instituição não foi determinante. 33,3% informaram já serem vegetarianos antes mesmo de ingressar na UFPE. Já 15,2% dos participantes aderiram ao estilo vegetariano após ingressar na instituição e a vivência na mesma influenciou em tal decisão. Em uma análise direta, fica evidente que a UFPE não possui grande impacto na decisão de adesão ao vegetarianismo.

Por outro lado, o resultado desta questão é muito importante, pois mostra que a maioria dos indivíduos adotou o vegetarianismo ou a simpatia pela causa vegetariana após ingressar na universidade, mas sem receberem influência da instituição para tal. Somando-se esse percentual ao percentual que informou ter sido influenciado pela UFPE, tem-se 56% de pessoas que afirmaram ter mudado o estilo de alimentação após ingresso na universidade. Este dado mostra que há um potencial que a instituição possui para explorar e prestar mais apoio à temática vegetariana, passando a ter um papel mais relevante na garantia dos direitos e necessidades do público vegetariano e simpatizante.

Cabe destacar ainda que na análise dessa questão sob o recorte de gênero, o público masculino apresenta apenas 16,67% de indivíduos que já eram vegetarianos antes de ingressar na universidade, frente os 46,67% do público feminino, evidenciando assim uma decisão mais tardia por parte dos homens para adoção do vegetarianismo ou simpatia pelo estilo. Portanto, cabe à instituição de ensino a oferta de opções adequadas a esse público, uma vez que são usuários frequentes da infraestrutura alimentar da universidade, principalmente do Restaurante Universitário, como demonstra a Figura 4.

Figura 4 - Meios de alimentação de indivíduos vegetarianos ou simpatizantes na UFPE



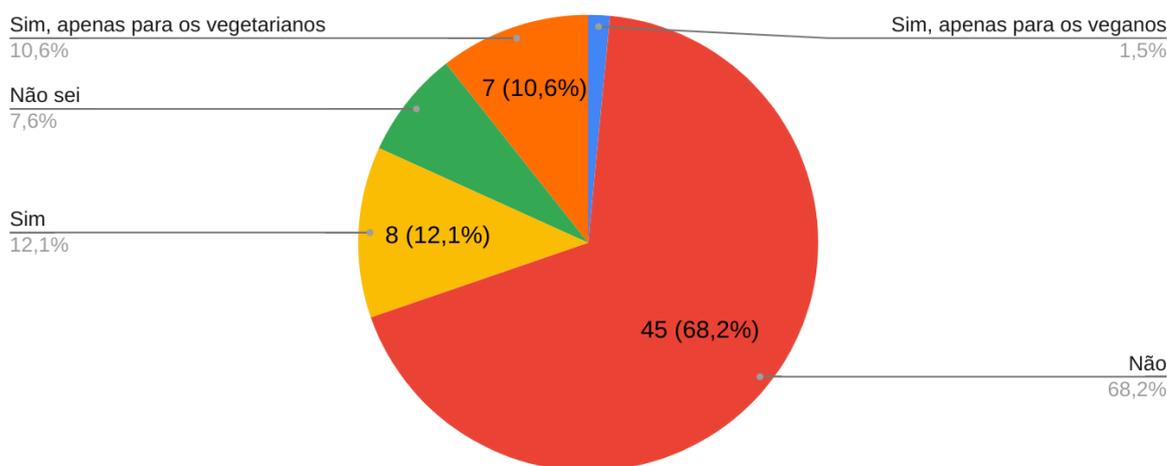
Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Na questão apresentada acima, cada participante poderia marcar mais de uma opção de resposta. Como resultado, o Restaurante Universitário figura como o principal meio de alimentação dos indivíduos vegetarianos, que informaram frequentá-lo ou tê-lo frequentado 2 ou mais vezes por semana (78,8%), o que reforça a necessidade de maior atenção por parte da gestão universitária às opções de pratos oferecidos a esse público. Em segundo e terceiro lugar estão, respectivamente, as refeições trazidas de casa e alimentação nas adjacências da UFPE,

enquanto os quiosques e restaurantes dos centros acadêmicos são menos utilizados, apesar de serem opções ao RU oferecidas na própria instituição.

A preferência dos indivíduos vegetarianos pelo uso do Restaurante Universitário e refeições trazidas de casa pode ter forte relação com o fator econômico, uma vez que mais de 80% dos respondentes possuem renda mensal inferior a 1 salário mínimo, priorizando assim opções menos onerosas. Além disso, trazer refeições de casa também pode ser um indicativo da carência de mais opções de pratos vegetarianos oferecidos nas instalações da universidade. A Figura 5 contribui para o entendimento deste fato.

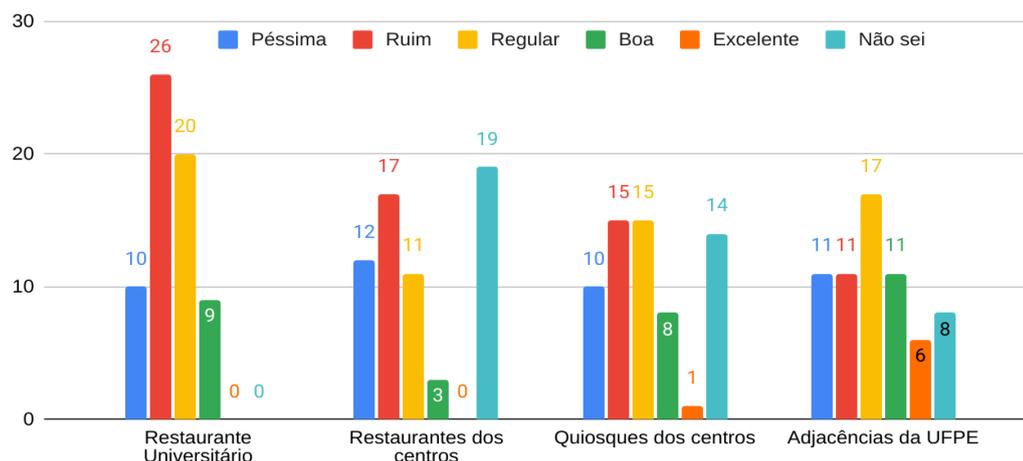
Figura 5 - Aprovação acerca da estrutura e adequação ao público vegetariano na UFPE por usuários do RU (Campus Recife)



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Expressivos 68,2% dos participantes vegetarianos ou que evitam o consumo de proteína animal consideram que a UFPE não oferece uma boa estrutura e adequação a esse público. Este resultado demonstra de forma global a insatisfação desse segmento universitário quanto ao atendimento de suas necessidades. Ao confrontar o resultado predominante “não” com outras variáveis, tem-se que 31,1% estão lotados no CAC, 44,4% são flexitarianos e 24,4% são ovolactovegetarianos. De modo a detalhar o grau de satisfação dos usuários, lhes foi solicitada a opinião sobre os principais meios de alimentação na universidade, como apresentado a seguir.

Figura 6 - Avaliação da oferta de opções vegetarianas em locais diversos por usuários do RU (Campus Recife)



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

No Figura 6, observa-se que o RU possui a pior avaliação dentre os locais indagados aos participantes. Somando-se as opções “péssima” e “ruim”, tem-se 55% de reprovação. Dentre os indivíduos que marcaram “ruim”, 38,5% são do CAC, 42,3% são flexitarianos, 26,9% ovolactovegetarianos e 84,6% frequentam/frequentavam o RU duas ou mais vezes por semana.

Os restaurantes dos centros acadêmicos também foram mal avaliados, com destaque para o grande número de opções marcadas para “não sei”, haja vista que tais locais são muito pouco frequentados pelo público estudante vegetariano. Os indivíduos que marcaram essa opção são em sua maioria do CAC (36,8%), enquanto dentre os que marcaram “ruim”, a maioria é do CB (23,5%).

Já os quiosques dos centros apresentam maior equilíbrio de respostas, apesar da reprovação ainda ser relevante, bem como a opção “não sei”. Neste caso, a predominância do CAC entre os respondentes se repete. Por fim, os restaurantes e lanchonetes das redondezas obtiveram a classificação de “regular” como predominante, tendo sido a categoria mais bem avaliada dentre as disponíveis, também com maioria de respondentes do CAC para essa alternativa.

Deste modo, infere-se que, apesar do Restaurante Universitário ser o local mais frequentado pelos indivíduos vegetarianos ou que priorizam uma dieta vegetariana, os estabelecimentos das redondezas da universidade são os que melhor atendem às necessidades desse grupo de indivíduos quando estão na UFPE, considerando apenas as opções disponíveis in loco, em detrimento das refeições trazidas de casa. A Tabela 5 complementa a análise da questão, apresentando os parâmetros estatísticos descritivos:

Tabela 5 - Parâmetros descritivos da avaliação de ofertas vegetarianas em locais diversos por usuários vegetarianos do RU (Campus Recife)

Item	Péssima		Ruim		Regular		Boa		Excelente		Não sei		Mo da	Media na
	Fa*	Fp** (%)	Fa	Fp (%)	Fa	Fp (%)	Fa	Fp (%)	Fa	Fp (%)	Fa	Fp (%)		
Restaurante Universitário	10	15,38%	26	40,00%	20	30,77%	9	13,85%	0	0,00%	0	0,00%	2	2
Restaurantes dos centros	12	19,35%	17	27,42%	11	17,74%	3	4,84%	0	0,00%	19	30,65%	6	3
Quiosques dos centros	10	15,87%	15	23,81%	15	23,81%	8	12,70%	1	1,59%	14	22,22%	2	3
Adjacências da UFPE	11	17,19%	11	17,19%	17	26,56%	11	17,19%	6	9,38%	8	12,50%	3	3

*Frequência absoluta

**Frequência proporcional

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

As frequências absoluta e proporcional refletem o resultado apresentado na Figura 6, onde os restaurantes e lanchonetes das adjacências receberam a melhor avaliação. Importante destacar ainda os dados de moda e mediana. A moda é o valor que mais se repete em um conjunto de dados. A mediana é o valor central em um conjunto de dados ordenados do menor para o maior. Para a interpretação das respostas, as alternativas de “péssima” a “excelente” foram classificadas de 1 a 5, respectivamente. E a opção “não sei” recebeu a classificação 6.

Observa-se, portanto, que para o RU e os quiosques dos centros acadêmicos, na moda o valor que mais se repete é o 2 (“ruim”), evidenciando a posição negativa dos respondentes quanto a tais locais. Em relação à mediana, cabe ressaltar novamente o desempenho ruim do RU frente aos demais locais, cujos valores centrais foram considerados regulares.

Diante deste cenário, os participantes foram questionados se consideram que há melhorias que poderiam ser aplicadas na UFPE para melhor atender ao público vegetariano e/ou vegano. Esta pergunta foi aberta. De forma sintetizada, as respostas convergem para a melhora na diversidade do cardápio do RU, com aumento da oferta de opções vegetarianas e veganas, bem como mais tempero para acentuar o sabor dos alimentos, pois muitos relatos citam a soja como única opção vegetariana oferecida.

As respostas acima podem ser melhor compreendidas ao se observar o cardápio oferecido no RU no período em que a maioria dos frequentadores utilizou o local. Assim, a Diretoria de Alimentação e Nutrição da UFPE disponibilizou à esta pesquisa uma amostra do cardápio servido aos estudantes no período de 01 a 31/10/2019 (23 dias úteis). A Tabela 6 apresenta as opções vegetarianas servidas e suas respectivas frequências, ou seja, quantas vezes

os preparos foram oferecidos durante o período citado acima, considerando que apenas uma opção vegetariana era oferecida em cada turno.

Tabela 6 - Preparações vegetarianas oferecidas no RU (Campus Recife) em outubro/2019

Desjejum		Almoço		Jantar	
Preparo	Frequência	Preparo	Frequência	Preparo	Frequência
Ovo Mexido Especial (Contém lactose)	6	Quibe Assado de Soja	3	Omelete à Moda (Contém lactose)	3
Omelete Simples (Contém Lactose)	4	Moqueca de Banana da Terra	2	Omelete Simples (Contém lactose)	2
Soja Refogada	3	Berinjela Gratinada (Contém Glúten e lactose)	2	Legumes Gratinados ao Molho Branco (Contém Glúten e lactose)	2
Soja Ao Sugo	3	Salada de Grão de Bico	2	Fricassê de Soja (Contém Glúten e lactose)	2
Ovo mexido	2	Legumes Gratinados ao Molho Branco (Contém Glúten e lactose)	2	Berinjela Gratinada (Contém Glúten e lactose)	2
Proteína de Soja Refogada	2	Omelete à Moda (Contém lactose)	2	Grão de Bico Refogado	2
Virado de Soja	2	Lasanha Vegetariana	2	Moqueca de Ovo	2
Ovo Cozido ao Vinagrete	1	Virado de soja	1	Salada de Lentilha ao Vinagrete	2
		Soja ao Molho	1	Lentilha ao vinagrete	1
		Abóbora Assada c/ Alecrim	1	Soja refogada	1
		Bolinho de Arroz	1	Quibe de soja	1
		Escondidinho de Soja (Contém lactose)	1	Soja Ao Sugo	1
		Lentilha ao Vinagrete	1	Virado de Soja	1
		Fricassê de Soja (Contém Glúten e lactose)	1	Salada de Grão de Bico	1
		Grão de bico Refogado	1		

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A partir da análise do cardápio, verifica-se que durante o mês de outubro de 2019 as opções vegetarianas foram oferecidas 69 vezes (1 opção a cada turno durante 23 dias). Deste quantitativo, pelo menos 23 vezes (33%) foram de opções que continham soja e 22 vezes (32%) de opções contendo ovo. Estes percentuais demonstram que a crítica dos alunos quanto ao repetido uso de soja é válida. Além disso, a extensa utilização de ovo nas preparações exclui a possibilidade de, por exemplo, lactovegetarianos e veganos consumirem tais pratos.

Dentre os três turnos, o desjejum é o menos variado, sendo que das 23 ofertas no mês, 13 (57%) continham basicamente ovo e 10 (43%) continham soja. No almoço, opções com soja representaram 30% das 23 ofertas no mês, enquanto outras preparações dominaram com 61%

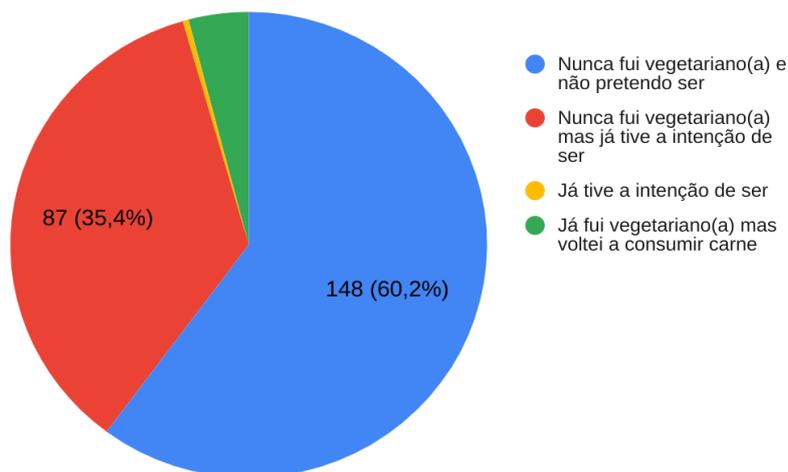
e apenas 9% utilizaram ovo. Já no jantar, 43% das ofertas foram de preparações diversas, 30% com ovo e 26% com soja.

Observa-se, portanto, que o almoço era o turno com maior variedade de opções vegetarianas, seguido pelo jantar e por fim o desjejum. No caso deste último, com mais da metade de ofertas do mês contendo ovo, os grupos vegetarianos e veganos que não consomem este alimento ficam prejudicados e sem opção alternativa, haja vista que apenas uma opção era oferecida por dia, nos três turnos, enquanto o cardápio onívoro oferecia duas opções por dia durante o almoço e o jantar.

2.4.2 Questões direcionadas aos onívoros

Conforme mencionado na introdução desta seção, o público que consome proteína animal também foi interpelado com questões referentes ao vegetarianismo. Nesta etapa, a amostra de participantes foi de 247, porém, tendo algumas questões com 246 respostas, uma vez que as perguntas são facultativas. A figura a seguir demonstra quantos indivíduos já tiveram intenção de adotar uma dieta vegetariana.

Figura 7 - Intenção de adotar dieta vegetariana de frequentadores do RU (Campus Recife)

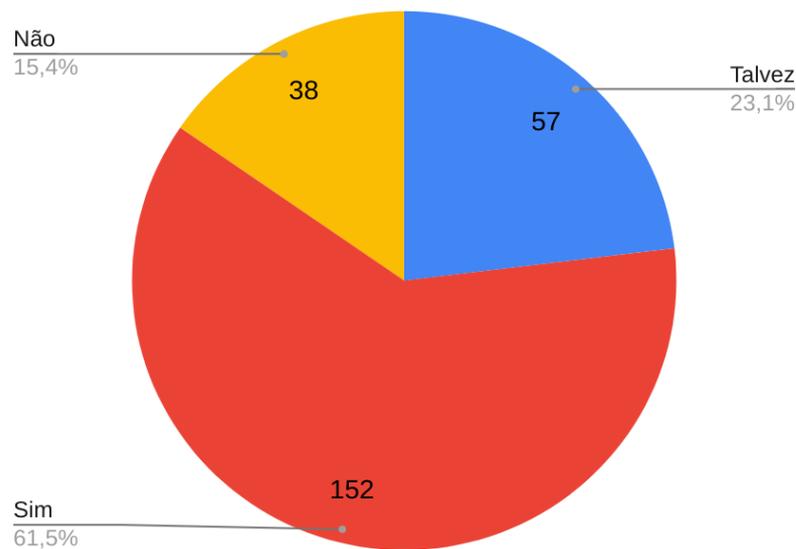


Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A análise da Figura 7 confirma que a maioria dos participantes (60,2%) não possui intenção de adotar uma dieta vegetariana. Contudo, o percentual de indivíduos que em algum momento já considerou se tornar vegetariano ficou acima do esperado, atingindo 35,4%. Em menor parcela estão aqueles que já foram vegetarianos, mas que voltaram a consumir proteína animal (4,1%).

Importante destacar que, somando-se os indivíduos que já tiveram a intenção de ser vegetarianos e aqueles que já foram vegetarianos, tem-se praticamente 40% dos respondentes com potencial para se tornarem vegetarianos, ou ao menos com maior predisposição a consumirem pratos sem proteína animal. De modo a aprofundar essa questão, foi perguntado aos participantes se estariam dispostos a comer opções de pratos vegetarianos/veganos se um restaurante as oferecesse, além de carnes. A Figura 8 apresenta os resultados.

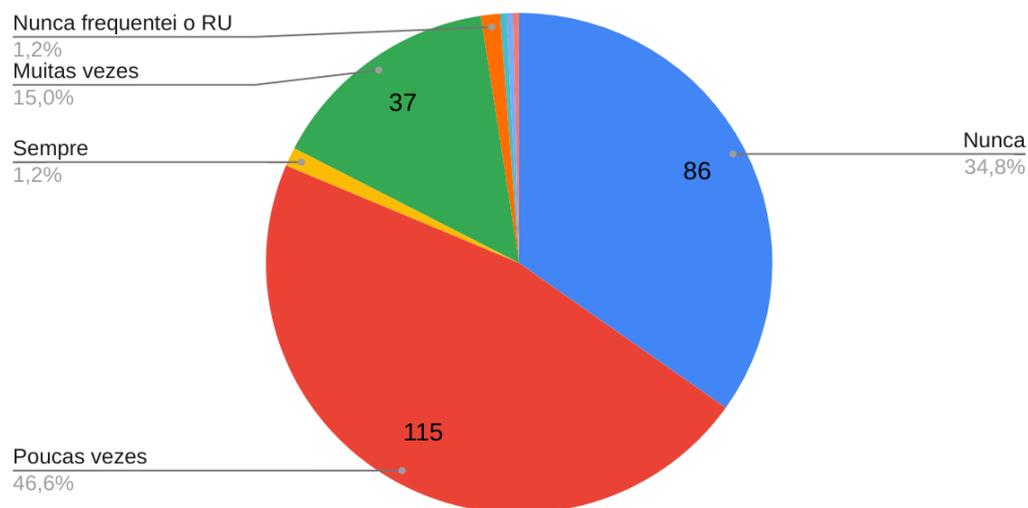
Figura 8 - Disposição a consumo de pratos vegetarianos por onívoros frequentadores do RU (Campus Recife)



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

O expressivo resultado favorável ao consumo de pratos vegetarianos por indivíduos que consomem proteína animal é um indicativo da importância da oferta de mais opções vegetarianas. Mas esta análise fica mais completa a partir da apreciação conjunta com outra questão feita aos participantes, para que informassem se ao frequentar o RU, optavam por pratos vegetarianos, como mostra a Figura 9.

Figura 9 - Frequência de consumo de pratos vegetarianos por onívoros ao frequentar o RU (Campus Recife)



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Com base nas respostas para as duas questões acima apresentadas, observa-se que na suposição da oferta de pratos vegetarianos, 61,5% dos participantes demonstraram disposição em consumir tais alimentos. No entanto, quando indagados sobre a escolha deste tipo de prato na prática (Figura 9), apenas 1,2% sempre os comem, enquanto 15% afirmaram consumir muitas vezes opções vegetarianas e 46,6%, poucas vezes. Somando-se estes percentuais, chega-se a um valor similar à aceitação mostrada na Figura 8. Contudo, a predominância da resposta “poucas vezes” numa situação de vivência real pode ser o reflexo da pouca variedade de opções vegetarianas disponibilizadas no RU e não da falta de vontade dos participantes.

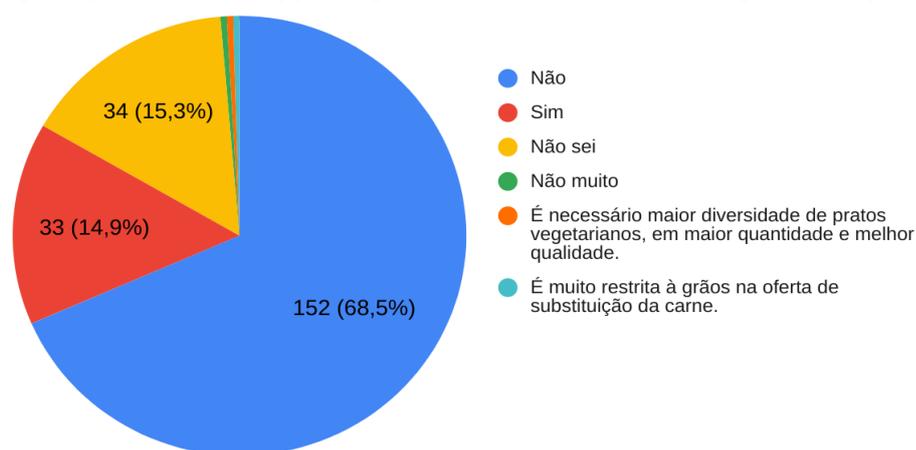
Assim, conclui-se que o público que consome carne não é alheio às questões vegetarianas, muito menos contra. Por exemplo, 97,2% deste grupo de participantes afirmou que consideram importante que na UFPE sejam oferecidas opções vegetarianas/veganas nos restaurantes dos campi. Além disso, 78,9% conhecem pessoas na UFPE que são adeptas do vegetarianismo/veganismo. Ou seja, a questão do vegetarianismo na universidade não pode ser negligenciada, haja vista que existe uma demanda muitas vezes tácita que não é atendida.

2.4.3 Questões relativas ao Restaurante Universitário

Dando continuidade à análise dos resultados, nesta etapa serão apresentadas as respostas referentes às questões envolvendo especificamente o RU do Campus Recife. Neste caso, todos os participantes que já frequentaram o RU puderam responder às questões, sendo vegetarianos

ou não. Participaram desta etapa 222 pessoas, cuja maior frequência de utilização do RU foi no ano de 2019 (93,7%), seguido por 2018 (80,3%) e 2020 (53,4%). Ressalta-se que, em virtude da pandemia do coronavírus, o restaurante recebeu alunos presencialmente até março de 2020 e em abril do mesmo ano foram entregues marmitas aos alunos residentes das casas do estudante e alunos do entorno da universidade que recebiam auxílio moradia. A Figura 10 apresenta a opinião dos usuários sobre a oferta de opções vegetarianas no RU.

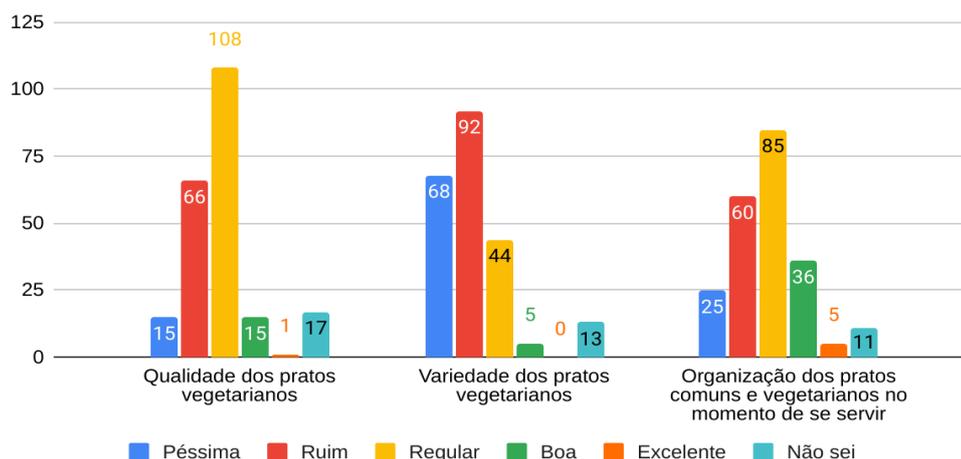
Figura 10 - Aprovação da oferta de opções vegetarianas oferecidas no RU (Campus Recife) por seus usuários



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A exemplo do resultado obtido na Figura 5, que indagou o público vegetariano sobre a satisfação em relação à estrutura oferecida aos vegetarianos na UFPE, o resultado negativo é maioria, inclusive com percentuais similares entre as questões. Contudo, os dados da Figura 10 englobam as respostas do público que também consome carne, pois estão compartilhando do mesmo espaço físico universitário para a realização das refeições junto aos vegetarianos. Neste sentido, foi perguntado aos participantes a percepção dos mesmos sobre alguns aspectos relevantes ao vegetarianismo no RU. A Figura 11 apresenta os resultados.

Figura 11 - Avaliação de aspectos voltados aos vegetarianos no RU (Campus Recife) por seus usuários



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A variedade dos pratos vegetarianos é uma queixa recorrente entre os usuários do restaurante, onde por muitas vezes a soja é a única opção disponível. A alta taxa de respostas para “péssima” e “ruim” é um reflexo desta situação. Já a qualidade dos pratos vegetarianos, bem como a organização dos mesmos no momento de servir os usuários foram classificados predominantemente como “regular”, ensejando assim uma revisão dos procedimentos e preparos servidos no Restaurante Universitário. A seguir são apresentados os parâmetros estatísticos para esta questão.

Tabela 7 - Parâmetros descritivos da avaliação de aspectos do Restaurante Universitário (Campus Recife)

Item	Péssima		Ruim		Regular		Boa		Excelente		Não sei		M o d a	Med iana
	Fa *	Fp** (%)	Fa	Fp (%)	Fa	Fp (%)	Fa	Fp (%)	Fa	Fp (%)	Fa	Fp (%)		
Qualidade dos pratos vegetarianos	15	6,76%	66	29,73%	108	48,65%	15	6,76%	1	0,45%	17	7,66%	3	3
Variedade dos pratos vegetarianos	68	30,63%	92	41,44%	44	19,82%	5	2,25%	0	0,00%	13	5,86%	2	2
Organização dos pratos comuns e vegetarianos	25	11,26%	60	27,03%	85	38,29%	36	16,22%	5	2,25%	11	4,95%	3	3

*Frequência absoluta

**Frequência proporcional

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A Tabela 7 segue os mesmos moldes e classificações contidos na Tabela 5. Assim, proporcionalmente, verifica-se a maior concentração de respostas nas opções 1, 2 e 3, retratando a insatisfação dos usuários do RU. Já a moda e a mediana evidenciam que a opção “regular” prevalece, com exceção da variedade dos pratos vegetarianos, onde a classificação “ruim” é aquela que mais se repete dentre as respostas.

2.5 Considerações finais

A realização da presente pesquisa no Restaurante Universitário (Campus Recife) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) permitiu o aprofundamento do conhecimento sobre o público frequentador do RU, sobretudo do ponto de vista dos indivíduos que evitam ou eliminaram o consumo de alimentos de origem animal, mas levando também em consideração a opinião e percepção dos demais frequentadores sobre a temática.

Os resultados obtidos trouxeram à tona aspectos socioeconômicos, culturais e comportamentais, a partir dos quais é possível estabelecer algumas conclusões pertinentes não apenas para os fins deste estudo, mas para a própria UFPE. Em primeiro lugar, observou-se que o nível de restrição a alimentos de origem animal do público vegetariano do RU da UFPE é relativamente baixo, uma vez que a maioria dos respondentes se considera flexitariano, seguidos pelos ovolactovegetarianos. Este fato indica que há uma demanda latente pela garantia do direito de sempre haver opções de refeições sem produtos de origem animal nos estabelecimentos fornecedores de alimentos que atendem ao público da UFPE.

Mais do que a necessidade de mais opções vegetarianas, a pesquisa constatou que os usuários do RU apontaram a falta de sabor nos preparos e o incremento na qualidade geral percebida das refeições como pontos de melhoria. Neste sentido, ressalta-se a importância da observação desses aspectos por parte dos centros acadêmicos no momento da realização das licitações para concessões de espaços para cantinas, caracterizando adequadamente as opções de pratos vegetarianos a serem ofertados.

No caso do RU, o contrato vigente durante a realização desta pesquisa não previa a oferta de opções vegetarianas, contudo, diariamente eram ofertadas preparações vegetarianas. Este fato pode ter impactado nos aspectos de variedade e sabor apontados pelos respondentes. Como sugestão para aumentar a diversificação das refeições oferecidas, a instituição pode incentivar junto ao prestador de serviço a tradição alimentar local (feijão com arroz, pratos

típicos adaptados) e trazer elementos de outras tradições que sejam tradicionalmente veganos com qualidade, a exemplo das culinárias chinesa, árabe, italiana, dentre outras.

Cabe ainda à instituição levar em consideração os centros que mais concentram o público vegetariano e simpatizantes, sendo o Centro de Artes e Comunicação (CAC) o maior destaque. Além disso, a pesquisa constatou que boa parte dos estudantes se torna vegetariano ou simpatizante após ingressar na UFPE, seja direta ou indiretamente, o que implica em uma necessidade de atenção e maior assistência por parte da universidade para com esse grupo de indivíduos.

3. ARTIGO 2 - ANÁLISE DO PÚBLICO VEGETARIANO EM UM CENTRO ACADÊMICO DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL NORDESTINA: IMPLICAÇÕES MERCADOLÓGICAS NA OFERTA DE REFEIÇÕES

3.1 Introdução

Segundo Brody (2019), em 1900, a quantidade de proteína vegetal consumida pelos americanos era da ordem de dois terços do total de proteína consumida. Com o passar dos anos, essa proporção foi se invertendo e em 1985 o consumo de proteína de origem animal passou a ser de mais de dois terços, com predominância da carne bovina. Mas, dentre os problemas relacionados com a produção de carne bovina, está o fato de que “esses animais consomem até quatro quilos de grãos para produzir meio quilo de carne, gerando toneladas de gases-estufa no processo, enquanto suas calorias e gorduras saturadas contribuem muito para a alta incidência de doenças crônicas”. (BRODY, 2019, p. 2)

Boletim divulgado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), de autoria de Dias et al. (2021), relata pontos importantes relativos ao consumo de carne para os anos vindouros, que crescerá de forma acelerada entre 2021 e 2025, quando comparado ao consumo dos últimos dez anos. O relatório aponta que o consumo de carne bovina per capita apresentou um crescimento mais tímido antes da pandemia do Covid-19, mas com perspectiva de melhora no biênio 2021-2022. Já o consumo de carne suína e de aves deverá crescer de forma mais significativa, sendo esta última o tipo de carne mais consumida a nível mundial. Porém, ainda segundo Dias et al (2021, pág. 3), o consumo da proteína bovina em países desenvolvidos diminuirá por três motivos principais, a saber:

- Preço: a carne bovina continuará sendo uma opção mais cara do que porco ou frango, e esta última se tornará a fonte de proteína animal mais comumente consumida, apesar do crescimento do PIB e renda. Os preços da carne bovina nos EUA devem aumentar, dentre outros fatores pelo aumento dos preços do milho e soja, comumente usados para ração.
- Meio ambiente: a produção de bovinos e ruminantes em geral está sob ataque nas discussões de sustentabilidade, pelos gases de efeito estufa emitidos pelos animais. No Brasil, a produção de bovinos (e de soja e milho para ração) é também acusada como responsável pelo desmatamento da Amazônia, o que piora a imagem da carne bovina frente ao consumidor interno e externo.
- Saúde: a pandemia da Covid-19 teria aumentado a preocupação com a sanidade de alimentos, especialmente em países desenvolvidos, com consumidores cada vez mais conscientes das potenciais implicações negativas para a saúde do alto consumo de carne vermelha.

Estes fatores são responsáveis pela diminuição do consumo que já vem sendo observado antes mesmo da pandemia. A ascensão do mercado vegetariano e consequente incremento de opções de proteínas vegetais também contribuíram para a redução do consumo bovino. Dentre os três fatores apresentados acima, destaca-se o meio ambiente, uma vez que frequentemente é citado por vegetarianos como motivo para adesão ao novo regime alimentar.

O aspecto ambiental relacionado à produção de carne bovina envolve boa parte da cadeia produtiva, gerando prejuízos variados, como os citados desmatamento e emissão de gases, além do alto consumo de água empregado na produção da carne. Neste sentido, a produção da proteína bovina vai na contramão do movimento mundial em prol da sustentabilidade e conservação dos recursos naturais, muitas vezes escassos. Soma-se a isso a responsabilidade social e ambiental, que são aspectos cada vez mais cobrados das empresas por parte da sociedade consumidora.

A ineficiência da produção de carne bovina em termos de insumos é reforçada por Arioich (2019, p. 3):

Produzir um quilo de carne bovina requer 25 quilos de grãos – para alimentar o animal – e aproximadamente 15 mil litros de água. A escala do problema também pode ser vista no uso da terra: cerca de 30% da superfície terrestre é usada atualmente para a pecuária. Assim como os alimentos, água e terra são escassos em muitas partes do mundo, e isso representa uso ineficiente de recursos.

Diante disso, o incentivo à substituição da proteína animal pela vegetal ganha força gradativamente, haja vista que os resultados da agressão causada pela prática pecuária ao meio ambiente serão maiores a longo prazo caso medidas preventivas não sejam tomadas. Assim, o crescimento do vegetarianismo e veganismo se deve muito a movimentos e campanhas espalhadas em todo o mundo (por exemplo, o movimento Segunda Sem Carne, já citado no artigo 1), que buscam promover a conscientização sobre uma alimentação mais saudável e os benefícios de uma dieta sem proteína animal.

O mercado vegetariano e vegano não é restrito apenas aos alimentos e assim como o próprio movimento, o âmbito mercadológico também está aquecido. Muitos nichos e produtos surgiram em diversos ramos, como vestuário, higiene pessoal, cosméticos, acessórios, nutrição, dentre outros. Ainda há muitas oportunidades de negócios e nichos a serem explorados e desenvolvidos.

No Brasil, um exemplo de modelo de negócio recente originado na Holanda a partir do crescimento do mercado vegetariano são os chamados açougues veganos, presentes

inicialmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Estes açougues oferecem produtos substitutos da carne, de origem totalmente vegetal, trazendo versões que se assemelham às aquelas de origem animal, como hambúrgueres artesanais, coxinhas de “carne de jaca”, espetinhos prontos para churrasco, dentre outros.

A gerente de campanhas da Sociedade Brasileira Vegetariana, Mônica Buava, corrobora com o fenômeno em ascensão do vegetarianismo e acrescenta que os dados de crescimento do vegetarianismo no Brasil acompanham uma tendência mundial de mudança na forma de se alimentar.

Essa mudança é impulsionada por alguns fatores, como o crescimento do mercado, das redes de serviço e ainda por conta do aumento de informação”. (RODRIGUES; GOMES, 2019). Além disso, estudo realizado por Orellana *et al.* (2013, p. 16) sobre o vegetarianismo mostra que há diversas características que estão associadas a esse estilo alimentar. Incluem-se, dentre estas características, “atributos psicológicos aos animais, maior inclinação à equidade de gênero e nas demais esferas sociais, mais empatia frente ao sofrimento animal e humano.”

Por conta desses elementos apresentados nos parágrafos anteriores, o público do nicho vegetariano tem ganhado espaço e conseqüentemente atraído a atenção do mercado alimentício, haja vista que grandes redes de fast food, por exemplo, passaram a incluir em seus cardápios opções vegetarianas e/ou veganas ou ainda a abertura de unidades destinadas apenas para esse público. Observa-se também que novos modelos de negócio surgiram, a exemplo dos já citados açougues vegetarianos, beneficiando assim não apenas os adeptos do vegetarianismo, mas toda a cadeia econômica e de geração de renda. Deste modo, pode-se afirmar que a expansão do vegetarianismo possui um viés social, cultural e de mercado.

Neste sentido, as instituições de ensino buscam oferecer cada vez mais opções vegetarianas e veganas à comunidade acadêmica, levando em consideração o aumento desse público, mas também por questões ambientais de sustentabilidade e emissões de carbono relativos à atividade agropecuária.

Diante deste cenário e das iniciativas verificadas em diversas universidades brasileiras e no exterior, o presente estudo busca compreender como se dá a oferta de refeições vegetarianas e veganas nos centros acadêmicos da Universidade Federal de Pernambuco, tomando como referência o Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA).

3.2 Referencial teórico

3.2.1 O mercado vegetariano

O estilo de vida vegetariano e vegano em nível mundial tem crescido e conseqüentemente vem ganhando a atenção da iniciativa privada. “Um levantamento feito em 1994 atestou que aproximadamente 12,4 milhões de pessoas nos Estados Unidos denominavam-se vegetarianas. Isso corresponde a cerca de 7% da população e a quase o dobro do número de vegetarianos descritos ao longo de um período de oito anos.” (COUCEIRO *ET AL.*, 2008, p. 365)

Em um cenário mais contemporâneo, Pinheiro (2019) destaca uma pesquisa realizada em 2018 na província canadense Colúmbia Britânica que constatou que quase 40% dos moradores com menos de 35 anos identificam-se como vegetarianos e veganos, fazendo crescer o número de estabelecimentos que se destinam a atender esse estilo saudável de alimentação.

Segundo Cavalheiro *et al.* (2018, p. 52), “percebe-se essa dinâmica de crescimento a partir da iniciativa de grandes redes de *fast-food* que passam a incluir opções vegetarianas ou veganas em seus cardápios, ou a partir da abertura de unidades dedicadas somente a esse segmento”. Além disso, novos modelos de negócio estão sendo criados com o intuito de obter rápido crescimento com esse nicho em expansão. Este fato é corroborado pela Sociedade Vegetariana Brasileira (2017, p. 3):

Já existem, no Brasil, cerca de 240 restaurantes vegetarianos e veganos, além de um boom de lançamentos de pratos e lanches veganos em restaurantes e lanchonetes não-vegetarianas. O crescimento do mercado brasileiro reflete tendências mundiais: no Reino Unido, houve crescimento de 360% no número de veganos no país na última década (2005-2015). Nos Estados Unidos, o número de veganos dobrou em 6 anos (2009-2015). (SVB, 2017, p. 3)

Os 240 restaurantes mencionados são exclusivamente vegetarianos/veganos, mas a SVB ainda informa que há mais de 3.523 estabelecimentos que oferecem ao menos uma opção de prato vegano no cardápio. Quanto ao cenário internacional, o crescimento expressivo do número de adeptos ao veganismo no Reino Unido e Estados Unidos é um indicativo do movimento mundial que ocorre e que a iniciativa privada precisa acompanhar.

Dada a relevância do segmento vegano, a Sociedade Vegetariana Brasileira lançou em 2016 o programa “Opção Vegetariana” com o objetivo de orientar gratuitamente restaurantes, bares, cafeterias e demais comércios do setor de alimentação a oferecer adequadamente opções vegetarianas e veganas a seus clientes. E em 2018 foi lançado um guia fruto do citado programa,

contendo dicas e fatos sobre o público e a dieta vegana, além de muitas receitas para diversos tipos de restaurantes.

No Brasil, grandes empresas do ramo alimentício estão buscando ano após ano se adequarem ao cenário vegetariano brasileiro, criando produtos vegetais substitutos à proteína animal. Voitch (2020) traz dois exemplos. Um dos maiores destaques é o caso da JBS, a maior processadora de carne bovina do mundo. A empresa lançou uma linha completa de produtos vegetarianos em uma de suas marcas, a Seara, oferecendo opções de hambúrguer, kibe, nuggets, dentre outros substitutos vegetais para a carne.

O segundo exemplo é o das empresas do ramo lácteo, Nestlé e Danone. Ambas já possuem linhas de leites vegetais e investem no desenvolvimento de laticínios a partir desses leites. Segundo Voitch (2020), as duas companhias estimam uma produção de 15 milhões e meio de litros de leite vegetal até 2023.

Outro indicativo do crescimento do nicho vegetariano e vegano é que, segundo a Sociedade Vegetariana Brasileira (2017), de janeiro de 2012 a dezembro de 2017, o número de buscas no Google pelo termo ‘vegano’ aumentou 14 vezes no Brasil. Este crescimento da demanda por produtos à base vegetal e o consequente aumento da oferta possui, dentre outros fatores, a busca por uma vida mais saudável a partir da mudança na dieta alimentar. Assim, os benefícios do vegetarianismo à saúde, ou ao menos a redução do consumo de carne, foram comprovados cientificamente e pertinentes à temática do estudo, portanto, serão apresentados na subseção a seguir.

3.2.2 Benefícios do vegetarianismo

Diversos estudos (apresentados a seguir) conduzidos no Brasil e no exterior trazem evidências de que uma dieta com restrição de consumo de proteína de origem animal, principalmente a carne vermelha, traz benefícios à saúde. De acordo com Couceiro *et al.* (2008, p. 365), uma parte dessas evidências é advinda de pesquisas sobre a saúde dos Adventistas do Sétimo Dia, “pois esse grupo apresenta uma homogeneidade em muitas escolhas do estilo de vida como abstinência ao tabaco e ao álcool, além da adoção dos regimes vegetariano ou ovo-lacto-vegetariano”.

Segundo Carreiro (2018), um estudo realizado na Holanda pelo Centro Universitário Erasmus com quase 6.000 pessoas sendo acompanhadas por um período médio de mais de 13

anos, constatou que os indivíduos que consumiram menos proteína de origem animal e mais proteína vegetal apresentaram menor risco de desenvolverem doença coronariana.

Já uma pesquisa realizada pela Escola de Saúde Pública do Instituto Milken da Universidade George Washington com sul-asiáticos vegetarianos que residem nos Estados Unidos, constatou que esses indivíduos possuíam fatores que minimizam o risco para diabetes e doenças cardíacas. Dentre estes fatores, foram observados, por exemplo, menor índice de massa corporal, menor quantidade de gordura abdominal, menor circunferência abdominal etc. (CARREIRO, 2018).

Nos Estados Unidos, a Escola Friedman de Ciência e Política de Nutrição da Universidade Tufts realizou um estudo com cerca de 30.000 adultos. Chegou-se ao resultado de que uma alimentação rica em vegetais reduziu a mortalidade por causa de algumas doenças em 30%, principalmente entre os indivíduos com problemas crônicos de saúde.

Outra pesquisa, conduzida por pesquisadores da Universidade de Oxford, na Inglaterra, analisou a dieta de mais de 48 mil moradores do Reino Unido por mais de 18 anos. Ao final dos estudos, observou-se que os indivíduos vegetarianos tinham aproximadamente 22% menos chances de desenvolverem doenças cardíacas quando comparados com os indivíduos que consumiam carne. (CURY, 2019).

No Brasil, segundo Carreiro (2018), a Faculdade de Saúde Pública da USP realizou um estudo com 4.500 indivíduos adultos e observou que aqueles que mantinham uma dieta mais rica em proteína vegetal do que animal tinham quase 60% menos chances de apresentarem placa nas artérias coronarianas, significando menor risco de doenças cardíacas.

Todos os resultados apresentados acima reforçam o fato de que uma alimentação rica em vegetais, ao passo em que há redução ou exclusão da proteína animal, promove uma melhora na saúde dos indivíduos. Assim, é bastante pertinente que ações voltadas ao público vegetariano nas universidades, que são o foco deste estudo, sejam mais contundentes, de modo que o gestor público possa promover condições desse tipo de dieta ser exercida na comunidade acadêmica.

Ademais, o incentivo ao consumo de vegetais deve ser estendido a qualquer indivíduo, haja vista os benefícios trazidos e ao fato de que, como apresentado no início deste estudo, estudantes de universidades muitas vezes não possuem uma alimentação balanceada e rica em vegetais.

3.2.3 O vegetarianismo nas instituições de ensino estrangeiras

O intuito desta seção é fazer um contraponto à seção 2.2.4, que consta no artigo 1, onde foram apresentados exemplos de vegetarianismo nas instituições de ensino brasileiras, que são mais relacionados aos restaurantes universitários e demais unidades de alimentação de outros níveis escolares, muitas vezes com refeições oferecidas gratuitamente pelas instituições. Já para os exemplos estrangeiros mostrados a seguir, estes estão em consonância com a linha de abordagem do artigo 2, trazendo uma visão mais mercadológica. Por este motivo, são apresentados neste momento.

Fora do Brasil, alguns casos de estudo muito promissores merecem atenção, uma vez que podem ser exemplos de boas práticas para as universidades brasileiras. Estes *cases* se destacam pelo motivo da redução no consumo de carne na maior parte dos casos: a redução das emissões de carbono. Por exemplo, a Universidade de Cambridge, sediada no leste da Inglaterra, busca a redução das emissões de carbono desde 2016, e para isto, a retirada da carne vermelha do cardápio é essencial. De acordo com Monteiro (2019), a Universidade de Cambridge também cessou a oferta de carne de carneiro. Estas medidas são parte da Política de Alimentos Sustentáveis da universidade. (ARIOCH, 2019).

A Universidade de Cambridge oferece mais diversidade de proteínas vegetais, disponibilizando estrategicamente pratos vegetarianos e veganos para o público, de modo que a incentivar a escolha destas opções em detrimento de outras. A distribuição das refeições ocorre em 14 pontos de venda, além de 1,5 mil eventos realizados anualmente. Após as medidas tomadas, verificou-se uma redução de 33% nas emissões de carbono por quilograma de alimento comprado, além da redução do uso de terra por quilograma de alimento da ordem de 28%, o que resultou ainda em aumento dos lucros.

Em 2017, a Universidade de Cambridge realizou um estudo que consistia em duplicar as opções de refeições à base de plantas em três cantinas de universidades diferentes, passando de $\frac{1}{4}$ para $\frac{1}{2}$ da oferta total. Foram analisadas mais de 94 mil refeições de estudantes nas três cantinas. (MONTEIRO, 2019). Como resultado, foi observada uma redução de 20% na escolha por refeições que continham carne, mas sem afetar o volume geral de vendas. Ou seja, a simples expansão de opções vegetarianas fez reduzir o consumo de carne.

Em Portugal, a prática de ofertar refeições vegetarianas nas universidades públicas já acontece há alguns anos. Contudo, este fato foi alavancado em virtude de um projeto de lei que deu seguimento a uma petição, com o objetivo de incluir opções vegetarianas em todas as

cantinas públicas. Conforme explica Brandão e Ávila (2020, p. 29), “assim foi criada a Lei n.º 11/2017 de 17 de Abril que estabelece a obrigatoriedade de existência de uma opção vegetariana nas ementas das cantinas e refeitórios públicos (mais precisamente, vegana)”.

De acordo com Cardoso (2018), quase 10% das refeições servidas nas instituições públicas de ensino superior de Portugal são vegetarianas, o que se traduz em 1475 refeições deste tipo frente a um total de 13.334 refeições diárias.

O percentual apresentado acima varia de acordo com cada universidade, sendo, por exemplo, da ordem de 16% nas universidades de Trás-os-Montes e Alto Douro. A Universidade do Porto segue a média nacional com 10%. O maior número de refeições foi verificado na Universidade Nova de Lisboa, que oferta um terço de pratos vegetarianos em relação ao total servido nas cantinas.

Segundo Cardoso (2018, p. 2), a oferta de refeições vegetarianas não é novidade para algumas universidades, “como é o caso da Nova de Lisboa (há 12 anos), do Porto (dez) e da Madeira (sete). No entanto, nem sempre as opções respondem às regras previstas na lei que as definem como ‘refeições que não contenham quaisquer produtos de origem animal’”. Neste sentido, a Universidade do Minho dispõe de opções ovolactovegetarianas (utilizam ovos, leite e derivados). Já a Universidade de Coimbra passou a oferecer duas opções de refeições: ovolactovegetariana e estritamente vegetariana.

Cabe destacar que a Universidade de Coimbra passou a eliminar, a partir de janeiro de 2020, o consumo de carne de vaca nos restaurantes da universidade. Esta medida faz parte do planejamento da universidade para torná-la a primeira instituição de ensino superior portuguesa neutra em carbono até 2030. (LUSA, 2019).

A Universidade de Helsinque, segundo Arioch (2019), programou o banimento da carne vermelha do cardápio de suas cantinas para a partir de fevereiro de 2020. Esta, que é considerada a maior universidade e a mais antiga da Finlândia, adotou essa modificação no cardápio em função dos impactos negativos da agropecuária. Assim, o objetivo é reduzir sua pegada de carbono em 11% ao ano.

A Universidade de Harvard, sediada em Massachusetts (EUA), passou a incluir a partir de 2017 uma opção de prato de proteína vegetal em todos os almoços e jantares de suas cantinas. Ao fim do ano letivo, verificou-se que foram servidas cerca de 47 mil libras (mais de 21 toneladas) a mais, quando comparado ao ano letivo de 2016.

Já a partir do ano letivo de 2019, o cardápio de pratos vegetarianos e veganos foi expandido, pois, segundo Arioch (2019), alguns chefes culinários responsáveis pelas refeições

de Harvard participaram do programa intensivo de culinária vegana promovido pela *Humane Society International*, onde são priorizados o uso de sementes, oleaginosas, legumes, frutas etc.

Outro exemplo vem da Universidade Gautam Buddha, sediada no Norte da Índia. Segundo Arioch (2019, p. 6), a instituição “formalizou o compromisso de servir quase um milhão de refeições veganas por ano a partir de 2020, assim substituindo muitas refeições que contam com alimentos e ingredientes de origem animal”.

3.3 Metodologia

Nesta seção, são apresentadas as etapas da metodologia, incluindo definição da população, da amostra, do instrumento de coleta de dados e do método de análise.

3.3.1 Definição do lócus de pesquisa

A população pesquisada foi delimitada aos professores, alunos e técnicos do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). De acordo com o sítio eletrônico do centro, este conta com cerca de 4.000 alunos, 135 professores e 90 técnicos. Cabe ressaltar que existe um fluxo de docentes, discentes e técnicos de outros centros que frequentam esporadicamente o CCSA para frequentar o restaurante do centro e por motivos diversos, assim como o inverso também ocorre.

O CCSA é composto por cinco Departamentos: Ciências Administrativas, Ciências Contábeis e Atuariais, Economia, Hotelaria e Turismo e Serviço Social; oito Cursos de Graduação: Administração, Ciências Atuariais, Ciências Contábeis nas modalidades presencial e EAD, Ciências Econômicas, Hotelaria, Secretariado, Serviço Social e Turismo; e oito Programas de Pós-Graduação: Administração (acadêmico e profissional), Ciências Contábeis, Economia, Gestão e Economia da Saúde, Gestão Pública, Hotelaria e Turismo, Serviço Social. A partir deste universo, foi calculada a amostra representativa.

3.3.2 Definição da amostra

O processo de definição da amostra tem como objetivo determinar uma quantidade proporcional e mínima de indivíduos que serão pesquisados, para que a amostra escolhida seja representativa da população pesquisada. Para tanto, são levadas em conta características como categoria (discente, docente, técnico-administrativo), gênero, dentre outras. De acordo com

Saraiva (2015), a fórmula estatística para definição de uma amostra para grandes populações é a seguinte:

$$N_0 = \frac{Z^2}{4 \times e^2}$$

O elemento z é o grau de confiança em desvios padrões, que usualmente varia de 90% a 99% e estabelece o intervalo de resultados possíveis dentro de uma amostra. Quanto maior o grau de confiança, maior o intervalo de resultados possíveis; e é a margem de erro desejada. Esta é a diferença entre a média encontrada na amostra para a média da população. A margem de erro é inversamente proporcional ao tamanho da amostra; N_0 é o tamanho da amostra. Neste estudo, o valor obtido de N_0 foi aplicado em uma fórmula utilizada para calcular o valor da amostra para populações menores. Segundo Ochoa (2015), a fórmula é a seguinte:

$$n = \frac{N \times N_0}{N + N_0 - 1}$$

Nesta fórmula, n é o valor da amostra e N é o valor total da população. Considerando que N seja 4.225 (somatório de docentes, discentes e técnicos do CCSA), $Z = 1,96$ (grau de confiança de 95%) e $n = 136$, obtém-se uma margem de erro de aproximadamente 8,30%. À medida que a margem de erro diminui, maior será o tamanho da amostra a ser pesquisada. Neste sentido, tomando por base o tempo para execução da pesquisa e as limitações operacionais para aplicação do instrumento de coleta de dados em grande escala, o presente estudo utilizou a margem apresentada.

3.3.3 Instrumento de coleta

A ferramenta utilizada para a coleta de dados do estudo foi o questionário. A fim de garantir um alcance de respondentes satisfatório, em menor tempo e de forma prática, a aplicação do questionário foi totalmente online, tendo sido elaborado por meio do Google Formulários. O critério de exclusão foi indivíduos com idade inferior a 18 anos. O questionário deste artigo também foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE, obtendo parecer favorável e registrado sob o código 48099321.8.0000.5208, referente ao Certificado de Apresentação de Apreciação Ética. O questionário que foi aplicado consta neste trabalho como o Apêndice B.

O questionário é dividido em 8 blocos de perguntas, chamadas de seções no Google Formulários. Na primeira seção constam perguntas não vinculadas diretamente ao vegetarianismo, com o objetivo de levantar dados sobre as variáveis gênero, faixa etária, curso, renda, dentre outros e posteriormente traçar um paralelo com as respostas obtidas nas seções seguintes para verificar se existe uma relação entre tais variáveis e o público vegetariano.

As seções de 2 a 5 são na verdade variações de uma mesma questão. A última pergunta da seção 1 inquirir ao respondente qual o seu vínculo com a universidade (estudante de graduação, de pós-graduação, docente ou técnico-administrativo), e a depender da alternativa selecionada, o respondente é direcionado para uma das seções entre 2 e 5, que perguntam qual o curso ou unidade de trabalho do indivíduo de acordo com a opção escolhida na pergunta anterior. Desta forma, pode-se conseguir um maior nível de detalhamento do perfil dos respondentes sem a necessidade de se criar um questionário para cada categoria.

A seção 6 é composta por duas perguntas. A primeira questiona de que forma o respondente se alimenta na universidade e a segunda deseja saber qual o estilo de alimentação do sujeito. Esta seção é responsável por direcionar o respondente ao próximo bloco de perguntas dependendo da alternativa selecionada. Assim, alternativas que dizem respeito à alimentação vegetariana direcionam o indivíduo para a seção 7. Já a alternativa sobre a dieta onívora direciona para a seção 8.

Na seção 7 são apresentadas perguntas específicas sobre o vegetarianismo. Assim, pretende-se obter dados sobre hábitos, comportamentos, motivos de adesão a esse estilo, e ainda perguntas acerca da oferta de opções e estrutura vegetariana na UFPE, no CCSA e adjacências, de modo que seja possível traçar um cenário sobre os indivíduos vegetarianos e sua relação com a instituição e o centro.

A seção 8 é destinada aos indivíduos que consomem alimentos de origem animal. O objetivo desta seção é identificar qual a percepção que este grupo possui sobre os indivíduos vegetarianos que compõem a comunidade acadêmica, assim como levantar qual a avaliação que o público onívoro tem sobre a estrutura oferecida na UFPE e no CCSA ao público vegetariano. De posse dos dados colhidos nesta seção, foi possível avaliar se o grupo onívoro demonstra apoio ou simpatia em algum nível à oferta de refeições vegetarianas na UFPE.

Estando elaborado o questionário em sua versão inicial, foi realizado o teste e ajuste do instrumento. Para tal, o questionário foi aplicado com um número reduzido de indivíduos a fim de se identificar inconsistências nas perguntas e demais ajustes que porventura fossem necessários.

Após pequenos ajustes e validação, o questionário foi enviado para mais respondentes, dando início à fase de implementação de fato do instrumento de pesquisa. Quanto à operacionalização do envio dos formulários para o artigo 2, este foi enviado por e-mail aos alunos, professores e técnicos do CCSA em julho de 2021, recebendo respostas até agosto do mesmo ano. A Diretoria do CCSA prestou apoio à pesquisa, solicitando aos chefes de departamento e coordenadores de curso a ampla divulgação do questionário entre os docentes, técnicos e alunos do centro.

3.3.4 Análise financeira

Nesta etapa, objetivou-se realizar a análise dos dados coletados com vistas a apresentar condições ao CCSA de inclusão de opções vegetarianas nas concessões de alimentação do centro. A análise consistiu em comparar o custo de produção marginal de um prato vegetariano/vegano versus um prato com alimentos de origem animal.

Assim, foi elaborada uma tabela contendo um cardápio semanal com propostas de refeições contendo proteína animal e refeições similares, mas com opções vegetarianas para substituir a carne. Foram tomados como base os estudos de Dutra (2014), Carvalho et al. (2013), Piccini (2014) e Silva et al. (2020). Uma vez que os valores dos alimentos apresentados em tais estudos são de anos anteriores à elaboração do presente trabalho, foi procedido o ajuste inflacionário dos mesmos, utilizando o Índice de Preços ao Consumidor (IPC).

A partir do cardápio montado, foi feita a análise comparativa de custo de cada item que compõe os pratos, bem como o valor total de cada preparo. Para cada dia da semana, foi calculado o valor das refeições para uma porção de 300g, de modo que se tenha uma base de comparação equivalente. Ao final, obteve-se um valor de custo médio para o cardápio semanal com carne versus o cardápio vegetariano, sendo o ponto de partida para verificar se é viável a oferta de refeições vegetarianas no CCSA.

3.3.5 Análise dos resultados

As variáveis envolvidas no estudo são do tipo quantitativo e estão divididas essencialmente em três grupos: variáveis sobre o perfil geral do indivíduo (faixa etária, gênero, renda média, grau de escolaridade, tipo de vinculação à universidade, dentre outras), variáveis sobre a dieta vegetariana (tempo de adoção da dieta, identificação da dieta, meios de

alimentação, oferta de opções vegetarianas na universidade, dentre outras) e variáveis sobre a dieta onívora, voltadas para os indivíduos que consomem proteína animal, mas podem colaborar para o enriquecimento do estudo ao responderem questões relacionadas à propensão a não consumir carne, relevância de restaurante vegetariano no centro acadêmico pesquisado, conhecimento de adeptos do vegetarianismo na instituição etc.

Na etapa de análise e tratamento dos dados obtidos, foram utilizadas as estatísticas descritiva e inferencial. Haja vista que o estudo de toda a população é inviável devido ao tamanho da mesma, com a utilização da estatística foram estimadas as características da população a partir dos dados coletados na amostra para assim chegar a conclusões com um certo grau de confiança, pois a amostra é representativa da população.

Na estatística descritiva, foram utilizadas ferramentas como média, mediana, moda e proporção. A estatística inferencial, por sua vez, utilizou um intervalo de confiança de 95%, assumindo que a amostra, por ser superior a 30 indivíduos, apresenta uma distribuição normal.

3.4 Apresentação e análise dos resultados

A pesquisa contou com 136 participantes. A partir das respostas, foi procedida a análise dos dados, cujos resultados serão apresentados nesta seção em duas etapas: primeiro, serão analisados os itens relativos ao público vegetariano no CCSA em paralelo ao público geral do centro. Também foram computadas as respostas dos indivíduos que informaram priorizar a dieta vegetariana, apesar de ainda consumirem proteína animal em um grau menor, a exemplo dos flexitarianos, uma vez que seu estilo de vida e alimentação demandam mais opções de vegetarianas do que animal, aspecto esse que deve ser levado em consideração para a tomada de decisões no CCSA. Assim, durante a apresentação dos resultados, o termo vegetariano se refere também aos flexitarianos e afins.

Na segunda etapa, as respostas do público que consome proteína animal sobre questões relacionadas ao vegetarianismo na CCSA serão analisadas. Este grupo é muito significativo na composição da comunidade acadêmica e tem influência para a formulação de ações na universidade. Portanto, é necessário compreender a percepção de indivíduos que não estão diretamente envolvidos com a temática pesquisada, mas que por conta da vivência diária na universidade, podem ter opiniões formadas sobre o vegetarianismo, seja por interação com vegetarianos, seja por observação no dia-a-dia.

Dos 136 participantes, 23 informaram ser vegetarianos em algum nível ou que priorizam uma dieta sem consumo de proteína animal, o que representa 16,9% do total da amostra. A seguir, a Tabela 8 apresenta os principais dados socioeconômicos dos indivíduos vegetarianos e que priorizam o vegetarianismo no CCSA em comparação com os consumidores de proteína animal (onívoros).

Tabela 8 - Comparativo do perfil de vegetarianos e onívoros no CCSA

Variável	Vegetarianos		Onívoros	
	n	%	n	%
Gênero				
Feminino	19	82,6	67	58,8
Masculino	4	17,4	47	41,2
Faixa etária				
18 a 20 anos	-	-	7	6,1
21 a 25 anos	5	21,7	19	16,7
26 a 30 anos	2	8,7	21	18,4
31 a 35 anos	4	17,4	16	14,0
36 a 40 anos	2	8,7	12	10,5
41 a 45 anos	2	8,7	7	6,1
46 a 50 anos	2	8,7	8	7,0
51 a 55 anos	1	4,3	8	7,0
56 a 60 anos	4	17,4	6	5,3
61 ou mais	1	4,3	10	8,8
Grau de escolaridade				
Médio completo	-	-	4	3,5
Superior incompleto	4	17,4	26	22,8
Superior completo	2	8,7	13	11,4
Especialização	3	13,0	13	11,4
Mestrado	6	26,1	31	27,2
Doutorado	8	34,8	27	23,7
Ocupação				
Estudante de graduação	5	21,7	35	30,7
Estudante de pós-graduação	4	17,4	29	25,4
Técnico-administrativo	4	17,4	18	15,8
Docente efetivo	7	30,4	30	26,3
Professor substituto	1	4,3	1	0,9
Pesquisadora	1	4,3	-	-
Técnica-administrativa e estudante de graduação	1	4,3	-	-
Aposentada	-	-	1	0,9
Renda mensal individual				
Até 1 salário mínimo	5	21,7	21	18,9
De 1 a 3 salários mínimos	5	21,7	30	27,0

De 3 a 7 salários mínimos	4	17,4	20	18,0
De 7 a 10 salários mínimos	2	8,7	14	12,6
De 10 a 20 salários mínimos	6	26,1	19	17,1
Acima de 20 salários mínimos	1	4,3	7	6,3
Raça/cor				
Branco(a)	13	56,5	53	48,2
Pardo(a)	5	21,7	50	45,5
Preto(a)	2	8,7	7	6,4
Amarelo(a)	2	8,7	-	-
Não informou	1	4,3	-	-
Religião/crença				
Não possui religião	7	30,4	21	18,9
Católica	8	34,8	38	34,2
Evangélica	3	13,0	15	13,5
Ateu	1	4,3	10	9,0
Agnóstico	1	4,3	6	5,4
Espírita	1	4,3	11	9,9
Deísta	-	-	3	2,7
Umbanda	-	-	1	0,9
Outros	-	-	2	1,8
Não quis informar	2	8,7	4	3,6

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Diferentemente do Restaurante Universitário, que é frequentado apenas por estudantes, os espaços do CCSA destinados a fornecer refeições atendem alunos, docentes e técnicos-administrativos, sejam do próprio centro ou ainda de outros centros, além do público externo em geral, que visitam o CCSA por motivos diversos. Portanto, o perfil de público vegetariano é diferenciado em vários aspectos.

A faixa etária do público vegetariano se destaca nos segmentos de 21 a 25, 31 a 35 e 56 a 60 anos, enquanto o grupo não-vegetariano é diversificado, mas com destaques para as faixas de 26 a 30 anos e acima de 61 anos. Esse espaçamento se justifica quando é observada a ocupação dos respondentes vegetarianos, onde os docentes efetivos são maioria (7 pessoas), seguidos por estudantes de graduação (5), técnicos-administrativos (4) e estudantes de pós-graduação (4). Portanto, além da faixa etária, as variáveis referentes ao grau de escolaridade e renda mensal individual obtiveram resultados variados, predominando no grupo vegetariano indivíduos com titulação de doutor e mestre, seguidos por ensino superior incompleto, ao passo que a renda mensal abrange desde menos de 1 salário mínimo a 7 salários, além do destaque para 10 a 20 salários, em decorrência dos docentes.

Por outro lado, quanto ao gênero, o público vegetariano feminino é maioria expressiva (82,6%), além de ser unanimidade nos demais estudos apresentados ao longo deste trabalho. Já dentre os respondentes onívoros, a proporção de gênero é mais equilibrada. Quanto à raça, a maioria dos respondentes vegetarianos se considera branco, representando mais da metade dos participantes, com menor expressividade de pardos, negros e demais raças, enquanto aqueles que se consideram pardos possuem relevantes 45% de representação no grupo onívoro, logo após os que se denominam brancos.

Já em relação à crença/religião, cabe destaque para o número percentual de indivíduos que não possuem religião entre os dois grupos, onde os vegetarianos figuram com 30,4% versus 18,9% dos onívoros. Os católicos e evangélicos, por sua vez, estão tecnicamente empatados na comparação entre os dois grupos. Uma vez que a amostra de respondentes vegetarianos é pequena, não é possível a realização de análises estatísticas mais aprofundadas com um grau de confiança razoável. Porém, a partir da análise proporcional dos dados, pode-se inferir que indivíduos que não possuem religião podem ser mais suscetíveis a serem vegetarianos. A seguir, a Tabela 9 apresenta como os indivíduos vegetarianos do CCSA se autodenominam quanto ao estilo de vida/alimentação.

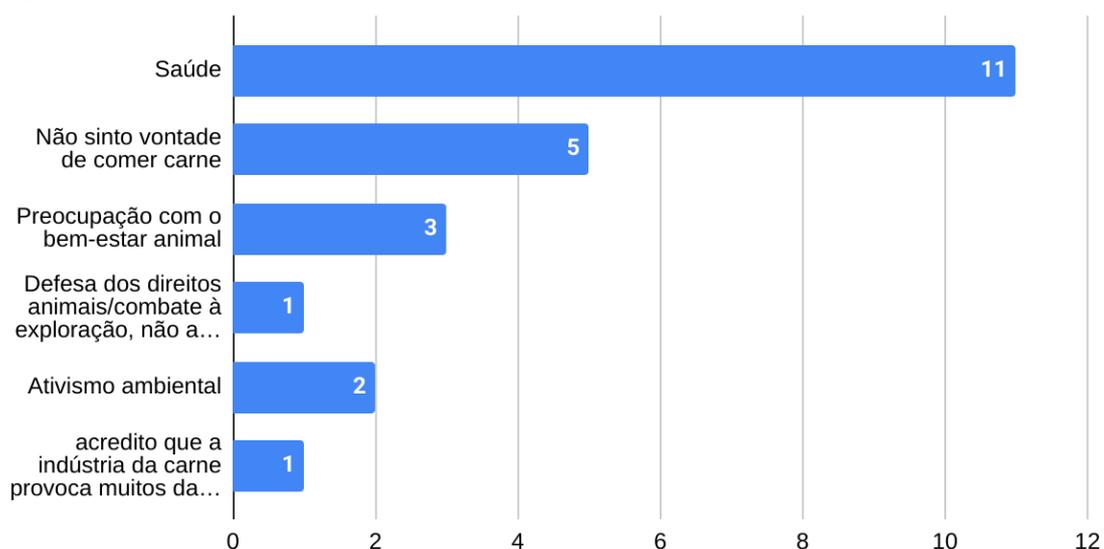
Tabela 9 - Classificação dos indivíduos adeptos do vegetarianismo no CCSA

Variável	Vegetarianos	
	n	%
Tipo de dieta/estilo de vida		
Flexitariano(a)	16	69,6
Ovolactovegetariano(a)	5	21,7
Vegano(a)	1	4,3
Não especificou	1	4,3

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Similarmente ao questionário aplicado no RU, os flexitarianos também são maioria quanto ao estilo de alimentação (69,6%), ficando os ovolactovegetarianos em segundo lugar (21,7%). Observa-se, portanto, que o grau de restrição alimentar a insumos de origem animal é relativamente baixo, uma vez que os flexitarianos ainda podem consumir carne eventualmente e, além disso, os ovolactovegetarianos são a vertente menos restritiva em termos de alimentos de origem animal por consumir ovos e derivados do leite. A Figura 12 demonstra os principais motivos da adoção do estilo vegetariano.

Figura 12 - Motivos para a adoção do estilo de alimentação vegetariano por frequentadores do CCSA



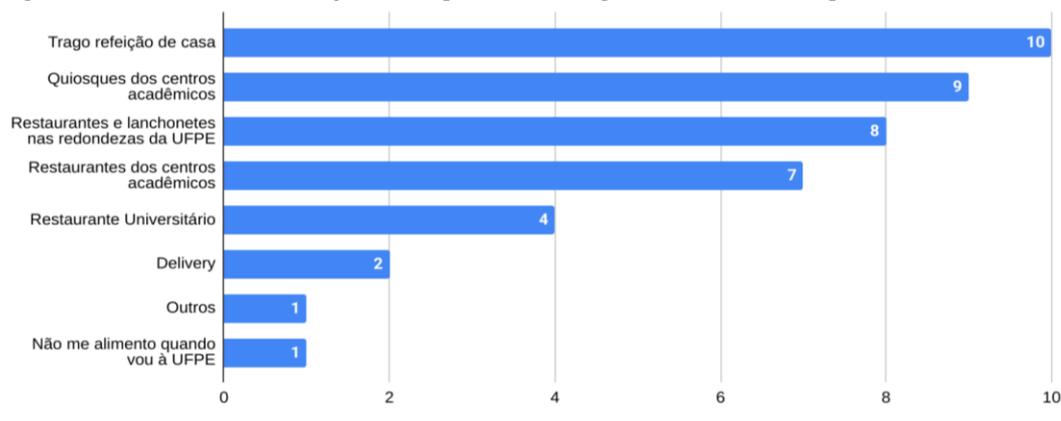
Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A redução ou eliminação do consumo de alimentos de origem animal como meio de contribuir para a saúde foi destacadamente o fator mais citado, com 11 citações, bem à frente do segundo colocado. A atenção à saúde pode estar relacionada com a faixa etária dos participantes, uma vez que quase 44% deles estão acima dos 40 anos. Portanto, é razoável que a decisão de não consumir alimentos de origem animal seja norteadada pela busca da saúde a longo prazo.

Quando perguntados se a adesão ao vegetarianismo ou priorização de proteínas vegetais ocorreu após o ingresso na UFPE, 11 (47,8%) dos respondentes afirmaram que já eram adeptos do estilo de alimentação/vida antes de ingressar na UFPE. Já 7 (30,4%) aderiram a esse estilo de alimentação após ingresso na UFPE e a convivência na instituição influenciou nesta decisão. Em contrapartida, 5 (21,7%) indivíduos informaram mudar o estilo de alimentação após ingressar na UFPE, porém, sem sofrer influência da instituição.

A necessidade de aprofundar a análise do nicho vegetariano na UFPE e mais especificamente no CCSA é reforçada pelos 65% de respondentes que consideram que a UFPE não oferece uma boa estrutura e adequação ao público vegetariano e vegano. Além disso, em pergunta aberta questionando se há melhorias que poderiam ser aplicadas no CCSA para atender o público vegetariano e/ou vegano, em síntese, as respostas convergiram para maior necessidade de ofertas veganas. Portanto, buscou-se saber de que maneira os participantes se alimentam quando estão na instituição. A Figura 13 apresenta os resultados.

Figura 13 - Meios de alimentação de frequentadores vegetarianos do CCSA quando estão no centro

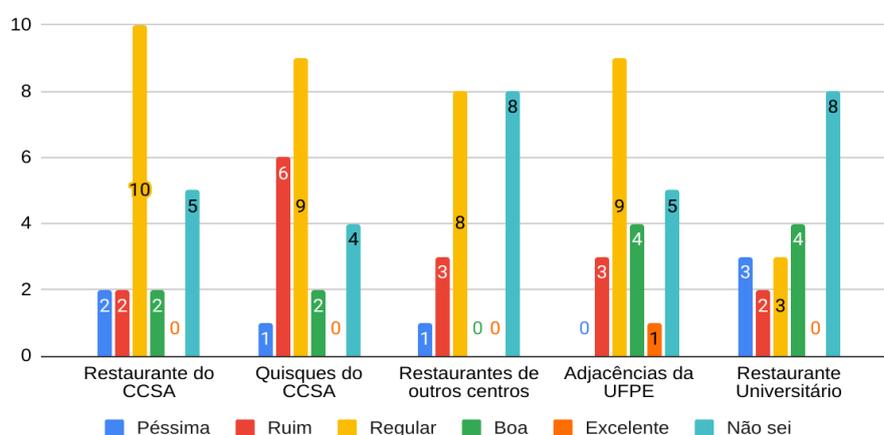


Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Observa-se na figura acima que a opção de trazer refeição de casa é a mais citada, enquanto os restaurantes dos centros acadêmicos, neste caso, o CCSA, fica em quarto lugar, atrás de restaurantes e lanchonetes das adjacências da UFPE e dos quiosques dos centros. A baixa adesão relativa aos restaurantes dos centros demonstra uma possível deficiência destes na oferta de opções vegetarianas, associado a preços mais elevados quando comparado com as demais opções mais citadas.

A fim de verificar com mais detalhe essa questão, a seguir são apresentadas na Figura 14 as opiniões dos participantes quanto à variedade de opções vegetarianas em diversos locais.

Figura 14 - Avaliação da oferta de opções vegetarianas em diversos locais por frequentadores vegetarianos do CCSA



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

De modo geral, a oferta de opções vegetarianas nos locais definidos na Figura 14 foi avaliada como regular, com algumas ressalvas: Os restaurantes de outros centros obtiveram 8 respostas “não sei”, bem como o Restaurante Universitário, o que representa 40% das respostas para estes dois lugares. Estes locais foram incluídos na questão para abranger respondentes que

possivelmente frequentam ou frequentaram estes locais. Contudo, o alto percentual de participantes que marcaram não saber informar reforça que estes locais são pouco frequentados por membros do CCSA. A Tabela 10 retrata os parâmetros estatísticos descritivos para esta questão.

Tabela 10 - Parâmetros descritivos da avaliação de ofertas vegetarianas em locais diversos por usuários vegetarianos do CCSA

Item	Péssima		Ruim		Regular		Boa		Excelente		Não sei		M od a	Med iana
	Fa*	Fp** (%)	Fa	Fp (%)	Fa	Fp (%)	Fa	Fp (%)	Fa	Fp (%)	Fa	Fp (%)		
Restaurante do CCSA	2	9,52%	2	9,52%	10	47,62%	2	9,52%	0	0,00%	5	23,81%	3	3
Quiosques do CCSA	1	4,55%	6	27,27%	9	40,91%	2	9,09%	0	0,00%	4	18,18%	3	3
Restaurantes de outros centros	1	5,00%	3	15,00%	8	40,00%	0	0,00%	0	0,00%	8	40,00%	3	3
Adjacências da UFPE	0	0,00%	3	13,64%	9	40,91%	4	18,18%	1	4,55%	5	22,73%	3	3
Restaurante Universitário	3	15,00%	2	10,00%	3	15,00%	4	20,00%	0	0,00%	8	40,00%	6	4

*Frequência absoluta

**Frequência proporcional

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Vale ressaltar que os quiosques do CCSA obtiveram a pior avaliação em comparação aos demais locais, quando somadas as opções “péssima” e “ruim”, representando quase 32% do total. Curiosamente, os quiosques são o segundo local mais frequentado, conforme visto na Figura 13, apesar da alta taxa de reprovação. O valor reduzido e o caráter mais prático e rápido de consumo dos produtos oferecidos nos quiosques podem ser o motivo da alta utilização deste local, apesar das avaliações negativas.

Quanto ao valor da moda e mediana, a avaliação dos locais como regulares é a opção que mais se repete e o valor central no geral, enquanto o alto número de repetições para “não sei” no RU indica que este é um local pouco frequentado pelos respondentes da pesquisa.

Em seguida, do mesmo modo da pesquisa no Restaurante Universitário, no CCSA também foi questionado se os participantes são ativistas de alguma causa ou movimento, uma

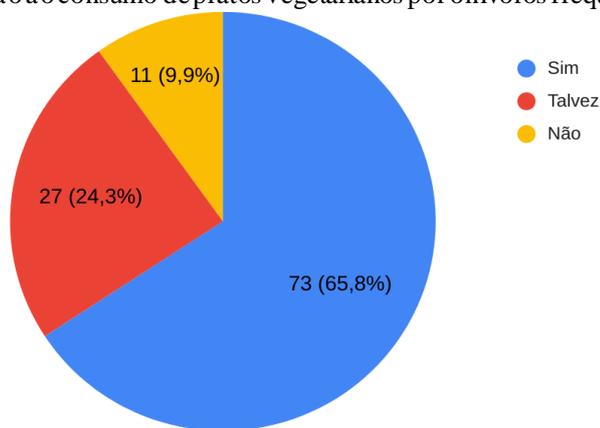
vez que a pluralidade de cursos e indivíduos pode trazer à tona a relação do vegetarianismo com movimentos sociais, por exemplo.

Como resultado, 26% dos respondentes (06 indivíduos) afirmaram fazer parte de algum movimento, que são de naturezas variadas, a saber: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; ativismo vegano; contra abandono e maus tratos animais; projeto Adote um vira-lata; Movimento em defesa da reforma sanitária e reforma psiquiátrica; questões ambientais, em especial a sanitária.

A partir de agora, são apresentadas as opiniões dos participantes que não são vegetarianos. Foram 113 indivíduos que se declararam nessa categoria. Quando perguntados se conhecem pessoas adeptas do vegetarianismo na UFPE, 65,8% responderam que “sim”, enquanto 27,9% respondeu “não” e 6,3% “talvez”. Este fato é um indicativo da necessidade de mais ações voltadas ao grupo vegetariano. Neste sentido, 91% de onívoros afirmou que considera importante que a UFPE ofereça opções vegetarianas/veganos nos restaurantes dos campi.

Para saber a propensão do público onívoro a consumir opções vegetarianas/veganos, foi perguntado se em um restaurante comum, mas que também oferece pratos vegetarianos/veganos, estariam dispostos a consumir esses pratos. As respostas são mostradas na Figura 15.

Figura 15 - Disposição ao consumo de pratos vegetarianos por onívoros frequentadores do CCSA



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

O resultado positivo de 65,8%, bem como os 24,3% que responderam “talvez”, são boas indicações de que o aumento da oferta de opções vegetarianas, bem como o aprimoramento das preparações nos espaços fornecedores de alimentação, suprirão a demanda por este tipo de alimento, como também atenderá a parcela do público que apesar de consumir carne, também

se beneficiará com mais opções no cardápio. Vale destacar que 60,3% dos respondentes afirmaram nunca ter sido vegetariano e nem pretende ser, enquanto 33,3% nunca foi vegetariano, mas já teve a intenção de se tornar.

3.4.1 Análise financeira

Quanto à análise financeira, o presente estudo propõe analisar o aspecto financeiro relativo à inclusão de pratos vegetarianos/veganos ou o aumento da oferta dos mesmos nos restaurantes dos centros acadêmicos, bem como o Restaurante Universitário, tomando como base a literatura existente sobre o tema, considerando o custo da matéria-prima. Para tanto, foi elaborada a Tabela 10, que contém um cardápio de segunda a sexta-feira, com uma proposta de refeição com carne e uma refeição similar sem carne para cada dia da semana.

Conforme introduzido na metodologia, a composição das refeições para cada semana foi baseada majoritariamente no estudo de Dutra (2014), que teve como objetivo a elaboração das fichas técnicas de algumas preparações servidas no RU da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Os dados do item “frango grelhado” foram obtidos de Carvalho et al. (2013). Após a montagem das propostas de refeição com carne para cada dia da semana, foram montadas as propostas vegetarianas a partir da substituição da proteína animal por opções vegetarianas ou veganas. Os dados dos pratos vegetarianos/veganos foram colhidos dos estudos de Piccini (2014) e Silva et al. (2020).

Quanto ao ajuste inflacionário dos valores dos itens alimentares a partir do Índice de Preços ao Consumidor (IPC), o índice de correção aplicado de 2014 para 2021 foi 1,59. No caso do estudo de Carvalho et al. (2013), a pesquisa foi realizada em 2011, sendo o índice de correção no valor de 1,91. Já o estudo de Silva et al. (2020) teve dados coletados em 2017, e, portanto, o índice aplicado foi de 1,26. A Tabela 11 é apresentada a seguir.

Tabela 11 - Comparativo de cardápio semanal hipotético de preparações com carne e sem carne

	Preparações COM carne				Preparações SEM carne			
	Item	Porção (g)	Valor em 2014 (R\$)	Valor corrigido IPC (1,59)	Item	Porção (g)	Valor em 2014 (R\$)	Valor corrigido IPC (1,59)
Segunda-feira	Feijão macassar	57,59	0,27	0,43	Feijão macassar	57,59	0,27	0,43
	Arroz Refogado com Cenoura	46,62	0,11	0,17	Arroz Refogado com Cenoura	46,62	0,11	0,17
	Vinagrete	42,21	0,16	0,25	Hambúrguer de aveia e cenoura (ovolactovegetariana)**	120	0,38	0,48
	Misto de Carne (charque e calabresa)	64,74	0,73	1,16	Molho de couve-flor (vegano)**	120	0,16	0,20
	Salada Crua 3 (alface, tomate, acelga e azeite)	42,29	0,23	0,37	Salada Crua 3 (alface, tomate, acelga e azeite)	42,29	0,23	0,37
	Total	253,45	1,5	2,39	Total	386,5	1,15	1,65
	Total para 300g	300	1,78	2,82	Total para 300g	300	0,89	1,28
	Terça-feira	Feijão preto	53,8	0,27	0,43	Lentilha	40	0,3
Arroz refogado		45,74	0,11	0,17	Arroz refogado	45,74	0,11	0,17
Peixe Frito		148,31	2,18	3,47	Ovo cozido	50	0,15	0,24
Farofa carioca		30,55	0,17	0,27	Farofa carioca	30,55	0,17	0,27
Vinagrete		42,21	0,16	0,25	Vinagrete	42,21	0,16	0,25
Salada crua 2 (alface, pepino, cenoura e limão)		43,87	0,16	0,25	Salada crua 2 (alface, pepino, cenoura e limão)	43,87	0,16	0,25
Total		364,48	3,05	4,85	Total	252,37	1,05	1,67
Total para 300g		300	2,51	3,99	Total para 300g	300	1,25	1,98
Quarta-feira	Feijão carioca	53,29	0,26	0,41	Feijão carioca	53,29	0,26	0,41
	Arroz com Brócolis	63,05	0,19	0,30	Arroz com Brócolis	63,05	0,19	0,30
	Fígado ao Molho	81,68	0,44	0,70	Escondidinho vegetariano (ovolactovegetariana)**	120	0,99	1,25
	Salada de Legumes	57,2	0,24	0,38	Salada de Legumes Cozidos 2	57,2	0,24	0,38

	Cozidos 2 (cenoura, batata inglesa e chuchu)				(cenoura, batata inglesa e chuchu)			
	Salada Crua 1 (repolho roxo, repolho branco e cebola)	29,13	0,17	0,27	Salada Crua 1 (repolho roxo, repolho branco e cebola)	29,13	0,17	0,27
	Total	284,35	1,3	2,07	Total	322,67	1,85	2,61
	Total para 300g	300	1,37	2,18	Total para 300g	300	1,72	2,43
Quinta-feira	Feijão macassar	57,59	0,27	0,43	Feijão macassar	57,59	0,27	0,43
	Arroz com Milho Verde	56,57	0,15	0,24	Arroz com Milho Verde	56,57	0,15	0,24
	Frango grelhado*	68	0,5	0,96	Hambúrguer de grão de bico (vegano)**	120	0,48	0,60
	Salada Crua 3 (alface, tomate, acelga e azeite)	42,29	0,23	0,37	Salada Crua 3 (alface, tomate, acelga e azeite)	42,29	0,23	0,37
	Farofa D'água	24,53	0,13	0,21	Molho de couve-flor (vegano)**	120	0,16	0,20
	Total	248,98	1,28	2,20	Total	396,45	1,29	1,84
	Total para 300g	300	1,54	2,65	Total para 300g	300	0,98	1,39
Sexta-feira	Arroz refogado	45,74	0,11	0,17	Arroz refogado	45,74	0,11	0,17
	Strogonoff de Carne	174,24	1,9	3,02	Strogonoff de soja (ovo lacto vegetariano)	100	0,8	1,27
	Salada crua 2 (alface, pepino, cenoura e limão)	43,87	0,16	0,25	Salada crua 2 (alface, pepino, cenoura e limão)	43,87	0,16	0,25
	Vina grete	42,21	0,16	0,25	Vina grete	42,21	0,16	0,25
	Total	306,06	2,33	3,70	Total	231,82	1,23	1,96
	Total para 300g	300	2,28	3,63	Total para 300g	300	1,59	2,53
	MÉDIA***	R\$ 3,05			MÉDIA***	R\$ 1,92		

* Valor de 2011. Índice de correção: 1,91. ** Valor de 2017. Índice de correção: 1,26.

*** Soma dos valores "Total para 300g" corrigidos pelo IPC de todos os dias, dividido por 5.

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A fim de que se tenha uma base de comparação equivalente entre os pratos com carne e vegetarianos, foi calculado o valor das refeições para uma porção de 300g, para cada dia da semana. A partir da análise da tabela acima, observa-se que em todos os dias, com exceção da quarta-feira, as refeições vegetarianas/veganos são mais baratas do que as refeições contendo proteína animal.

No apanhado geral, considerando todos os dias, tem-se que o valor médio das refeições com proteína animal foi R\$ 3,05, enquanto as médias das alternativas vegetarianas/veganos foi R\$ 1,92, o que representa uma redução de 37% no valor médio.

Portanto, pode-se considerar que a inclusão ou aumento da oferta de pratos vegetarianos/veganos nos restaurantes e cantinas do CCSA, bem como da UFPE, é viável. Mais do que isso, esse aumento da oferta beneficia não apenas o público vegetariano, pois, conforme observado na Figura 15, a maioria dos respondentes que consomem carne se mostrou disposta a consumir opções vegetarianas caso oferecidas nos restaurantes e quiosques.

Resultado similar foi verificado em um estudo encomendado pela Sociedade Vegetariana Brasileira (2021), e executado em fevereiro de 2021 em todo o Brasil pela consultoria Inteligência em Pesquisa e Consultoria (Ipec). Foi constatado que 32% dos respondentes afirmaram que escolhem uma opção vegana quando essa opção é informada pelo estabelecimento alimentar. Além disso, constatou-se que 46% dos respondentes já não consomem carne pelo menos uma vez na semana, por vontade própria.

A Tabela 11 apresentou uma proposta diversificada de preparos vegetarianos, incluindo opções ovo-lacto-vegetarianas e veganas, por exemplo, para que se tenha um valor médio de custo. Contudo, é importante destacar que a oferta de pratos veganos é preferível perante as demais vertentes vegetarianas, pois um indivíduo ovo-lacto-vegetariano ou lacto-vegetariano pode consumir um prato vegano, mas o inverso não é possível. Além disso, é essencial que os pratos veganos sejam devidamente sinalizados nos restaurantes, uma vez que a verificação apenas visual normalmente não é suficiente para distinguir os ingredientes utilizados.

3.5 Considerações finais

A pesquisa realizada no CCSA evidenciou aspectos característicos do centro, que se diferenciam da pesquisa realizada no RU (Ensaio 1), cujos frequentadores são predominantemente alunos. Uma diferença interessante é o principal motivo para adoção do

estilo de vida vegetariano, onde os frequentadores do RU afirmaram o bem-estar animal como principal motivo, enquanto no CCSA, a saúde foi o principal motivo.

Esta diferença está relacionada à diversidade do público frequentador do centro. Docentes compõem uma parcela importante do público vegetariano e simpatizante, ao lado dos estudantes e técnicos-administrativos, o que indica uma diversidade de público sob o ponto de vista de idade, poder aquisitivo, cultura etc. Esta diversidade também é verificada no público que consome carne. Neste sentido, a necessidade de haver no CCSA locais para refeição (restaurantes, quiosques) com propostas variadas de cardápio e preço é imperativa para atender à demanda diária do centro, desde alunos que não podem gastar valores altos até docentes cuja prioridade é o ambiente e o alimento, em detrimento do valor.

O fato da maioria dos respondentes vegetarianos e simpatizantes ter informado que traz refeições de casa sugere a necessidade de maior atenção do CCSA para com esse público, ao exigir dos restaurantes licitados mais variedade, qualidade e preços acessíveis. A análise financeira do cardápio semanal apresentada na seção anterior é um indicativo inicial de que o aumento da oferta de preparos sem alimentos de origem animal é viável e será muito bem aceito pelo público do CCSA.

4. CONCLUSÃO GERAL

A temática vegetariana é bastante ampla, envolve vários campos de estudo, seja econômico, sociológico, nutricional, dentre outros. Conseqüentemente, a importância do vegetarianismo pode ser discutida sob vários pontos de vista e níveis de análise. Por exemplo, a redução do consumo e produção de carne e derivados possui um impacto positivo em termos ambientais para todo o planeta. Mas, este benefício é o resultado de ações e escolhas individuais daqueles que optaram por mudar seu estilo de alimentação e de vida pelos mais diversos motivos.

O fato é que o movimento vegetariano ganha força ao longo dos anos e movimentos como o Segunda sem Carne são incentivos à descoberta de novos sabores e possibilidades de alimentação mais conscientes e sustentáveis, que podem inclusive compor o cardápio dos indivíduos que não pretendem deixar de consumir proteína animal, mas ao menos reduzir esse consumo.

Assim, a geração jovem atual, conectada globalmente e com acesso rápido à informação, possui um papel crucial na disseminação da prática vegetariana e na conscientização dos benefícios relacionados, aumentando a demanda por produtos não apenas vegetarianos, mas saudáveis e naturais. O mercado percebeu essa demanda e busca atender de modo mais abrangente o público vegetariano. Observa-se que produtos e pratos vegetarianos/veganos estão cada vez mais presentes nos mercados e restaurantes. Esta realidade também é verificada no meio acadêmico, onde os Restaurantes Universitários e demais unidades alimentares das instituições de ensino precisam se adequar às necessidades de seu público.

Os restaurantes universitários possuem um papel que vai muito além da simples função de oferecer refeições para a comunidade acadêmica. Por possuírem uma proposta de alimentação a baixo custo, principalmente para os estudantes, os RUs cumprem uma função social no escopo da assistência estudantil, uma vez que muitos discentes chegam a depender da alimentação oferecida pelos RUs para se manterem e continuarem estudando. Além disso, os restaurantes universitários são espaços para socialização, recebendo um fluxo diário de frequentadores com preferências e necessidades alimentares diversificadas.

Portanto, cabe aos restaurantes universitários a prestação de um serviço de qualidade, de modo a contribuir com a promoção da saúde de seus frequentadores. Esse processo inclui compreender que dentre o público dos RUs, estão aqueles que consomem proteína animal, os vegetarianos, veganos, intolerantes à lactose, intolerantes ao glúten etc. E com isso, vem o

desafio de oferecer refeições que atendam às necessidades e restrições dos frequentadores, balanceadas nutricionalmente, dentro das possibilidades operacionais e de custo.

Assim, o estudo realizado no Restaurante Universitário da UFPE, localizado no Campus Recife, buscou compreender melhor o perfil dos indivíduos que utilizam essa estrutura, com foco no vegetarianismo. Os resultados encontrados revelam a necessidade de maior atenção para com esse público, haja vista que o nível de satisfação aferido poderia ser mais positivo quanto ao serviço voltado aos vegetarianos e ainda que este tipo de alimentação também interessa a muitas pessoas que não são vegetarianas, mas que desejam reduzir o consumo de alimentos de origem animal.

Com este resultado em pauta, o estudo também se dispõe a ser uma fonte de informações que possam contribuir com a gestão da UFPE em se tratando de assistência estudantil voltada às minorias, a exemplo dos vegetarianos. Neste sentido, uma sugestão de ação seria a UFPE apoiar os indivíduos em transição a uma dieta vegetariana para o fazerem de forma segura, com a orientação nutricional adequada.

Similarmente aos restaurantes universitários, nos centros acadêmicos estão presentes estabelecimentos que também possuem a função de atender à comunidade acadêmica, porém, com características operacionais e finalísticas diferentes. Nos centros há restaurantes, quiosques e cantinas licitados para a prestação do serviço conforme contrato com a instituição, cujo objetivo final desses estabelecimentos é a obtenção de lucro. Contudo, não pode ser colocada à parte a responsabilidade de disponibilização de refeições que atendam ao público diversificado dos centros.

No caso do CCSA, o fluxo de docentes, discentes e técnicos do próprio centro é grande, além de indivíduos que visitam o centro esporadicamente. Todo este público tem perfis socioeconômicos diversificados, motivo pelo qual o presente estudo se propôs a estudar esse quesito. Como resultado, observou-se que a demanda por refeições vegetarianas no centro é uma necessidade ainda a ser sanada. Neste sentido, sugere-se à administração do centro que o incremento de opções vegetarianas nos restaurantes e quiosques do CCSA seja incentivado e acordado no contrato de prestação de serviço dos estabelecimentos.

A temática abordada neste estudo ainda é um campo muito fértil para maiores aprofundamentos, seja na UFPE, seja em outras instituições, haja vista que a construção do conhecimento é constante e a conjuntura social, econômica e cultural brasileira vem se modificando a partir da popularização do vegetarianismo. Por exemplo, pesquisas futuras poderiam abordar o conceito de ambiente alimentar e seu reatamento no vegetarianismo.

Espera-se ainda que este estudo também sirva como incentivo para a realização de pesquisas similares com outros grupos e minorias que possuem diversas restrições alimentares, de modo a fomentar ações que promovam a inclusão e o bem-estar destes indivíduos.

5. REFERÊNCIAS

ALVIM, Nuno. **De onde vem a palavra vegetariano?** 2019. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/10/01/p3/cronica/onde-vem-palavra-vegetariano-1888325>. Acesso em: 17 jul. 2020.

ANDIFES. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES.** 2018. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-dos-Estudantes-de-Gradua%C3%A7%C3%A3o-das-Universidades-Federais-1.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

ARAVENA, Javiera et al. Dietas vegetarianas en alumnos universitarios. **Revista chilena de pediatría**, v. 91, n. 5, p. 705-710, 2020. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0370-41062020000500705&script=sci_arttext. Acesso em: 27 ago. 2021.

ARIOCH, David. **Universidades apostam em alimentos à base de plantas.** 2019. Disponível em: <https://vegazeta.com.br/universidades-apostam-em-alimentos-a-base-de-plantas/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

AUR, Deise. **Por que mulheres são maioria no Movimento Vegano? Cadê os homens?** 2021. Disponível em: <https://www.greenme.com.br/alimentar-se/vegetariano-e-vegano/79534-mulheres-movimento-vegano/>. Acesso em: 23 set. 2021.

BAROKE, Simone. **Top 10 Global Consumer Health and Wellness Trends for 2014.** 2014. Disponível em: <https://blog.euromonitor.com/top-10-global-consumer-health-and-wellness-trends-for-2014/>. Acesso em: 21 mar. 2020.

BARROS, Karoline Sampaio et al. Vegetarianismo entre ingressantes de uma universidade pública no sul do Brasil, 2018. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [S.L.], v. 29, n. 4, p. 1-11, ago. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742020000400009>.

BRANDÃO, Isa; ÁVILA, Helena. **Análise da presença no refeitório escolar da dieta vegetariana.** Acta Portuguesa de Nutrição, n. 20, p. 26-31, 2020.

BRAUCKS, Ingrid Silva *et al.* **Conhecimento Nutricional e Perfil de Adultos Vegetarianos Residentes no Estado Do Rio de Janeiro / Nutritional Knowledge and Profile of Vegetarian Adults Resident in The State of Rio de Janeiro.** Brazilian Journal Of Development, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 1140-1155, 2021. Brazilian Journal of Development. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n1-077>.

BRODY, Jane E.. **Carne bovina contribui para doenças e mudança climática, diz estudo.** 2019. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/nytiw,carne-bovina-contribui-para-doencas-e-mudanca-climatica-diz-estudo,70002806101>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CARDOSO, Margarida David. **Quase 10% das refeições servidas nas universidades são vegetarianas.** 2018. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2018/02/13/sociedade/noticia/quase-10-das-refeicoes-servidas-nas-universidades-sao-vegetarianas-1802926>. Acesso em: 30 jan. 2021.

CARREIRO, Juliana. **Pesquisas recentes comprovam que o vegetarianismo faz bem à saúde**. 2018. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/comida-de-verdade/pesquisas-recentes-comprovam-que-o-vegetarianismo-faz-bem-a-saude/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CARVALHO, Ana Clara Martins e Silva; CABRAL, Hélia Cristina do Couto; MORAIS, Mariana Patrício de. COMPOSIÇÃO NUTRICIONAL E CUSTO DE PREPARAÇÕES DE RESTAURANTES POR PESO. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 23-38, maio 2013. ISSN 2238-913X. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/3597/4355>. Acesso em: 14 dez. 2021. doi:<https://doi.org/10.12957/demetra.2013.3597>.

CAVALHEIRO, Calíli Alves; VERDU, Fabiane Cortez; AMARANTE, Juliana Marangoni. **Difusão do vegetarianismo e veganismo no Brasil a partir de uma perspectiva de transnacionalização**. Revista eletrônica Ciências da Administração e Turismo, v. 6, n. 1, p. 51-67, 2018.

CHAVES, Fabio. **UNESP oferecerá acompanhamento nutricional de graça aos que quiserem retirar produtos animais**. 2017. Disponível em: <https://www.vista-se.com.br/unesp-oferecera-acompanhamento-nutricional-de-graca-aos-que-quiserem-retirar-produtos-animais/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

COUCEIRO, Patricia; SLYWITCH, Eric; LENZ, Franciele. **Padrão alimentar da dieta vegetariana**. *einstein*, v. 6, n. 3, p. 365-373, 2008.

CURY, Maria Eduarda. **Vegetarianos têm 22% menos chances de problemas cardíacos, diz estudo**. 2019. Disponível em: <https://exame.com/ciencia/vegetarianos-tem-22-menos-chances-de-problemas-cardiacos-diz-estudo/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DALMASO, Isabela. **Como montar um prato saudável e vegano**. 2020. Disponível em: <https://portalvegano.com.br/blog/post/como-montar-prato-vegano-saudavel#:~:text=Com%20isso%20em%20mente%2C%20quando,%2C%20claro%2C%20beber%20muita%20C3%A1gua!>. Acesso em: 20 jan. 2022.

DIAS, Fernando Rodrigues Teixeira et al. **Consumo mundial de carne bovina com crescimento menor nos próximos anos**. 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/documents/1355108/51748908/Boletim+CiCarne+43-2021.pdf/0ac3fd8f-607c-92c8-3c3c-228f7a4f5b0e>. Acesso em: 27 ago. 2021.

DIAS, Gabriel *et al.* **O que é amostragem**. 2018. Disponível em: <https://www.aquare.la/o-que-e-amostragem/>. Acesso em: 29 mar. 2021.

DONEDA, Divair et al. Vegetarianismo muito além do prato: ética, saúde, estilos de vida e processos de identificação em diálogo. **Revista Ingesta**, v. 2, n. 1, p. 176-199, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaingesta/article/view/167795>. Acesso em: 27 ago. 2021.

DUTRA, Larissa Maria Gomes et al. **Elaboração de fichas técnicas de preparações servidas no restaurante universitário da Universidade Federal de Campina Grande– UFCG, campus de Cuité/PB**. 2014. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/9899>. Acesso em: 12 dez. 2021.

FEITOSA, Eline Prado Santos *et al.* **Hábitos alimentares de estudantes de uma universidade pública no Nordeste, Brasil**. *Alim Nutr*, v. 21, n. 2, p. 225-30, 2010.

FERNANDES, Ana Clara Soares. A Interseção entre o Veganismo e o Feminismo. **Revista Discente Planície Científica**, v. 2, n. 1, p. 155-164, 2020.

FERNANDES, Raphael. **Universidades cariocas adaptam cardápios sem carne com crescimento de vegetarianos**. 2019. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/universidades-cariocas-adaptam-cardapios-sem-carne-com-crescimento-de-vegetarianos>. Acesso em: 16 jul. 2020.

FRAUCA, Juan Revenga. **É mais saudável ser vegetariano?** 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/09/estilo/1455014252_014459.html. Acesso em: 20 mar. 2020.

FREIRIA, Caroline A. et al. **Campanha de Comunicação Ahimsa-Vegan Life**. *Revista Eletrônica de Comunicação*, v. 12, n. 1, 2017.

GAZETA DO POVO. **No país do churrasco, 63% dos brasileiros quer reduzir o consumo de carne**. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/plantao/63-por-cento-brasileiros-quer-reduzir-o-consumo-de-carne/>. Acesso em: 23 jul. 2020.

HOUSE, Laura. **Revealed: The key diet trend predictions for 2020 - including plant-based 'everything', banana flour and pastas made from legumes**. 2019. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/femail/article-7796115/The-five-key-diet-trend-predictions-2020.html>. Acesso em: 09 out. 2021.

IBGE. **Censo demográfico 2010 - características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: 04 abr. 2021.

INFORME BRASIL. **Nem todo alimento vegano é saudável: descubra os motivos**. Descubra os motivos. 2020. Disponível em: <https://www.informebrasil.com.br/nem-todo-alimento-vegano-e-saudavel-descubra-os-motivos/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

JOY, Melanie. **Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não**. São Paulo: Cultrix, 2014.

JUNIOR, Fernando de Jesus Moreira et al. Satisfação dos usuários do restaurante universitário da Universidade Federal de Santa Maria: uma análise descritiva. **Revista Sociais e Humanas**, v. 28, n. 2, p. 83-108, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/sociaisehumanas/article/viewFile/14891/pdf>. Acesso em: 27 ago. 2021.

LOPES, Reinaldo José. **Europeu moderno é versão 'light' do homem de Cro-Magnon, mostra DNA**. 2008. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL648470-5603,00-EUROPEU+MODERNO+E+VERSAO+LIGHT+DO+HOMEM+DE+CROMAGNON+MOS+TRA+DNA.html>. Acesso em: 27 mar. 2021.

LUSA. **Universidade de Coimbra elimina carne de vaca das cantinas universitárias**. 2019. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/09/17/p3/noticia/universidade-coimbra-elimina-carne-vaca-cantinas-universitarias-1886892>. Acesso em: 17 jul. 2020.

MEDIAVILLA, Daniel. **Os últimos sobreviventes da espécie humana mais longeva**. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/18/ciencia/1576670079_866525.html. Acesso em: 27 mar. 2021.

MONTEIRO, Renata. **Com mais opções vegetarianas nas cantinas, há menos interessados na carne**. 2019. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/10/01/p3/noticia/com-mais-opcoes-vegetarianas-nas-cantinas-ha-menos-interessados-na-carne-1888383>. Acesso em: 17 jul. 2020.

NUNES, Ernesto Luiz Marques *et al.* **Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo**. 2010. Disponível em: <https://sapiencia.pucsp.br/handle/handle/4199>. Acesso em: 20 jul. 2020.

OBERST, Lindsay. **Why the Global Rise in Vegan and Plant-Based Eating Isn't A Fad (600% Increase in U.S. Vegans + Other Astounding Stats)**. 2018. Disponível em: <https://foodrevolution.org/blog/vegan-statistics-global/>. Acesso em: 27 mar. 2021.

OCHOA, Carlos. **Amostragem probabilística: Amostra aleatória simples**. 2015. Disponível em: <https://www.netquest.com/blog/br/blog/br/amostra-probabilistica-aleatoria-simples>. Acesso em: 13 maio 2021.

O'LEARY, Zina. **Como fazer seu projeto de pesquisa: guia prático**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2019.

OLIVEIRA, Camila. **Como as religiões veem o consumo de carne**. 2019. Disponível em: <https://mercyforanimals.org.br/blog/como-as-religies-veem-o-consumo-de-carne-2/#:~:text=Para%20os%20judeus%2C%20o%20ato,que%20os%20judeus%20consumam%20carne>. Acesso em: 28 mar. 2021.

ORELLANA, Ligia María; SEPÚLVEDA, José Andrés; DENEGRI, Marianela. **Psychological meaning of eating meat, vegetarianism and healthy diet in university students: a natural semantic network study**. Revista Mexicana de Trastornos Alimentarios, v. 4, n. 1, p. 15-22, 2013.

PICCINI, Robson Sotoriva. **Plano de negócios para abertura de um restaurante vegetariano**. 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/117456>. Acesso em 15 dez. 2021.

PINHEIRO, Gilberto. **Dieta vegetariana em expansão no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://oregional.net/dieta-vegetariana-em-expansao-no-brasil-101596>. Acesso em: 17 jul. 2020.

PRODANOV, C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, Carolina Andrade; SOLIGUETTI, Debora Fernanda Gonsalves; DO AMARAL MORETTI, Sérgio Luiz. **As principais dificuldades para vegetarianos se tornarem veganos: um estudo com o consumidor brasileiro**. DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde, v. 13, n. 3, p. 535-554, 2018.

RIBEIRO, Ursula Leite. **A ascensão do consumo ético de produtos vegetarianos e veganos no mercado brasileiro**. Observatorio de la Economía Latinoamericana, n. julio, 2019.

ROCHA, Luciana Uchoa et al.. **O CONSUMIDOR VEGANO E AS CORPORAÇÕES: UM ESTUDO SOBRE O DILEMA DO ENGAJAMENTO EM BOICOTES OU BUYCOTTS**. In: Anais do VI Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. Anais...Recife(PE) UFPE, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/vicbeo/171709-O-CONSUMIDOR-VEGANO-E-AS-CORPORACOES--UM-ESTUDO-SOBRE-O-DILEMA-DO-ENGAJAMENTO-EM-BOICOTES-OU-BUYCOTTS>>. Acesso em: 05/03/2022

ROCHADEL, André. **Plant based não é o mesmo que veganismo ou vegetarianismo**. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/gastronomia/comer/plant-based-nao-e-o-mesmo-que-veganismo-ou-vegetarianismo>. Acesso em: 20 mar. 2020.

RODRIGUES, Cali; GOMES, Eder. **Vegetarianismo o estilo de vida que vem conquistando os brasileiros**. 2019. Disponível em: <http://www.jornalismo.ufv.br/focca/2019/05/02/vegetarianismo-o-estilo-de-vida-que-vem-conquistando-os-brasileiros/>. Acesso em: 17 jul. 2020.

SARAIVA, Fernando. **Erro amostral e tamanho da amostra: por que isso importa?** 2018. Disponível em: <https://solucx.com.br/erro-amostral-e-tamanho-da-amostra-por-que-isso-importa/>. Acesso em: 13 maio 2021.

SILVA, J. M. da .; SANTANA, I.; CARDOSO, A. M. .; PEREZ, P. M. P. . Desenvolvimento de preparações culinárias vegetarianas para restaurante universitário de uma universidade pública localizada na Cidade do Rio de Janeiro. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e567997512, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.7512. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7512>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SOUZA, Robson Fernando de. **Por que os dados sobre veganos e vegetarianos no Brasil são enganosos, por Robson de Souza**. 2020. Disponível em: <https://www.portalveg.com.br/noticias/opiniao/por-que-os-dados-sobre-veganos-e-vegetarianos-no-brasil-sao-enganosos-por-robson-de-souza/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SVB. **Mercado Vegetariano**. 2017. Disponível em: <https://www.svb.org.br/vegetarianismo/mercado-vegetariano>. Acesso em: 21 mar. 2020.

_____. **Guia "Opção Vegana" ajudará restaurantes a implantar opções sem produtos animais.** 2018. Disponível em: <https://www.svb.org.br/2457-guia-opcao-vegana-ajudara-restaurantes-a-implantar-opcoes-sem-produtos-animais>. Acesso em: 03 mar. 2022.

_____. **Pesquisa do IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil.** 2018. Disponível em: <https://www.svb.org.br/2469-pesquisa-do-ibope-aponta-cresci%E2%80%A6>. Acesso em: 20 mar. 2020.

_____. **Público flexitariano fortalece mercado de proteínas alternativas.** 2020. Disponível em: <https://www.svb.org.br/2597-publico-flexitariano-fortalece-mercado-de-proteinas-alterantivas>. Acesso em: 25 ago. 2021.

_____. **Brasileiros reduzem consumo de carne; estabelecimentos se adaptam, revela IPEC.** 2021. Disponível em: <https://www.svb.org.br/2648-brasileiros-reduzem-consumo-de-carne-estabelecimentos-se-adaptam-revela-nova-pesquisa-do-ipecc>. Acesso em: 19 jan. 2022.

VEGAN SOCIETY. **Definition of veganism.** 2017. Disponível em: <https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism>. Acesso em: 17 nov. 2021.

VOITCH, Talita Boros. **Mercado Gastronômico #01: as oportunidades de negócio do vegetarianismo e veganismo.** As oportunidades de negócio do vegetarianismo e veganismo. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/mercado-e-setor/mercado-gastronomico-as-oportunidades-de-negocio-vegetarianismo/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

WHORTON, James C. Historical development of vegetarianism. The American journal of clinical nutrition, v. 59, n. 5, p. 1103S-1109S, 1994.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DO ARTIGO 1

Apresentação

A presente pesquisa tem a finalidade de traçar o perfil alimentar dos membros da UFPE que frequentam ou frequentaram o Restaurante Universitário do Campus Recife, associado a aspectos socioeconômicos, com foco no vegetarianismo. Porém, a pesquisa pode ser respondida por todos, sendo vegetarianos ou não.

A pesquisa é totalmente anônima, objetiva e breve. Não serão solicitados dados pessoais dos respondentes.

Este estudo é parte componente da dissertação de mestrado do aluno Carlos Henrique Maciel Cabral, mestrando do curso de Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste - MGP/CCSA, sob a orientação do Prof. Marcos Roberto Góis de Oliveira.

*Obrigatório

1. 1. Gênero: *

Marcar apenas uma oval.

- Masculino
 Feminino
 Outro: _____

2. 2. Faixa Etária: *

Marcar apenas uma oval.

- 15 a 20 anos
 21 a 25 anos
 26 a 30 anos
 31 a 35 anos
 36 a 40 anos
 41 a 45 anos
 46 a 50 anos
 51 a 55 anos
 56 a 60 anos
 61 ou mais

3. 3. Grau de escolaridade: *

Marcar apenas uma oval.

- Fundamental incompleto
 Fundamental completo
 Médio incompleto
 Médio completo
 Superior incompleto
 Superior completo
 Especialização
 Mestrado
 Doutorado
 Outro: _____

4. 4. Você é: *

Marcar apenas uma oval.

- Estudante
 Docente efetivo
 Professor Substituto
 Técnico-administrativo
 Outro: _____

5. 5. A qual centro/núcleo/órgão está vinculado (a)? *

Marcar apenas uma oval.

- CB - Centro de Biociências
- CAC - Centro de Artes e Comunicação
- CCM - Centro de Ciências Médicas
- CCS - Centro de Ciências da Saúde
- CFCH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas
- CTG - Centro de Tecnologia e Geociências
- CCSA - Centro de Ciências Sociais Aplicadas
- CE - Centro de Educação
- CIN - Centro de Informática
- CCEN - Centro de Ciências Exatas e da Natureza
- CCJ - Centro de Ciências Jurídicas
- CAV - Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão
- CAA - Centro Acadêmico do Agreste
- Reitoria (incluindo Pró-Reitorias)
- Biblioteca Central
- Editora Universitária
- Hospital das Clínicas
- Núcleo de Educação Física e Desportos
- Núcleo de Saúde Pública
- Núcleo de TV e Rádios Universitárias
- STI - Superintendência de Tecnologia da Informação
- SINFRA - Superintendência de Infraestrutura
- SSI - Superintendência de Segurança Institucional
- Restaurante Universitário
- Colégio de Aplicação
- LIKA - Laboratório de Imunopatologia Keiso Asami
- Centro de Convenções da UFPE

6. 6. Renda mensal individual:

Marcar apenas uma oval.

- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 3 salários mínimos
- De 3 a 7 salários mínimos
- De 7 a 10 salários mínimos
- De 10 a 20 salários mínimos
- Acima de 20 salários mínimos
- Outro: _____

7. 7. Quanto à raça/cor, você se autodeclara: *

Marcar apenas uma oval.

- Branco(a)
- Preto(a)
- Pardo(a)
- Amarelo(a)
- Indígena
- Outro: _____

8. 8. Quanto à religião/crença: *

Marcar apenas uma oval.

- Católica
- Evangélica
- Espírita
- Judeu
- Adventista
- Budista
- Islâmico
- Mórmon
- Umbanda
- Candomblé
- Não possuo religião
- Sou ateu
- Sou agnóstico
- Sou deísta
- Não quero informar
- Outros

Estilo de alimentação

9. 9. De acordo com as alternativas a seguir, qual estilo de alimentação melhor lhe define? *

Marcar apenas uma oval.

- Como carne normalmente. Não sou adepto(a) do vegetarianismo/veganismo.
Pular para a pergunta 20
- Estou em processo de adaptação a uma dieta vegetariana/vegana
Pular para a pergunta 10
- Flexitariano(a) - Consome carne esporadicamente, mas prioriza uma dieta sem carnes
Pular para a pergunta 10
- Vegetariano(a) - Não consome carne alguma, ovos e laticínios (leite, queijo, iogurte etc.)
Pular para a pergunta 10
- Ovolactovegetariano(a) - Não consome carne alguma, mas consome ovos e laticínios
Pular para a pergunta 10
- Ovovegetariano(a) - Não consome carne alguma, nem laticínios, mas consome ovos
Pular para a pergunta 10
- Lactovegetariano(a) - Não consome carne alguma, nem ovos, mas consome laticínios
Pular para a pergunta 10
- Vegano(a) - Não consome nada de origem animal (alimentos, vestuário, beleza etc.)
Pular para a pergunta 10
- Outro: _____

Informações específicas

10. 10. Qual o principal motivo para a adoção do seu estilo de alimentação? *

Marcar apenas uma oval.

- Saúde
- Preocupação com o bem-estar animal
- Ativismo ambiental
- Não sinto vontade de comer carne
- Outro: _____

11. 11. Quem ou o que influenciou sua decisão de adotar esse estilo de alimentação? *

Marcar apenas uma oval.

- Um(a) amigo(a) vegetariano(a)
- Um parente vegetariano
- Um(a) colega de trabalho vegetariano(a)
- Um(a) colega de faculdade/escola vegetariano(a)
- O contato com um material (livro, vídeo, site, etc) sobre os benefícios do vegetarianismo
- O contato com um material (livro, vídeo, site, etc) sobre o sofrimento dos animais
- Não sei
- Outro: _____

12. 12. Você aderiu a esse estilo de alimentação após ingressar na UFPE? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim. A vivência na instituição me influenciou a tomar essa decisão
- Sim, mas a vivência na instituição não foi determinante para minha decisão
- Não. Já era vegetariano(a)/vegano(a) antes de ingressar na UFPE
- Outro: _____

13. 13. De que modo você se alimenta quando está na UFPE? *

É possível marcar mais de uma resposta

Marque todas que se aplicam.

- Trago refeição de casa
- Restaurante Universitário
- Restaurantes dos centros acadêmicos
- Quiosques dos centros acadêmicos
- Restaurantes e lanchonetes nas redondezas da UFPE
- Delivery
- Não me alimento quando vou à UFPE

Outro: _____

14. 14. Você considera que a UFPE oferece uma boa estrutura e adequação ao público vegetariano e vegano? *

Termo "vegetariano" utilizado em sentido amplo

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Sim, apenas para os vegetarianos
- Sim, apenas para os veganos
- Não
- Não sei

15. 15. Com base na resposta da pergunta anterior, há melhorias que poderiam ser aplicadas na UFPE para melhor atender ao público vegetariano e/ou vegano?

Termo "vegetariano" utilizado em sentido amplo. Não havendo melhorias a citar, pular para a próxima questão.

16. 16. Avalie a oferta de opções vegetarianas nos seguintes locais: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Péssima	Ruim	Regular	Boa	Excelente	Não sei informar
Restaurante Universitário	<input type="radio"/>					
Restaurantes dos centros acadêmicos	<input type="radio"/>					
Quiosques dos centros acadêmicos	<input type="radio"/>					
Restaurantes e lanchonetes das redondezas da UFPE	<input type="radio"/>					

17. 17. Você é ativista de alguma causa/movimento? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

18. 18. Se a resposta à pergunta anterior foi "sim", qual a causa/movimento?

19. 19. Com que frequência você frequenta/frequentava o Restaurante Universitário? *

Marcar apenas uma oval.

- 2 ou mais vezes por semana *Pular para a pergunta 25*
 Alguns dias por mês *Pular para a pergunta 25*
 Alguns dias por ano *Pular para a pergunta 25*
 Nunca frequentei o Restaurante Universitário
 Outro: _____

Dieta carnívora

20. 20. Você já foi vegetariano(a) ou teve a intenção de adotar essa dieta? *

Marcar apenas uma oval.

- Já fui vegetariano(a) mas voltei a consumir carne
 Nunca fui vegetariano(a) mas já tive a intenção de ser
 Nunca fui vegetariano(a) e não pretendo ser
 Outro: _____

21. 21. Na UFPE, você conhece pessoas adeptas do vegetarianismo/veganismo? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez
 Outro: _____

22. 22. Você considera importante que a UFPE ofereça opções vegetarianas/veganas nos restaurantes dos campi? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Não sei
 Outro: _____

23. 23. Supondo-se que um restaurante ofereça, além de carnes, diversas opções de pratos vegetarianos/veganos, você estaria disposto(a) a consumir esses pratos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez
 Outro: _____

24. 24. Caso já tenha frequentado o Restaurante Universitário, você também optava/opta por opções vegetarianas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sempre *Pular para a pergunta 25*
 Muitas vezes *Pular para a pergunta 25*
 Poucas vezes *Pular para a pergunta 25*
 Nunca
 Nunca frequentei o Restaurante Universitário
 Outro: _____

Restaurante Universitário

25. 25. Em quais anos você frequentou/frequenta o Restaurante Universitário? *

Pode marcar mais de uma opção.

Marque todas que se aplicam.

- 2015
 2016
 2017
 2018
 2019
 2020
Outro: _____

26. 26. Você considera a oferta de opções vegetarianas do Restaurante Universitário satisfatória? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Não sei
 Outro: _____

27. 27. Como você avalia os seguintes aspectos voltados aos vegetarianos no Restaurante Universitário? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Péssima	Ruim	Regular	Boa	Excelente	Não sei informar
Qualidade dos pratos vegetarianos	<input type="radio"/>					
Variedade dos pratos vegetarianos	<input type="radio"/>					
Organização dos pratos comuns e vegetarianos no momento de se servir	<input type="radio"/>					

28. 28. O que poderia ser melhorado no Restaurante Universitário em relação ao público vegetariano e/ou vegano?

Termo "vegetariano" utilizado em sentido amplo. Não havendo melhorias a citar, deixar em branco.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DO ARTIGO 2

Apresentação - Questionário CCSA

A presente pesquisa tem a finalidade de traçar o perfil alimentar dos estudantes, técnicos e professores do CCSA, associado a aspectos socio-econômicos, com foco no vegetarianismo/veganismo. Porém, a pesquisa pode ser respondida por todos, sendo vegetarianos ou não.

A pesquisa é totalmente anônima. Não serão solicitados dados pessoais dos respondentes.

Este estudo é parte componente da dissertação de mestrado do aluno Carlos Henrique Maciel Cabral, mestrando do curso de Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste - MGP/CCSA, sob a orientação do Prof. Marcos Roberto Góis de Oliveira.

**Obrigatório*

1. 1. Gênero: *

Marcar apenas uma oval.

- Masculino
 Feminino
 Outro: _____

2. 2. Faixa Etária: *

Marcar apenas uma oval.

- 15 a 20 anos
 21 a 25 anos
 26 a 30 anos
 31 a 35 anos
 36 a 40 anos
 41 a 45 anos
 46 a 50 anos
 51 a 55 anos
 56 a 60 anos
 61 ou mais

3. 3. Grau de escolaridade: *

Marcar apenas uma oval.

- Fundamental incompleto
 Fundamental completo
 Médio incompleto
 Médio completo
 Superior incompleto
 Superior completo
 Especialização
 Mestrado
 Doutorado
 Outro: _____

4. 4. Qual seu vínculo com a universidade? *

Em caso de múltiplas respostas, selecionar a de maior relevância.

Marcar apenas uma oval.

- Estudante de graduação *Pular para a pergunta 5*
 Estudante de pós-graduação *Pular para a pergunta 6*
 Docente efetivo *Pular para a pergunta 7*
 Professor Substituto *Pular para a pergunta 7*
 Técnico-administrativo *Pular para a pergunta 8*
 Outro: _____

Estudante de Graduação

5. 5. Qual seu curso? *

Marcar apenas uma oval.

- Ciências Administrativas
- Ciências Econômicas
- Ciências Contábeis
- Ciências Atuariais
- Serviço Social
- Secretariado
- Hotelaria
- Turismo
- Outro

Pular para a pergunta 9

Estudante de Pós-Graduação

6. 5. A qual programa/curso está vinculado(a)? *

Marcar apenas uma oval.

- MPA - Mestrado Profissional em Administração
- PPGSS - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social
- PROPAD - Programa de Pós-Graduação em Administração
- PPGCC - Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis
- PIMES - Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas
- PPHTUR - Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo
- PPGGES - Programa de Pós-Graduação em Gestão e Economia da Saúde
- MGP - Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste
- PROFNIT - Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação

Pular para a pergunta 9

Docente

7. 5. A qual departamento está vinculado(a)? *

Marcar apenas uma oval.

- Ciências Contábeis e Atuariais
- Ciências Administrativas
- Ciências Econômicas
- Hotelaria e Turismo
- Serviço Social
- Outro

Pular para a pergunta 9

Técnico

8. 5. A qual departamento ou unidade está vinculado(a)? *

Marcar apenas uma oval.

- Serviço Social
- Hotelaria e Turismo
- Ciências Econômicas
- Ciências Administrativas
- Ciências Contábeis e Atuariais
- Biblioteca Setorial
- Coordenação Setorial Acadêmica
- Núcleo de Apoio à Tecnologia da Informação - NATI
- Coordenação de Infraestrutura, Finanças e Compras - CIFC
- Outra unidade do CCSA

Pular para a pergunta 9

Estilo de alimentação

9. 6. De que modo você se alimenta quando está na UFPE? *

É possível marcar mais de uma resposta

Marque todas que se aplicam.

- Trago refeição de casa
- Restaurante Universitário
- Restaurantes dos centro acadêmico
- Quiosques do centro acadêmico
- Restaurantes e lanchonetes nas redondezas da UFPE
- Delivery
- Não me alimento quando estou na UFPE

Outro: _____

10. 7. De acordo com as alternativas a seguir, qual estilo de alimentação melhor lhe define? *

Marcar apenas uma oval.

- Como carne normalmente. Não sou adepto(a) do vegetarianismo/veganismo.
Pular para a pergunta 23
- Estou em processo de adaptação a uma dieta vegetariana/vegana
- Flexitariano(a) - Consome carne esporadicamente, mas prioriza uma dieta sem carnes
- Vegetariano(a) - Não consome carne alguma, ovos e laticínios (leite, queijo, iogurte etc.)
- Ovolactovegetariano(a) - Não consome carne alguma, mas consome ovos e laticínios
- Ovovegetariano(a) - Não consome carne alguma, nem laticínios, mas consome ovos
- Lactovegetariano(a) - Não consome carne alguma, nem ovos, mas consome laticínios
- Vegano(a) - Não consome nada de origem animal (alimentos, vestuário, beleza etc.)
- Outro: _____

Informações específicas

11. 8. Qual o principal motivo para a adoção do seu estilo de alimentação? *

Marcar apenas uma oval.

- Saúde
- Preocupação com o bem-estar animal
- Ativismo ambiental
- Não sinto vontade de comer carne
- Outro: _____

12. 9. Quem ou o que influenciou sua decisão de adotar o estilo de alimentação? *

Nas alternativas, o termo "vegetariano" já engloba as vertentes do vegetarianismo.

Marcar apenas uma oval.

- Um(a) amigo(a) vegetariano(a)
- Um parente vegetariano
- Um(a) colega de trabalho vegetariano(a)
- Um(a) colega de faculdade/escola vegetariano(a)
- O contato com um material (livro, vídeo, site, etc) sobre os benefícios do vegetarianismo
- O contato com um material (livro, vídeo, site, etc) sobre o sofrimento dos animais
- Não sei
- Outro: _____

13. 10. Você aderiu a esse estilo de alimentação/vida após ingressar na UFPE? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim. A vivência na instituição me influenciou a tomar essa decisão
- Sim, mas a vivência na instituição não foi determinante para minha decisão
- Não. Já era adepto desse estilo de alimentação/vida antes de ingressar na UFPE
- Outro: _____

14. 11. Você considera que a UFPE oferece uma boa estrutura e adequação ao público vegetariano e vegano? *

Termo "vegetariano" utilizado em sentido amplo

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Sim, apenas para os vegetarianos
- Sim, apenas para os veganos
- Não
- Não sei
- Outro: _____

15. 12. Com base na resposta da pergunta anterior, há melhorias que poderiam ser aplicadas no CCSA para melhor atender ao público vegetariano e/ou vegano?

Termo "vegetariano" utilizado em sentido amplo. Não havendo melhorias a citar, pular para a próxima questão.

16. 13. E em relação à UFPE de modo geral, há melhorias que poderiam ser aplicadas para melhor atender ao público vegetariano e/ou vegano?

Termo "vegetariano" utilizado em sentido amplo. Não havendo melhorias a citar, pular para a próxima questão.

17. 14. Avalie a oferta de opções vegetarianas nos seguintes locais: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Péssima	Ruim	Regular	Boa	Excelente	Não sei informar
Restaurante do CCSA	<input type="radio"/>					
Quiosques do CCSA	<input type="radio"/>					
Restaurantes de outros centros acadêmicos	<input type="radio"/>					
Restaurantes e lanchonetes das redondezas da UFPE	<input type="radio"/>					
Restaurante Universitário	<input type="radio"/>					

18. 15. Você é ativista de alguma causa/movimento? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

19. 16. Se a resposta à pergunta anterior foi "sim", qual a causa/movimento?

Caso a resposta à pergunta anterior tenha sido "não", pular para a próxima questão.

20. 17. Renda mensal individual:

Marcar apenas uma oval.

- Até 1 salário mínimo
- De 1 a 3 salários mínimos
- De 3 a 7 salários mínimos
- De 7 a 10 salários mínimos
- De 10 a 20 salários mínimos
- Acima de 20 salários mínimos
- Outro: _____

21. 18. Quanto à raça/cor, você se autodeclara: *

Marcar apenas uma oval.

- Branco(a)
- Preto(a)
- Pardo(a)
- Amarelo(a)
- Indígena
- Outro: _____

22. 19. Quanto à religião/crença: *

Marcar apenas uma oval.

- Católica
- Evangélica
- Espírita
- Judeu
- Adventista
- Budista
- Islâmico
- Mórmon
- Umbanda
- Candomblé
- Não possuo religião
- Sou ateu
- Sou agnóstico
- Sou deísta
- Não quero informar
- Outros

Dieta carnívora

23. 20. Você já foi vegetariano(a) ou teve a intenção de adotar essa dieta? *

Marcar apenas uma oval.

- Nunca fui vegetariano(a) e não pretendo ser
- Nunca fui vegetariano(a) mas já tive a intenção de ser
- Já fui vegetariano(a) mas voltei a consumir carne
- Outro: _____

24. 21. Na UFPE, você conhece pessoas adeptas do vegetarianismo/veganismo? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez
- Outro: _____

25. 22. Você considera importante que a UFPE ofereça opções vegetarianas/veganas nos restaurantes dos campi? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não sei
- Outro: _____

26. 23. Supondo-se que um restaurante comum ofereça, além de carnes, diversas opções de pratos vegetarianos/veganos, você estaria disposto(a) a consumir esses pratos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Talvez
- Outro: _____